



YUDY ALEJANDRA VELEZ GIRALDO

Despojo y retorno: reconquista de la identidad rural de Granada, Antioquia, Colombia
(2009-2020)

São Paulo- SP

2022

YUDY ALEJANDRA VÉLEZ GIRALDO

Despojo y retorno: reconquista de la identidad rural de Granada, Antioquia, Colombia
(2009-2020)

Disertación presentada en el Programa de Posgraduación en Desarrollo Territorial en América Latina y Caribe (TerritoriAL), del Instituto de Política Públicas y Relaciones Internacionales (IPPRI) de la Universidad Estatal Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito para obtención del título de Magister en Desarrollo Territorial de América Latina y el Caribe, en el área de profundización de “Desarrollo Territorial” en la línea de investigación de “Campesino Capitalismo y tecnología”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (área de Geografia) na área de concentração “Desenvolvimento territorial”, na linha de pesquisa, “Campesinato, Capitalismo e tecnologias”

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Carvalhal

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Flórez.

São Paulo – SP

2022

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Velez Giraldo, Yudy Alejandra.

V436 Despojo y retorno : reconquista de la identidad rural de Granada, Antioquia, Colombia (2009-2020) / Yudy Alejandra Velez Giraldo. – São Paulo, 2022.
149 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Marcelo Dornelis Carvalhal.

Coorientador: Carlos Alirio Florez.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), São Paulo, 2022.

1. Geografia rural. 2. Desenvolvimento rural – Colômbia. 3. Comunidades rurais – Colômbia – História. 4. Camponeses – Colômbia. I. Título.

CDD 301.350986

IMPACTO POTENCIAL DE LA INVESTIGACIÓN

En este mundo globalizador los ritmos se aceleran, cada vez más hay procesos de desplazamiento, pero las experiencias también brindan luces y orientaciones para los procesos de retorno. De ahí radica la importancia de esta investigación de nombra un proceso de retorno, de reconstrucción social donde inciden campesinas y campesinos, pero al mismo tiempo empresas con los intereses mercantiles. Entender los procesos de construcción social independientes y los permeados por el estado, es un ítem importante para definir los enfoques de desarrollo que apunta un territorio en movimiento, en reconstrucción.

IMPACTO POTENCIAL DA PESQUISA

Neste mundo globalizado, os ritmos aceleram, há cada vez mais processos de deslocamento, mas as experiências também fornecem luz e orientação para os processos de retorno. Daí reside a importância desta pesquisa, que nomeia um processo de retorno, de reconstrução social onde estão os camponeses, mas ao mesmo tempo, empresas com interesses comerciais. Compreender os processos de construção social independentes e permeados pelo Estado é um item importante para definir as abordagens de desenvolvimento voltadas para um território em movimento, em reconstrução.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

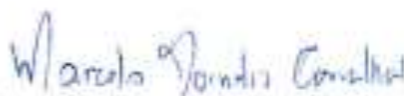
In this globalizing world, rhythms accelerate, there are increasingly displacement processes, but experiences also provide light and guidance for return processes. Hence lies the importance of this research, which names a process of return, of social reconstruction where peasants, but at the same time, companies with commercial interests. Understanding the processes of independent social construction and those permeated by the state is an important item to define the development approaches aimed at by a territory in movement, in reconstruction.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ALEJANDRA VELEZ GIRALDO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, DO INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

Aos 29 dias do mês de abril do ano de 2022, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de YUDY ALEJANDRA VELEZ GIRALDO, intitulada **"Despojo y Retorno: Reconquista de la identidad rural de Granada, Antioquia, Colombia 2009-2020"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MARCELO DORNELIS CARVALHAL (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) / Unesp / Campus de Ourinhos, Prof(a). Dr(a). SILVIA APARECIDA DE SOUSA FERNANDES (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, PROFESSOR DOUTOR JORGE RAMON MONTENEGRO GÓMEZ (Participação Virtual) do(a) Departamento de Geografia / UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final Aprovado.

Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MARCELO DORNELIS CARVALHAL



**PROF. DR. DAVIS GRUBER
SANSOLO**

Coordenador do Programa de Pós-
Graduação em Desenvolvimento
Territorial na América Latina e Caribe

AGRADECIMIENTOS

Agradezco a cada ser con quien me he topado, porque de todas y todos he aprendido: todos somos maestros, espejos, aprendices. ¿Es casualidad encontrarnos? Existiendo miles de millones de personas, ¿es casualidad que nos topemos para descubrir propósitos? Gratitud a mis padres y hermanas, quienes son la base de lo que soy, el amor ilimitado que hace todo posible; a mis familiares (abuelas, abuelos, tíos, tías, primas y amigas, amigos, los vecinos campesinas y campesinos de la vereda el Roble y las alledañas), quienes me han acompañado, enseñado a tejer, confiar, sembrar. Estos seres son la principal motivación e inquietud para adentrarme en esta investigación.

Agradezco a las instituciones donde he pertenecido, a las experiencias que me han brindado las habilidades para nombrar; a estos lugares que han permitido ampliar el panorama personal como el Movimientos sin tierra (MST), la Escuela Florestan Fernandes que nos abrigó para percibir la multiplicidad de formas de vida y, a la Universidad Estadual de Sao Paulo (UNESP) que, junto con la asesoría de los profesores Marcelo Carvalhal y Carlos Alirio Flórez, me han permitido ampliar la visión para comprender realidades a través de conceptos para.

Gratitud a los caminos tejidos en los viajes y las colectividades como Movete y Oropendolas quienes son la acción para la defensa de la vida y su diversidad, y por último, honro a las diferentes comunidades campesinas, indígenas y afro con sus formas de aprender y enseñar a través de sus lugares, me han llevado a reconocer historias olvidadas, saberes ancestrales y sobre todo, me han permitido entender la naturalidad del retornar para escuchar y trascender.

RESUMEN

En el contexto mundial, el desplazamiento y el retorno son constantes en la movilización social. Por eso, la presente investigación se pregunta sobre cómo los campesinos de la vereda San Estaban, El Roble y el Edén re-territorializan la cuenca del río San Matías durante el proceso de retorno, inquietándose por el área de estudio del desarrollo como un proceso económico y estructural que coarta, rige, represa y monoculturiza la vida y la diversidad que configura un espacio. Dicha pregunta obedece a la necesidad de historiar al campesino como práctica social que en ocasiones disocia con los enfoques desarrollistas de un estado. En este sentido, se reitera el conflicto y la guerra como una de las estrategias para la manipulación y empoderamiento de los territorios. Así, en asuntos teóricos, la desterritorialización del campo como el desarraigo genera la re-territorialización como producto de los diferentes lugares vividos, permeados por las relaciones políticas y consolidando la identidad.

Palabras clave: Identidad, re-territorialidad, retorno, Campesino.

RESUMO

No contexto global, deslocamento e retorno são constantes na mobilização social. Esta pesquisa pergunta como os camponeses das aldeias San Estaban, El Roble e El Edén reterritorializam a bacia do rio San Matías durante o processo de retorno, preocupando-se com a área de estudo do desenvolvimento como um processo econômico e estrutural que restringe, governa, represa e monoculturiza a vida e a diversidade que configura um espaço. Esta questão responde à necessidade de história do camponês como prática social que às vezes se dissocia das abordagens desenvolvimentistas de um Estado. Nesse sentido, o conflito e a guerra são reiterados como uma das estratégias de manipulação e empoderamento dos territórios. Assim, em questões teóricas, a desterritorialização do campo como o desenraizamento gera a reterritorialização como produto dos diferentes lugares vividos, permeada por relações políticas e consolidando a identidade.

Palavras chave: Identidade, reterritorialidade, retorno, campones.

ABSTRACT

In the global context, displacement and return are constants in social mobilization. This research asks about how the peasants of the San Estaban, El Roble and El Edén villages re-territorialize the San Matías river basin during the process of return, worrying about the study area of development as an economic and structural process that it restricts, governs, dams and monoculturizes life and the diversity that configures a space. This question responds to the need to history the peasant as a social practice that sometimes dissociates with the developmentalist approaches of a state. In this sense, conflict and war are reiterated as one of the strategies for the manipulation and empowerment of territories. Thus, in theoretical matters, the deterritorialization of the countryside such as uprooting generates re-territorialization as a product of the different places lived, permeated by political relations and consolidating identity.

Keywords: Identity, reterritoriality, return, peasants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- La geología en espiral.....	17
Figura 2 - Miradas de Granada Antioquía.....	18
Figura 3- Territorio de Paz Granada Antioquía 20022.....	19
Figura 4- Desplazamiento por conflicto armado, Mapa.....	20
Figura 5- Hidrografía de Antioquía.....	24
Figura 6- Mapa Oriente Antioqueño	25
Figura 7- Por amor propio vivo el perdón “La Oti”	29
Figura 8- Experiencias para nombrar 2018-2019-2020.....	39
Figura 9- Caminos Pitágoras 2021	40
Figura 10- Elementos de la geología estructural	42
Figura 11- Algunas hidroeléctricas del Oriente Antioqueño.....	55
Figura 12- Ríos de gente por la defensa del territorio	58
Figura 13- Red de conexión energética en Colombia 2019.....	60
Figura 14- Sistema de funcionamiento Hidroeléctrica AIE	61
Figura 15- Oferta energética en Colombia	65
Figura 16- Espiral de la permacultura	117
Figura 17- Plan de huerta pan coger.....	142
Figura 18- Planos para la huerta comunitaria.....	143

LISTA DE IMAGENES

Imagen 1- Minga Campesina, Huerta Comunitaria. 2018.....	66
Imagen 2- Monocultivo de aguacate, Vereda La Paz.....	66
Imagen 3- Piedras enterradas Memoria de los desaparecidosrabes,	77
Imagen 4- Piedras enterradas Memoria de los desaparecidos	80
Imagen 5- De nuevo en la chiva	83
Imagen 6- Efecto de neblina Cañón de San Matías.....	89
Imagen 7- Plaza de Granada 2001	91
Imagen 8- Entierro colectivo,1998Imagen 9 Plaza de Granada 2001	91
Imagen 10- Entierro colectivo,1998	92
Imagen 11- Marcha del adobe Granada.....	92
Imagen 12- Muro de las víctimas	99
Imagen 13- Trapiche tradicional de don Floro	110
Imagen 14- Asociación de Paneleros.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS Y SIGLAS

ACA	Asociación Campesina de Antioquia
ACNUR	Agencia de la ONU para los Refugiados
AIE	Agencia Internacional de Energía
ALCA	Área de Libre Comercio de las Américas
AMUCIC	Asociación de Mujeres Campesinas e Indígenas de Colombia
ANDI	Asociación Nacional de Industriales
ASOPROA	Asociación de Productores de Aguacates
ASOVIDA	Asociación de Víctimas de Granada
AUC	Autodefensas Unidas de Colombia
CEPAL	Comisión Económica para América Latina y el Caribe
CINEP	Centro de Investigación y Educación Popular
CNMH	Centro Nacional de Memoria Histórica
CTA	Corporaciones Transnacionales Agroindustriales
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estadística
ECV	Encuesta de Calidad de Vida
EIA	Estudio de Impacto Ambiental
ELN	Ejército de Liberación Nacional
EOT	Esquema de Ordenamiento Territorial
EPM	Empresas Públicas de Medellín
FANAL	Federación Agraria Nacional.
FAO	Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación
FARC	Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia
FENSUAGRO	Federación Nacional Sindical Unitaria Agropecuaria
FEST	Familias en su Tierra
FESTRACOL	Federación Sindical de Trabajadores Agrarios de Colombia
ICA	Instituto Colombiano Agropecuario
ICANH	Instituto Colombiano de Antropología e Historia

IDM	Centro de Monitoreo de Desplazamientos Internos
INCORA	Instituto Colombiano de la Reforma Agraria
INER	Instituto de Estudios Regionales
IPB	Producto Interno Bruto
ISA	Interconexión Eléctrica
JEP	Jurisdicción Especial para la Paz
ONU	Organización de las Naciones Unidas
PAPSIVI	Programa de Atención Psicosocial a Víctimas del Conflicto
PBOT	Plan Básico de Ordenamiento Territorial
PCH	Pequeña Central Hidroeléctrica
PND	Plan Nacional de Desarrollo
RRI	Reforma Rural Integral
RUV	Registro Único de Víctimas
SENA	Servicio Nacional de Aprendizaje
SIPRI	Instituto Internacional de Estudios para la Paz de Estocolmo
SITAV	Sistema de Caracterización a la Población Víctima
UPME	Unidad de Planeación Minero-Energética
USDA	Departamento de Agricultura de los Estados Unidos

CONTENIDO

1	INTRODUCCIÓN	14
2	EL ÉXODO DEL CAMPESINO, UN INTERES QUE VA MÁS ALLÁ.....	19
3	NOMBRAR PARA NO REPETIR.....	30
4	OBJETIVOS.....	33
4.1	Objetivo general:	33
4.2	Objetivos específicos:	33
5	TEJER EXPERIENCIAS, NOMBRAR REALIDADES.....	34
5.1	Memorias de las historias	38
5.2	Investigación acción participación	38
5.3	Somos experiencia de vida.....	40
6	TERRITORIALIZACIÓN DEL ESPACIO: UNA INTERPRETACIÓN GEOESPACIAL.....	42
6.1	La simbiosis en el espacio	44
7	UNA REALIDAD PARA CONVERSAR: HIDROELÉCTRICAS Y MONOCULTIVOS, UN INTERÉS QUE VA MÁS ALLÁ.	47
7.1	Las hidroeléctricas como fuente de territorializar el Oriente Antioqueño.....	49
8	RETORNO A LA COMUNIDAD: SEMBRAR IDENTIDAD	83
8.1	Caminos borrosos de los ancestros: Breve contexto ancestral.....	85
8.2	Gente Unida que Camina	92
8.3	Experiencias de vida campesina.....	110
9	A MODO DE ANÁLISIS	119

REFERENCIAS.....	125
ANEXO A- METODOLOGÍA FEST	131
ANEXO B- DERECHOS DE PETICIÓN	147

1 INTRODUCCIÓN

La presente investigación surge por la curiosidad de nombrar las formas de habitar el territorio y, cuestionar las tendencias hegemónicas de mono-culturar la relación social cotidiana, enfocando el área de estudio en el cañón del río San Matías, Granada escenario campesino y en retorno después del conflicto armado. Esta inquietud se concibe en la bilateralidad de acompañar el proceso de retorno de las y los campesinos en el Municipio de Granada Antioquia con el programa “Familias en su tierra” del Departamento Administrativo para la Prosperidad Social, que se orientó a implementar medidas de asistencia y acompañamiento a la población víctima del desplazamiento, y, además con el interés particular de entender el propio retorno, donde toda la familia había desplazado, a fin de cuentas, el espacio ancestral. En el aquí-ahora, nos preguntamos cómo esa profundidad de la colonización interior ha producido gestos e ideas que expresan anhelos colectivos verdaderos, pero que a la vez los neutralizan. (Cusicanqui, 2018, p.15).

En este sentido, experimentar el proceso de senti-pensar, que hace referencia a, abrir una nueva vía de reflexión y comprensión del proceso formativo en consonancia con una sociedad en cambio permanente; esta acción decolonial conlleva a hallar las formas posibles para crear un espacio habitable considerando principalmente la economía. Cuando se retorna a lugares, vivencias, tendencias familiares y sociales, también se puede remediar, transformar o cambiar. Por eso, al nombrar estos lugares y estas dinámicas, se trata de ser conscientes de las tragedias sociales y construir nuevos procesos de habitabilidad desde múltiples experiencias.

En este sentido, el texto tiene como objetivo principal nombrar algunas formas de re-territorializar la cuenca del río San Matías, Granada (Antioquia), escenario campesino y en retorno después del conflicto armado desde principios del presente siglo, donde ha tenido una gran división predial, y cada vez más se consolidan las fincas de “veraneo”. Es importante mencionar que el pensamiento colonial es naturalizado en la actualidad, por eso, se asume el concepto de campesino como una persona que tiene alguna relación con el campo, que, en el caso, es la población de estudio. La investigación trae a discusión algunos aspectos de construcción de identidad campesina del municipio de Granada interpretándolos desde el capitalismo agrario y la cuestión agraria dentro de una temporalidad en re-territorialización.

En dos capítulos se desarrollan los objetivos específicos relacionándolos con la espiral que permite graficar las tendencias sociales: en este orden, inicialmente se realiza una breve contextualización geo territorial, donde se exponen algunos aspectos morfológicos del espacio

entendiendo las potencialidades físicas y geoestratégicas que también son, un elemento trascendental en el control territorial, se podría decir que para ello se pasa por pasando por 3 momento, desterritorialización- el conflicto armado dos décadas anteriores, -*Multi-territorialización* el ingreso de multinacionales y campesinos silenciadas, *re-territorialización*- organización social sistematizada y resistente. En el primer capítulo, se nombra dos de las causas de des-territorializar a las campesinas y los campesinos granadinos entendiendo los intereses económicos al intervenir hidroeléctricas y monocultivos en el territorio durante el proceso de retorno; por último, se nombran acciones de retorno para la construcción social e institucional que inciden en las relaciones de los campesinos y las campesinas de la cuenca del río San Matías, de Granada (Antioquia), y visibilizar elementos relacionados al capitalismo agrario y la cuestión agraria por medio de las experiencias individuales y colectivas dentro del municipio de Granada.

El capítulo *“Una realidad para conversar: Las hidroeléctricas y monocultivos, un interés que va más allá”*. Pretende reconocer las causas y efectos de las formas de desterritorializar, desplazar, despropiar a las campesinas y los campesinos granadinos por medio de los intereses económicos al imponer hidroeléctricas y monocultivos en el territorio. *“Retornar a la comunidad: sembrar identidad”* nombra acciones de retorno, la forma de re-territorializar para la construcción social e institucional que inciden en las relaciones de los campesinos y las campesinas.

Así pues, los conceptos de capitalismo agrario y cuestión agraria, nombradas por el profesor Fernades, son categorías transversales y duales, una forma de entender y nombrar acciones sistémicas y las que son propias de las tradiciones y acciones campesinas. Es decir, tanto el capitalismo agrario como la cuestión agraria se llevan a cabo en un contexto de retorno, una estrecha brecha es lo que reluce las acciones tradicionales a las imposiciones sociales. Con respecto al ámbito geográfico, se percibe el territorio como el escenario donde conviven diferentes especies y cada una de ellas hace uso del espacio según su apropiación y subjetivación, plasmados en una serie de comportamientos, inversiones en tiempos y espacios sociales, cultural y estéticos. Para ello, se toman como referentes a Milton Santos, Rogério Haesbaert, entre otros autores del área, quienes, junto a la lectura decolonial, de Arturo Escobar, Enrique Dussel, Silvia Cusicanqui y otros, mientras los asuntos metodológicos acompañan a Orlando Fals Bordan y el profesor Carlos Flórez.

Nombrar las formas de retornar permiten observar los procesos de reparación y reconstrucción física, social y ambientalmente, entender los puntos hegemónicos y armónicos. Es decir, ¿cómo nos relacionamos en el espacio? ¿cómo se configura las relaciones sociales

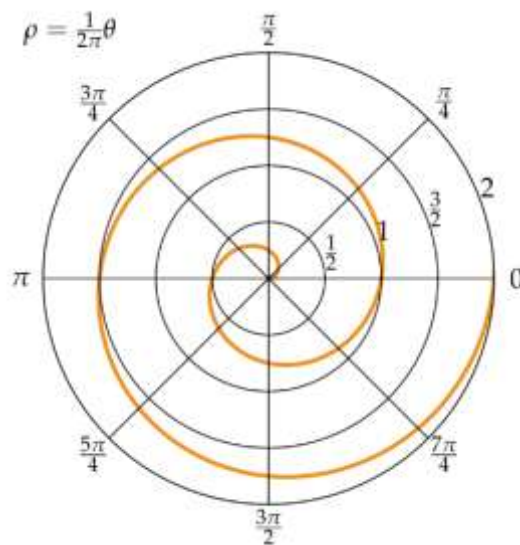
en un espacio en retorno? Siendo esta un insumo para entender los diferentes momentos de desplazamiento y retorno que acontecen en los diversos territorios de la litosfera. En el texto, la espiral es una forma representativa para demostrar la relación y estructuración del sistema en repetición. El retorno se representa la energía en figura de espiral, el territorio como espacio o lugar donde se mueve la espiral, delimita acciones cotidianas dentro de escenarios diferentes, de acuerdo a la temporalidad y, la identidad como la construcción social en diferentes espacios. En este orden El *retorno* es la relación territorial, que se repite por tendencia social, así como el desplazamiento.

Además de los conceptos de *territorio* e *identidad*, la información que transita por sucesión crea repeticiones que configuran la estructura. De esta manera, *el retorno* como regreso al lugar, interrelaciona la temporalidad y permite la trilogía de estos conceptos para comprender una dinámica específica.

Este gráfico es una manera de ilustrar los conceptos campesinos, desterritorialización, re territorialización y retorno en la espiral, esta última como el movimiento que también se repite en diferentes lugares, así mismo, se reconoce que las formas varían en cada vida, es decir, los procesos de retorno en cada ser, se dan de acuerdo a las tendencias familiares y sociales, esto, hace que los movimientos se modifiquen.

Por ejemplo, con relación al concepto de desterritorialización, en la historia del Oriente Antioqueño la cultura sefardita se asentó en este espacio, dejando su territorio y parte de su identidad. (Castaño, 2020). También, las raíces Pantágoras hacen parte de la re territorialización con las diferentes comunidades étnicas como los cocornaes y Tafetanes, cercanos del Río nombrado San Matías, zona de investigación del presente texto. Uno de los problemas para afrontar la crisis global contemporánea es nuestra dificultad para comprenderla en su complejidad y en sus raíces. No necesitamos conocimientos fraccionados, sino totalizadores. Nombrar las historias es una forma de comprender las tendencias sociales.

Figura 1- La geología en espiral.



Fuente: United States Geological Survey (2008, p. 3)

Modelar las tendencias, incluye la identificación de variables, formulación y resolución de un modelo, interpretación de soluciones y comunicación de resultados, siendo la validación una componente esencial en dicho proceso. En este sentido, reconocer elementos que construyen la identidad de las personas que habitan hoy el cañón del río San Matías, también es la forma que se le da a esas pinceladas que hacen la obra del hoy. Desterritorializar inicia con la mente, no sólo sacan a la gente del territorio sino también sacan el territorio de la gente, es un proceso fundamentalmente ontológico, de la forma de ser con el territorio a la forma de ser con el mercado, con la tecnología. ¿Cómo se vincula esos elementos sin desterritorializar? Los territorios tienen vida, se mueve, cambia, son múltiples usos que se le dan a un lugar, es la relación constante y variante que se asume de acuerdo a unas condiciones espaciales.

La espiral permite tejer esta relación, la circulación de la trascendencia humana para crear la forma de vida, se toma como representación de lo que se quiere expresar. La espiral, permite revertir lo desalineado. En este sentido la multi-territorialización crea un espacio modificable, movable, permeado por las acciones individuales y la re-territorialización consolida nuevas formas de organización, alimentación e integración. Es por ello que, la identidad campesina es diferenciada por aspectos que están permeados por la monoculturalidad, creando una forma de relación con identidad. Entender que esta comunidad en sus procesos de modificación olvidó el origen ancestral Pantagora, ahora, se hace el esfuerzo para recordar las practicas campesinas, que cada vez se extinguen por la mono-

culturarización. La reflexión en esta medida se centra en dos elementos: la forma de vida creada y prototipada por el sistema y, las formas en que acepta las diferentes formas de vidas, en este caso por los campesinos y campesinas, antes indígenas que también son colonizados por un proceso de despojo y desarraigo y, retornan para reconfigurar el quehacer del campo.

Figura 2 - Miradas de Granada Antioquía



Fuente: Autoría nuestra (2018)

Un artista que pinta los sueños de numerosas niñas y niños del pueblo el profe que tiene las sillas llenas y en cada obra, las sombras se difuminan el profe Manuel, con su pincel explora las técnicas y elementos de cada ser.

Existen múltiples formas de observar y expresar la realidad, las pinturas, escrituras, esculturas, la música, y lo más importante, la simple acción cotidiana es la verdadera acción democrática para decidir que se quiere construir y destruir.

2 EL ÉXODO DEL CAMPESINO, UN INTERES QUE VA MÁS ALLÁ

La paz no soluciona el problema sólo los hace visibles (Uribe, 2015)

Figura 3- Territorio de Paz Granada Antioquía 20022



Fuente: Colorado (2002)

Así fue la destrucción en el centro de Granada, durante la toma guerrillera de las Farc en diciembre del 2000. Fallecieron 20 personas. Pocos días después de la bomba que acabó con la variante del pueblo, la marcha de la paz surge como esperanza y resistencia, “Granda Territorio de Paz”, una forma de visibilizar la absurda guerra por la tierra.

Para aquellos que se han desplazado, existe un momento de reconocer, adecuar y adaptar. Ahí, cuando entra a sus vidas un nuevo espacio, donde se procura adornarlo o desordenarlo, a fin de cuentas “darle el toque personal”, asumir poderes y querer transformarlo. Un territorio en retorno, reconstrucción, multi-territorialización, es un pueblo potencial en la mudanza de las actividades. Es en este punto donde se encuentran tradiciones, acciones contemporáneas y neo-politizadas, donde se construye o elimina la forma de habitar el territorio.

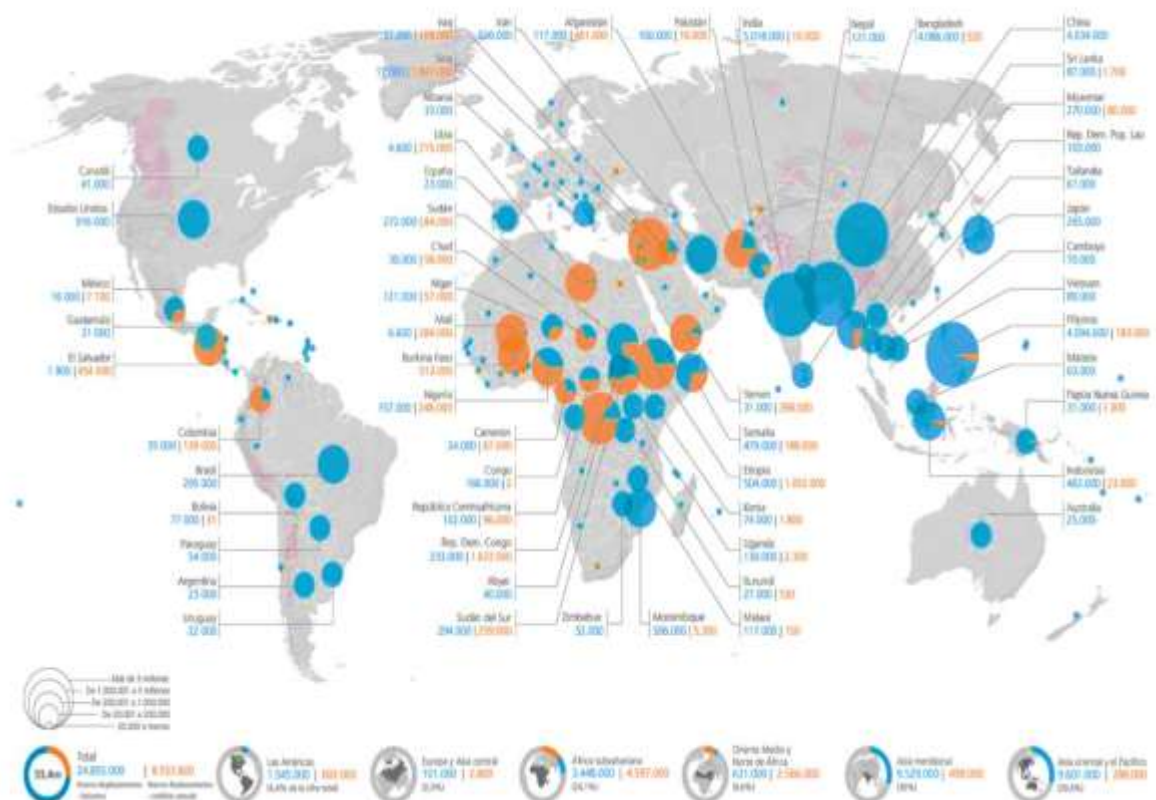
Hoy el desplazamiento aumenta en muchos países. Según informe de la ONU (26 de mayo, 2020), el número de desplazados en todo el mundo se dobla en apenas diez años.

El informe muestra que, de los 79,5 millones de personas desplazadas a

finales del año pasado, 45,7 millones huyeron a otras zonas dentro de sus propios países, 4,2 millones esperaban el resultado de sus solicitudes de asilo, mientras que 29,6 millones eran refugiados u otras personas que se vieron obligadas a desplazarse fuera de su país. De los 79,5 millones de desplazados, se calcula que entre 30 y 34 millones eran niños y niñas y 5,6 millones de desplazados regresaron a sus países de origen. El 68% de todos los desplazados en el extranjero provienen de cinco países: Siria (6,6 millones), Venezuela (3,7 millones), Afganistán (2,7 millones), Sudán del Sur (2,2 millones) y Myanmar (1,1 millones). El 80% de las personas desplazadas del mundo se encuentran en países o territorios afectados por inseguridad alimentaria aguda y desnutrición; muchos de ellos son países que enfrentan riesgos climáticos y de desastres naturales. (ONU, 2020, p.10).

Figura 4- Desplazamiento por conflicto armado, Mapa

NUEVOS DESPLAZAMIENTOS POR CONFLICTO Y DESASTRES EN 2019



Fuente: IDMC (2020, p. 10)

Entonces, es así como las dinámicas económicas de los países son factores que influyen en los movimientos y desplazamientos sociales. Según la CEPAL, el crecimiento de desplazamiento no ha cesado. Para tener una referencia, personas nacidas en un territorio diferente al que residían en 1965 eran 75 millones y en el año 2002 esa cifra llegó aproximadamente a 175 millones. (CEPAL, 2017). El desplazamiento como problemática de análisis del texto, permite entrever la naturalidad de la acción y al mismo tiempo la tendencia que el sistema instala para la apropiación del espacio. En momentos de pandemia, la cifra de desplazados forzosos en el mundo alcanzó un récord el año 2020 al crecer a casi 80 millones de personas. Este número supone casi el doble de la cantidad de personas en crisis registrada hace una década debido a la guerra, la violencia, la persecución y otras emergencias (ONU, 2020). El Alto Comisionado de la Agencia, Filippo Grandi, señaló que estas altas cifras de desplazamiento forzado suponen una “nueva realidad”, ya que no solamente se han ampliado, sino que “ya no es un fenómeno a corto plazo y temporal”.

En este sentido existen múltiples causas del desplazamiento, pero el control territorial es una de las causas para la expropiación, en esa misma medida se configuran procesos para llegar a acuerdos donde se dialogan las diferencias sociales del mismo territorio. En este sentido, los procesos de acuerdos de paz no son nuevos, en el caso de Colombia, los acuerdos se construyeron teniendo en cuenta otros procesos que se han llevado a cabo y que de esas experiencias retroalimentan las acciones para la configuración geo territorial en el post conflicto.

Desde la guerra fría se han registrado más de 59 conflictos en el mundo por razones políticas, religiosas y étnicas. Muchas de estas han buscado la alternativa de paz. En la actualidad, son 19 los procesos de paz que se desenvuelven en los diferentes continentes, entre ellos el proceso colombiano. Los procesos de paz son decisiones históricas; esto da paso a considerar una realidad diferente, lo que implica una redistribución en conjunto de una inclusión donde se busca una forma de compartir los puntos de vista. En esta disposición existen acuerdos, es decir, un proceso de diálogo para la construcción. Es el caso de Irlanda (Guerra más grande de Europa. Que viene desde lo Celtas y los sajones, por ejemplo: el país entró en un proceso de paz después de 500 años de conflicto, y gracias a este proceso se logró modificar las diferentes rebeliones en 5 años con las negociaciones del IRA, que surge después del conflicto religioso entre católicos y protestantes después del Referendo del Viernes Santo. (Uribe, 2015).

Por otro lado, ejemplos llamativos de los procesos de paz son los de Guatemala y El Salvador, donde no hubo justicia transicional ni reparación de víctimas, pero se logró la discusión en la mesa de negociación en la que la participación civil fue ejemplar, pero los acuerdos que no se lograron plasmar ni se lograron ejecutar, si bien lograron terminar la guerra después de más de 30 años. [...] también llegan las Maras, pandilleros que descienden de los Ángeles, a través de procesos de deportación. en El Salvador se reportan más de 75 mil muertos en una sociedad de cuatro millones de habitantes. (Uribe, 2015).

Por otro lado, en el caso de Sudáfrica, en sus procesos de paz se toman conceptos como el perdón y la reconciliación, que surgen desde el liderazgo de Nelson Mandela, quien sale de la cárcel después de 27 años y propone generar alianzas y construcción del “arcoíris”: todos hacen parte y todos se necesitan. En el libro *Invictos* se argumenta la forma de conducir a la colectividad, una estrategia que permitía ver cómo el pueblo se autor reconoce. Allí se persiste hasta lograr la votación como Nación.

Todos estos procesos son parte de la construcción del proceso de paz que aún se lleva a cabo en Colombia; en el marco de la ley 1448 ley de víctimas y restitución de tierras, donde se instala la Jurisdicción Especial para la Paz (JEP) en municipios afectados por el conflicto, lo cual busca restablecer y restituir tierras que fueron expropiadas, desalojadas o vendidas a bajo precio. Además, otros aspectos como la comisión de la verdad y la no repetición, programas que se tomaron de experiencias eternas y que hoy se materializan en una serie de programas y proyectos en el marco de los acuerdos de paz firmados en la Habana Cuba.

A finales del 2019, Colombia siguió registrando el mayor número de personas desplazadas internas, con cerca de ocho millones, según las estadísticas del Gobierno. Aunque esta cifra acarrea desplazamientos desde 1985, aún se percibe en gran medida los desplazamientos internos en el país. En esta tendencia de movilización se multi-territorializa el espacio. Para la actualidad, otros países que se desplazan en mayor medida por factores del conflicto son Siria y Venezuela, que encabezan la lista de los países con mayor número de personas que se han visto forzadas a abandonarlos. La otra cara de la moneda la forman Turquía y Colombia, los dos países que han acogido mayor número de desplazados (SELA, 2021, p. 18).

Mencionar estos procesos permite visibilizar las acciones de retorno que se han llevado a cabo en el planeta, que de una u otra forma inciden en la realidad actual, como se nombró el desplazamiento no cesa, para el 2018 y 2019 cambió a Venezuela los picos de desplazamiento, aunque los motivos son diferentes, existe una ruptura de lazos sociales que, por medio de programas y proyectos de retorno, direccionaran procesos de

reconstrucción colectiva, de la economía, de las relaciones sociales y la multiplicidad de dinámicas y personas que habitarán el espacio en reconstrucción.

Aunque el desplazamiento no cesa, los procesos de retorno cada vez son más complejos. Durante la década de los años noventa, volvieron a sus hogares una media de 1,5 millones de refugiados, mientras que en los pasados diez años se redujo a 385.000 personas (ONU, 2020).

La movilización es una constante variable: cada partícula viva se moviliza para sobrevivir a los cambios geoespaciales. En términos biológicos se podría nombrar el desplazamiento como un proceso que se ejemplifica en la división celular, es decir- El ciclo celular es el conjunto ordenado de sucesos que conducen al crecimiento de la célula y la división en dos células hijas. Estos procesos incluyen la duplicación previa del material genético (genoma) y la posterior segregación de los cromosomas duplicados en las células hijas- En las relaciones los intereses económicos predominan, la tendencia de desplazar es un negocio para la economía capitalista, es decir, hay un factor que acelera los procesos de desplazamiento.

A finales de 2020, la cantidad de personas desplazadas por la fuerza como resultado de persecución, conflicto, violencia, violaciones a los derechos humanos y acontecimientos que alteraron gravemente el orden público había llegado a 82,4 millones, la cifra más alta registrada según los datos disponibles. Esta cifra representa más del doble del nivel de hace una década (que fue de 41 millones en 2010), y un aumento del 4% respecto del total de 2019, que fue de 79,5 millones. Como consecuencia, actualmente más del 1% de la población mundial, es decir, 1 de cada 95 personas, se encuentra desplazada por la fuerza (UNHCR, 2021 p. 10).

El proceso de monoculturación (una cultura) es el resultado del neoliberalismo, colonialismo o posmodernismo, que a fin de cuentas crea las mismas dinámicas con diferentes métodos. Cuando llegan las hidroeléctricas, se pavimentan vías y particularmente se aumentan los consumos, se transforman las estéticas y cada vez más se procura lo mismo: la expansión en los territorios agrícolas en monocultivos y ganadería. Lo que consolida la dependencia de un producto. Cuando esto sucede, se inicia un monopolio, por lo cual los campesinos dejan sus actividades tradicionales y cumplen horarios para recibir un salario. De esta manera, progresivamente, hasta en los países que dicen no ser capitalistas, consumen de manera fervorosa, destructiva y opresora, la vida rueda en trabajar para comprar.

Adentrarnos a la raíz etimológica, la multi-territorialización como el tránsito por los diferentes lugares donde existe apropiación y acondicionamientos. El prefijo **Multi-**

Figura 6- Mapa Oriente Antioqueño



Fuente: PBOT (1999, p.21)

El surgimiento del concepto de territorio del latín territorium “extensión de tierra dividida políticamente” en este sentido el territorio se entiende como la manifestación espacial del poder, fundamentado en relaciones sociales determinadas, en diferentes grados, por la presencia de energía –acciones y estructuras concretas– y de información –acciones y estructuras simbólicas–. Bernardo Mancano Fernández lo nombra como:

Todo territorio es un espacio (no siempre geográfico: puede ser social, político, cultural, cibernético, etc.), no siempre y no todo espacio es un territorio. Son las relaciones sociales las que transforman el espacio en territorio y viceversa; el espacio es un a priori y el territorio, un a posteriori; el espacio es perenne y el territorio, intermitente. (Moncano, 2017, p. 4).

Las hidroeléctricas como excusa desarrollista promueven la expropiación y los desplazamientos, aunque en ocasiones logra brindar de manera efectiva, rápida y sin mucho esfuerzo, la energía eléctrica a la cotidianidad. En este punto, la pregunta es: ¿de qué manera se expropia? ¿Por qué es con la violencia y opresión? ¿Es así la condición humana? Son las dudas que saltan al observar, por ejemplo, lo que se vivió durante los años 90 en el Municipio, las emociones y las opciones, cuando la única forma para que un joven saliera

de la vereda (donde tenía presiones sociales) era tomar un bando (el ejército, paramilitares o guerrillas), donde en ocasiones los partidos de fútbol eran los espacios de reclusión - En los años 70s, 80s y 90s los grupos armados en Colombia reclutaban a los niños y jóvenes por medio de equipos de fútbol, allí se dotaba de guayos y uniformes para aprender sobre la guerra.

Los ríos cuentan las historias, como muchos grupos indígenas son nombrados, los ancestros, como barro se moldearon a las colinas, a las montañas creadas por los causes de las cuencas Tafetanes, San Matías y Calderas, actualmente, rodeado por las represas del peñol, del Calderas y los Molinos. Un espacio lleno de vida con intereses económicos profundamente consumistas. La composición hídrica ha sido de gran importancia en las relaciones humanas y no humanas: como articuladores o limitadores, los ríos acogen la vida. En este sentido, el río Tafetanes desemboca en el río San Matías un poco antes que, el Río Cocorná, desemboca en el Calderas, quien llega al río Samaná, y, desemboca al Río Magdalena. En todas estas cuencas, que forman un conglomerado de montañas con altitudes desde 500 msnm y 2800 msnm, entre muchos otros eventos naturales, brota la diversidad y riqueza natural.

La migración de águilas de cuaresma que pasan manadas de cientos que se vuelven al norte, entre marzo y abril, los tiempos de reproducción de los Cancrivoros, en mayo, con los cantos de las aves para conquistar sus pares. Así, todas las especies buscan adaptarse a los vientos y neblinas que mantienen la humedad en el espacio, a las diferentes dinámicas espaciales que acarrea relaciones y acciones que se tornan cotidianas y se mueven con las personas. Llegar al río San Matías se volvió la aventura, la hazaña para recordar los caminos que se descubrieron en la infancia. En general, son casi dos generaciones las que dejaron de habitar los campos, solo las visitas ocasionales con los miedos y los afanes, ahora - Observar el territorio con sus mudanzas y constantes, el poder del proceso y el control del espacio tomando de Haesbaert, en el texto el mito de la desterritorialización a la multi-territorialidad, el *poder del proceso* se puede ver como la repetición de acciones que pueden normalizarse hasta el punto de considerarlas naturales. Y el *control del espacio* se asume en la forma como se apropia el uso del territorio, es decir, el espacio conjunto de los seres que lo habitan y lo configuran. (HAESBAERT, 2007).

Para el caso, al hacer un análisis y una interpretación de estas frecuencias se asocia y se aplica, para observar las categorías de identidad y territorio con sus subcategorías de desterritorialización y re-territorialización. En la medida que se des-territorializa un espacio por causa del conflicto, se reconfiguran los territorios. Al llegar a otros espacios, se

configuran las comunidades, de acuerdo con esos elementos comunes y disímiles.

Los entornos, junto con las vivencias, configuran la identidad individual, construida por las relaciones entre humanos y el hábitat, es decir, el humano forma parte de su entorno, de igual forma que la fauna, la flora, el clima, etc, el poder no solo depende del ser humano. Pero estos también hacen parte de las historias, -los monos saltando cuando los tiroteos aturdíen con los ecos en las veredas, las guaguas fueron alimento en momentos donde no había transporte, el armadillo ha curado a niños del asma-, historias, rituales, significados, esos otros seres transforman el espacio y la forma de relacionarse. Pero en los momentos de explotación, cuando, el bosque queda una ilusión por los monocultivos o los cauces se secan por las represas, esos seres se extinguen en el hábitat como los indios Pantagoras, como muchos campesinos, como el idioma y tradiciones que apenas se están recordando¹.

La historia de violencia y reconstrucción por el que ha pasado Granada, Antioquia, así como distintos municipios de Colombia, tiene mucho por contar y aun se calla mucho para sanar. Simultáneamente, distintas personas y familias propias de otro lugar, también re- territorializan el espacio con la acción cotidiana, y configuran el espacio habitado. El retorno permite que muchos de los campesinos tuvieran que aprender a leer y a escribir, que el comercio fue la fuente con mayor beneficio económico en el momento de “exilio”. Unos demoraron meses, otros años, otras décadas, o llega la descendencia. Aunque el desplazamiento tuvo un record en el 2002, con casi 19.000 habitantes desplazados en tan sólo Granada donde habitaban 22.000 personas. Instantáneamente de los desplazamientos, había retornos; pero, fue después del 2009, que el Gobierno emprendió acciones de territorializar en forma de programas Estatales, enmarcados posteriormente en la Ley de Víctimas y Restitución de Tierras 1448 del 2011. En este contexto, llegaban al Municipio, tanto *retornados*, como personas *reubicadas*, *reincorporadas* y *migrantes* de otros territorios, para así configurar la re-territorialidad que converge en un proceso de reconstrucción y reparación del conflicto armado. Al tomar estas

¹ Las expresiones humanas conocidas como folclóricas se han considerado patrimonio de las culturas populares tradicionales; excluyendo del campo del folclor, por curiosas y no muy bien entendidas razones, a los grupos indígenas. Para el caso latinoamericano, las culturas populares (generalmente sociedades iletradas dependientes de sectores de élite letrada) son en su mayoría producto del mestizaje triétnico (negro, indígenas, blanco), ocurrido como parte del proceso de conquista y colonización español en América. Este proceso de mestizaje no solamente fue racial, paralelo a éste se produjo un complejo proceso de sincretismo en diferentes aspectos y expresiones culturales. La investigación sobre el mestizaje cultural, principalmente, en lo relativo al folclor literario está por realizarse; es muy poco lo que conocemos sobre el proceso de fusión de los distintos elementos culturales realizado a lo largo de 500 años (Hidalgo., *et al*, 2014, p. 16).

categorías desde el marco estructural, se clasifican así:

Reubicados: se reconocen como personas víctimas del conflicto armado quienes de manera voluntaria y con apoyo de las políticas del gobierno definieron un lugar para habitar; para el caso, existe alta cantidad de reubicados afro en el Municipio.

Reincorporados: es la categoría que ha utilizado el Estado para señalar, dentro de las políticas de Seguridad Democrática, programas de acción hacia aquellas(os) que han optado por salirse —para acogerse a un orden legal— de las filas de la insurgencia armada, llámense AUC, FARC, ELN u otras organizaciones sediciosas y que entren de nuevo a formar parte de la estructura social. (Guevara, 2007).

Reasentados: se comprenden a los sujetos o familias que, por decisiones puntuales, no precisamente en condición de víctimas, decidieron habitar el territorio; en el caso de Granada, se refiere a personas de las ciudades que desean territorializar el espacio rural, y a migrantes, principalmente de Venezuela, quienes en búsqueda de otras alternativas de vida se asentaron en este territorio.

Retornados: son esos sujetos que regresan al lugar de donde fueron desplazados, aunque las transformaciones físicas y sociales mudaran debido al cambio de dinámicas y temporalidades.

Es importante aclarar que estas categorías se nombran como referente de la mutiterritorialización institucional, pero no se asumen como categorías propias de la investigación, ya que aquel que habita el espacio es parte de este. Re afirmando que lugares como Colombia siguen siendo colonizados y quizás esclavizados en tendencias socioeconómicas, que nombrar a los sujetos según la conveniencia, teniendo en cuenta que mucha de esta población son Campesinos, indígenas, seres de los campos que han sido expropiados, desplazados o simplemente educados para mantener la guerra que tanto le conviene a las potencias internacionales como Rusia y Estados Unidos.

El proceso de conquista y colonización del mal llamado “Nuevo Mundo” configuró mecanismos y dispositivos de marcación social distintivos del ethos moderno, mismos que tienen implicaciones en las corporalidades racializadas, a través de tecnologías de violencia de las poblaciones colonizadas o ex-colonizadas (Ochoa, 2014, P 40).

Figura 7- Por amor propio vivo el perdón "La Oti"



Fuente: Autoría nuestra (2019)

La Oti libre, sana y feliz, una sonrisa dulce como los aromas de sus perfumes, una hechicera de las plantas, con los conocimientos aprendidos del médico botánico del pueblo, su papá, que detrás de él, con la curiosidad de aprender. Una bruja que hace la diferencia, que aún revoluciona, rodeada, entre niños y niñas y, siempre tienen algo para aprender y enseñar. La Oti, un personaje revolucionario, decidió abandonar el sufrimiento y ser ejemplo de perdón y sanación: con sus perfumes cambia el aroma y endulza el olor.

3 NOMBRAR PARA NO REPETIR

Alzar la voz contra lo que hacen las empresas en nuestros territorios-cuerpos es importante porque es en la memoria de nuestros cuerpos y nuestras emociones donde ocurren los mayores daños. Nos dejan huellas de dolor porque rompen nuestras relaciones comunitarias, si extraen agua, tierra, o envenenan nuestros espacios que habitamos nos dañan. (Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2017, p. 10)

Un espacio donde prevalece la diversidad y diferencia, para el sistema capitalista, es una posibilidad para explotar, principalmente por medio de la violencia, creando la movilización y hasta el exterminio de las comunidades tradicionales. -“*Aquí el agua no se va acabar*”, dicen los campesinos porque llueve y las aguas corren sin parar, pero un poco más abajo la empresa está para represar la riqueza compuesta, y más arriba los bosques se convierten en aguacates. Las formas como llega un sistema donde la educación es de exclusión, es la repetición de lo que nombran los medios, emancipados por el utilitarismo.

La migración y el desplazamiento son asuntos naturales para el ser humano y otros animales, es una forma de vivir anterior al modernismo, con la estructuración del Estado como institución reguladora y controladora de las dinámicas territoriales, que, en último término, se tornan limitantes para la relación biológica con el ecosistema y la cultura. En el proceso de “evolución” se emprende acciones para generar control de los territorios, y con el tiempo se crean estructuras homogeneizadoras. La historia de la civilización, con su visión unidimensional de progreso, implica que las sociedades puedan ser consideradas primitivas o avanzadas, según su nivel de desarrollo tecnológico. (Rodriguez *et al*, 2008, p. 12).

De manera general, estos enfoques estructurales son creados por el hombre para condicionar las formas de relacionarnos. Es así como se comprende el poder económico como medio de violencia que se impone en las dinámicas ambientales. Además, después de usar las formas de fuerza exterminadora, llega el método alienador por medio de la comunicación, la música, los medios y los objetos que están creados para facilitar la manipulación de la vida humana. La esclavitud cambia de nombre, pero no la forma, la dependencia se torna el aliado principal para el sistema a causa de estos intereses extractivistas.

Algunos datos de usos de los suelos en Colombia, según la *Revista Semana*,

[...]Colombia en los años 90 y principios del 2000 tuvo como resultado el desplazamiento y la pérdida de tierras de los campesinos, el 77% de la tierra está en manos de 13% de propietarios, pero el 3,6% de estos tiene el 30% de la tierra. Se calcula que 6,6 millones de hectáreas fueron despojadas por la violencia en las últimas dos décadas, esto es el 15% de la superficie agropecuaria del país. (Semana, 2012, p. 3).

Los intereses de expropiar para que unos pocos se empoderen de las tierras con fines extractivistas, conllevaron que, según la revista El Espectador:

Alrededor del 79,3% de la tierra abandonada se registró en la década de 1988 y 2008; Antioquia y Chocó son las regiones más afectadas con el despojo de las tierras con 1,9 millones de hectáreas. En Caquetá, Cauca, Nariño, Putumayo y Buenaventura abandonaron por diversas razones 1,5 millones de hectáreas; en Meta, Arauca y Casanare, el despojo afectó a un millón de hectáreas y en las otras regiones el despojo afectó a por lo menos 2,2 millones de hectáreas. (EL Espectador, 2010, p. 2)

La expansión de ganadería, las actividades ilegales y las hidroeléctricas son los propósitos económicos para la expropiación. El interés de la construcción de hidroeléctricas principalmente para la exportación de energía es un interés internacional ejecutado en el contexto colombiano por ISA (Interconexión Eléctrica), lo cual facilita la negociación de la tierra para los intereses extractivistas. Esas formas de renta pre-capitalistas, que vienen antes de la imposición de nuevos patrones mercantilistas, permiten que algunas personas tengan el monopolio de la tierra, cuya utilización queda sujeta a pagos de tributos.

La construcción de identidad requiere de una interpretación de la propia historia, de los vínculos con otros significados, y de la búsqueda de un horizonte de vida; ésta se da a partir de la conciencia de la propia existencia, del deseo personal y el intercambio con otros; el sujeto se concibe de manera integral, como ser físico, biológico, social, político, económico, afectivo, y espiritual; como un ser que está relacionado con un entorno que tiene capacidad de memoria, de conocimiento, de relación, de disfrute y de sufrimiento. (Munera, 2012).

El campesinado se constituye históricamente. Su génesis y transformación están relacionadas con el proceso de acumulación de capital de cada periodo histórico y con las distintas formas de vida campesina asociadas a ellos. Por tanto, los campesinos son productos históricos, a su vez, con orígenes comunitarios múltiples y diversos, así como sus trayectorias variables y diferenciadas. (ICANH, 2017, p. 2).

Describir el campesino es ir a un espacio concreto con un tiempo, el Granadino se reconoce por su cantado, el bendito siempre enlazado con las oraciones santificadas por la

iglesia. Siempre con el machete o la peinilla, el sombrero y las botas pantaneras, duermen y despiertan en los crepúsculos. Sus manos fuertes son mágicas para sembrar vida y cosechar alimento. Con estas relaciones, esta investigación nombra aspectos opresores (coloniales) socio territoriales, tendencias repetidas tantas veces que se normalizan. Es por ello, que este tiempo es dedicado a expresar una observación del territorio que por elementos contextuales genera y configura una identidad alrededor de múltiples elementos que se unen.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo general:

Comprender algunas formas de re-territorializar la cuenca del río San Matías, Granada (Antioquia, Colombia), escenario campesino y en retorno desde la primera década del presente siglo.

4.2 Objetivos específicos:

Contextualizar la forma de des-territorializar a las campesinas y los campesinos granadinos por medio de los intereses económicos al intervenir hidroeléctricas y monocultivos en el territorio durante el proceso de retorno.

Nombrar acciones de retorno para la construcción social e institucional que inciden en las relaciones de los campesinos y las campesinas de la cuenca del río San Matías de Granada, Antioquia.

Visibilizar elementos relacionados con el *capitalismo agrario* y la *cuestión agraria* por medio de las experiencias individuales y colectivas dentro del Municipio de Granada, Antioquia.

5 TEJER EXPERIENCIAS, NOMBRAR REALIDADES

Aprender es para nosotros, construir, reconstruir, constatar para cambiar, y que nada se hace sin apertura en el riesgo y la aventura del espíritu. (Freiré, 1975).

A un ritmo globalizador, el desplazamiento se masifica y normaliza, esto también reconfigura los espacios y las dinámicas de habitar los territorios. Dentro de esos desplazamientos también hay retornos, regresos a los espacios, momentos y vivencias para configurar la realidad construida en los múltiples territorios. En este sentido, la investigación brota por los aportes académicos y teóricos que se acogieron y avanzaron durante el año 2019, en la Escuela Forestal Fernandes, en la maestría de Geografía en desarrollo territorial de América Latina y el Caribe, precedido por el pregrado de Planeación y Desarrollo Social (2011-2015) donde se concluyó con la investigación “Planeación participativa de los retornados del Centro Zonal Samaná de San Carlos Antioquia como generadora de iniciativas de desarrollo local”. Ambas desde la estructuración académica como generador de conocimiento.

Esta construcción, se basa en la vivencia experiencial, desde diferentes escenarios, contractuales y no, donde se permea la visión etnográfica, a la mano con técnicas de educación no formal, Investigación acción participación en FEST, la curaduría y educación para la desobediencia en el Museo de Ciencias naturales y la metodología UBUNTU, son las principales herramientas para la interacción de los saberes y la relación con las comunidades del territorio. Acompañar el retorno de cientos de familias y sentir que se camina por donde muchos de los ancestros anduvieron en mula, sin zapatos... En este sentido, a través de esos espacios institucionales relucen historias familiares, historias de vidas que habitan el mismo espacio con diferentes sentires. Las instituciones y empresas controlan el tiempo, el espacio, la relación y tradición. Donde las desapariciones se nombran para aliviar la angustia por el que no volverá, pero los trapiches se llenan para calentar los fondos y en pacas empacar, los 24 pares de panelas que salen para las tiendas.

La temporalidad del pasado hila el relato histórico de una transición o momento que se documenta en el recuerdo, en la imagen, el relato para un texto. Cada experiencia de vida es un aprendizaje humano de concientización. Cada lugar y tiempo construye diferentes corrientes que desde diversos escenarios transforman y crean realidades, el nadaísmo y la ilustración son ejemplos de movimientos sociales que, desde las artes, los textos, la música, la conversa y otros, expresan realidades. Al mismo tiempo, los colectivos,

las tribus, comunidades, que, desde el folclor, los tejidos, las danzas representan su relación con el espacio. Puede verse en el hecho que, a lo largo de ese siglo, las instituciones, los estudios, las ideas y conocimientos que, emergían como la ilustración, se forman y se difunden al mismo tiempo en Europa y América. (Quijano 2000, p.13).

La relación humana es fluctuante, los movimientos son impulsos sociales como el desplazamiento, que con lleva además de personas, formas de relación, se diversifican los alimentos y la preparación de ellos, la música y otros aspectos, pero, al mismo tiempo, estos son mezclados con las condiciones y elementos existentes. Para engranar la realidad social contextualizada en Granada, con el asunto teórico y al mismo tiempo permitir una reflexión de un acontecimiento o problemática como el retorno, se aplica el método propuesto por el educador Paulo Freire, quien en los textos *Pedagogía del oprimido* y *Pedagogía como práctica de la liberación* abordan la concienciación de los sucesos. Como lo menciona Paulo Freire, citado por Chesney.

La concientización fue siempre inseparable de la liberación y la liberación se da en la historia a través de una praxis radicalmente transformadora, y debe ser entendida como un “método pedagógico de liberación [...] Las fases que planteó Freire en el proceso de concientización son tres: la mágica, la ingenua y la crítica. En cada una de ellas, el oprimido define sus problemas, luego reflexiona sobre las causas y, finalmente, actúa; es decir, cumple con las tareas concretas que supone la realización de los objetivos liberadores. (Freire, 1975 apud Chesney, 2008, p. 54).

La acción de nombrar la opresión para ser conscientes de la forma de coartar, es la primera acción de transformar o transmutar. El escritor o liberador también se acerca a la realidad desde la experiencia, que al nombrar las acciones homogeneizadoras bajo el concepto de desarrollo permite el análisis que navegan conceptualmente en la geografía. Colombia, por ejemplo, hoy adopta diversas metodologías y se piensa formas de organización social, por medio de elementos comunes, estos son los instrumentos para la construcción de bien- estar.

Todo esto, forma parte de un proceder antropológico que permite ampliar la observación meramente científica, ya que reconoce las particularidades del contexto social. Alfabetizar, nombrar desde el escrito las históricas, recreando el mundo con una percepción puntual, reproduce el proceso histórico de reconocimientos, adoptando la acción y compromiso de sus participantes. En este orden de ideas, el desplazamiento como forma de expropiar la tradición: las tierras quedan en manos de unos pocos porque el desarrollo viene a traer infraestructura para represar el río, el territorio queda sin quebradas, talan los

bosques donde muchas especies de fauna y flora están en peligro de extinción, pero se necesita aguacate para exportar, lo que implica menos diversidad. El retorno, por otro lado, acarrea la estructuración como política pública integrada en la Ley 1448 del 2011. Personas que se desplazaron hacia Cali, Medellín, Rionegro, los principales lugares de desplazamiento de muchos granadinos, principalmente de la cuenca del río San Matías en la jurisdicción de Granada, entre otros lugares, de donde aún regresan para habitar el territorio rural. Es importante anotar que en el 2020 habitar la ruralidad se tornó emergente, por eso, muchas personas que cesaron las labores en los tiempos de pandemia, llegaron a los campos para sembrar o veranear, aumentando la división predial. El territorio, visto como escenario dinámico con diversos biomas, se nombra desde lo antro, quienes también hacen parte de la transformación, construcción y destrucción. En pandemia todo paro, pero el campesino siguió con su labor.

Con respecto a la interpretación teórica y categorización como mecanismo de direccionar la interpretación, el profesor Bernardo Fernandes, quien, a partir de la teoría del capitalismo agrario y el concepto de cuestión agraria, invita a categorizar y a nombrar las acciones estructuradas por la dialéctica conquistadora homogeneizadora, donde la intencionalidad de la conciencia permite objetivar lo que se quiera controlar, lo que en un sentido sociocultural, Cha Ana Manoella lo define como la monocultura, como una manera de concebir el mundo desde el prototipo capitalista y estructural que limita y en ocasiones rechaza diferentes formas de expresión (Cha, 2018. Traducción nuestra). Desde ese punto de vista, no solo se represa o se instala en monocultivos e hidroeléctricas, también incide en la relación hegemónica con el espacio a través de las relaciones comunes, la tradición y las nuevas acciones, hacer la teja, es una sorpresa disfrutar del biscocho arriero, esa deliciosa y crocante galleta de maíz que acompañaba los viajes largos entre las montañas y las aguas. Nombrar el pensamiento en espiral como “el pensamiento ancestral de las primeras naciones, y por tanto [...] el paradigma de los pueblos indígenas, una estructura mental capaz de entender y resolver los problemas sistémicos del siglo XXI” (Gavilán, 2011, p.8).

Esto obedece al interés de entretener lo que ha sido contado en idiomas indígenas a través de vasijas de barro y petrográficos de las comunidades Pantagoras, que se han olvidado en la historia, junto su idioma. En este sentido, Descolonizar permite observar las diferentes perspectivas de un caso, como el desplazamiento, como la guerra y la violación, pero que se pueden revertir desde la educación. El recordar las formas de habitar de los campesinos del Oriente Antioqueño, caminar los ríos, compartir la alfarería o el tejido

de maguey que prestaba sus fibras para hacer las jíqueras, - nombrar estas experiencias es nombrar el llamado de muchas y muchos de los jóvenes que retornan a los campos, en este sentido se toma la etnografía que permite analizar e interpretar las relaciones sociales desde la temporalidad y espacialidad.

Granada, antes nombrada Vahos, por la neblina de las colinas, nombre que suscita el caminar con las nubes, como los vientos de las aves migrantes entre octubre y marzo. La práctica materializada por la teoría crea la reflexión y engrana la comprensión de los elementos conceptuales. Esto se delimita reconociendo el estudio de caso que, según Yin, indaga sobre un fenómeno contemporáneo en su entorno real: puede estudiarse uno o varios casos y se utilizan diferentes fuentes de datos (Yin, 1989). Definir el espacio delimita gran parte de las condiciones, formas de vida y organización social. Hablar de un contexto rural, con una estrecha relación con el desplazamiento y la violencia. Una realidad global en contexto local.

Por otro lado, la imagen es una forma de expresión, contextualización y representación del suceso historiado. El profesor Dr. Carlos Flórez, en el texto “Umbral de la imagen”, invita a fundamentar la imagen como forma de constar, expresar o narrar la situación pasada o presente; para el caso del conflicto armado, Jesús Abad Colorado, fotógrafo y periodista, documentó momentos del conflicto armado en Colombia y gracias a su labor se puede observar algunas realidades del contexto violento. En esta misma premisa, se toman también las experiencias documentadas por el Centro de Memoria Histórica de Colombia y las normas establecidas por el Gobierno, para así generar una relación de lo teórico con las experiencias y realidades territoriales.

Los aportes permiten nombrar acciones imperiales que se normalizan; en la misma premisa, el aporte de la geografía agraria permite reconocer acciones relacionadas al capitalismo agrario, como es el primer capítulo de la investigación, y la cuestión agraria, que, si bien incorpora al gobierno en las dinámicas, también reconstruye un territorio con expresiones de vida diferentes. En cuestiones teóricas, se toman como referentes investigadores, conocedores del área e instituciones públicas y privadas, entre quienes se encuentra a autores como Davis Harvey, Karina Ochos, Rogério Haesbart, Bernardo Fernandes, entre otros, que permiten intuir las dinámicas de des-territorialización que se generan en Colombia, y se lleva a cabo el proceso de re-territorialización.

5.1 Memorias de las historias

El territorio es la vida y la vida no se vende, se ama y se defiende
(Escobar, 2012).

Los textos del Centro Nacional de Memoria Histórica han documentado la historia del conflicto armado, durante finales del siglo XX y principios del XXI; es el primer referente para reconocer la desterritorialización con prácticas de violencia y opresión. En este sentido, para mayor contexto de los acontecimientos de violencia, se recomienda llegar a textos como Nunca más Granada Antioquia, Basta ya, Colombia: Memoria de guerra y dignidad, entre otros.

Este punto de partida, la recopilación y análisis de la producción teórica en torno a los temas relacionados con la desterritorialización y la reterritorialización; la causa del conflicto y el retorno en las ruralidades, junto con otros abordajes, apoyan la fundamentación de la propuesta y al mismo tiempo reconocen diferentes experiencias que emergen en territorios principalmente de América Latina, permitiendo, así, generar una serie de proposiciones extraídas que sirven de punto de partida.

5.2 Investigación acción participación

Todos somos incoherentes, pero empezar a caminar a una búsqueda de cierta coherencia es una necesidad urgente. el hacer comunidad el hablar con los muertos, de los muertos y de los que no están, de los desaparecidos y reconocer sujetos no humanos nos puede permitir opciones en la debacle, que sentimos como angustia. y crear comunidad sin decir, nos organizaremos” ya lo he escuchado muchas veces y he visto la debacle muchas veces. Eso no quiere decir que no seamos organizados, eso quiere decir que no existe organización por la auto convocatoria y de la coherencia que debe tener cada vida personal. (Cusicanqui, 2010, p. 15).

Este segundo momento tiene como finalidad reconocer y nombrar las diferentes acciones de re-territorialización, producto de las acciones Estatales, particulares y de los campesinos, para reconocer las dinámicas en la ruralidad del Municipio de Granada, principalmente en el cañón del río San Matías. Para ello, es trascendental emprender un arduo trabajo de campo por medio de las técnicas etnográficas, donde habitar el espacio permite mirar ampliamente las acciones cotidianas, además de entrevistas y encuentros que permitan la recopilación de información precisa acerca de actores, actividades agrarias, acciones colectivas y direccionamientos deseados en el área rural.

Figura 8- Experiencias para nombrar 2018-2019-2020



Fuente: Autoría nuestra (2021)

Compartir saberes desde diferentes espacios, la interacción e inquietud colectiva que por medio de experiencias que se cuentan. En la imagen inicial se presenta el cierre de la experiencia Familias en su Tierra, seguidamente una actividad lúdico-pedagógica con niños y niñas para la construcción de máscaras y, por último, un recorrido por el Museo de Ciencias Naturales, espacios de aprendizaje horizontal, donde la acción de crear es el propósito de juntanza. Habitar la zona, permite ser parte, escuchar e interpretar, vivir y comprender lo cotidiano del campo. Así, aprender del saber sembrar, tejer, escuchar, anclar el plátano para que no se caiga, o sembrar la yuca en menguante para que crezca más. Estos seres que siembran, su acción con el azadón es como el bisturí de un doctor, tan preciso y mágico que solo la experiencia puede demostrar.

Además de las experiencias Compartir desde el juego la creación y aprender de la mediación permite tomar herramientas técnicas, para educar desde la ruralidad, aprender desde el juego y la imaginación la ciencia. Relacionar estos elementos en la cotidianidad inicia desde la re identificación biológica de los espacios, comprendiendo la diversidad que muere cuando se explota o, cuando se expande el monocultivo de aguacate se deja de sembrar la variedad, secando los suelos, eliminando formas de vida hasta especies, incluyendo a los campesinos y campesinas, al trabajar cumpliendo horarios y dejando a un lado el cultivo pan coger, así mismo cuando se represa el río, deja de ser de todos y pasa a ser de multinacionales, el ecosistema cambia, el flujo de agua y de aire se modifica.

5.3 Somos experiencia de vida

Figura 9- Caminos Pitágoras 2021



Fuente: Autoría nuestra (2021)

Caminar por caminos de herradura, habitar el espacio donde los ancestros vivieron, socializar con la comunidad y tejer con la junta comunal, ser parte del cañón de San Matías, reconocer que además que los abuelos también eran tribus que se mezclaron, que decidieron olvidar, antes de Granada se llamaba Vahos, donde habitaban los Patagoras, Tafetanes y Cocornáes: la memoria de algunos de ellos habita en los nombres de los ríos, representando la vida que habita en su magnificencia. Espacios sociales, familiares, son parte, ejemplo, espejo de lo que soy y no quiero ser porque existe el poder de transformar, de transmutar la realidad y, nombrarla es el primer paso para desprender los egos, los apegos y miedos. Cada uno es una experiencia de vida; cuando se comparte, se teje conjuntamente, al compartir con individuos, colectivos, instituciones o simplemente habitantes silvestres, se convive, en la espacialidad, con los sonidos, las acciones y los movimientos de cada ser vivo: insectos, bacterias, lombrices, que cumplen funciones de gran importancia en la biota.

Junto con el colectivo Oropéndolas se caminan las montañas reconociendo historias y creado las propias, aunque se vivió en la ciudad, se recuerda los pasos que las y los ancestros dieron. Entender como se van configurando las juntanzas a través de juntas comunales, acueductos, asociaciones productivas o ambientales, esos son propósitos que reconfiguran y llenan de vida los espacios. Las propuestas hechas acciones colectivas. La junta de acción comunal juega un papel importante en la relación socio espacial de la vereda, en este espacio de encuentro, los primeros lunes del mes, se coordinan las mingas y demás acciones que inciden en la vereda, la rocería y hasta la convocatoria para las

reuniones del acueducto veredal.

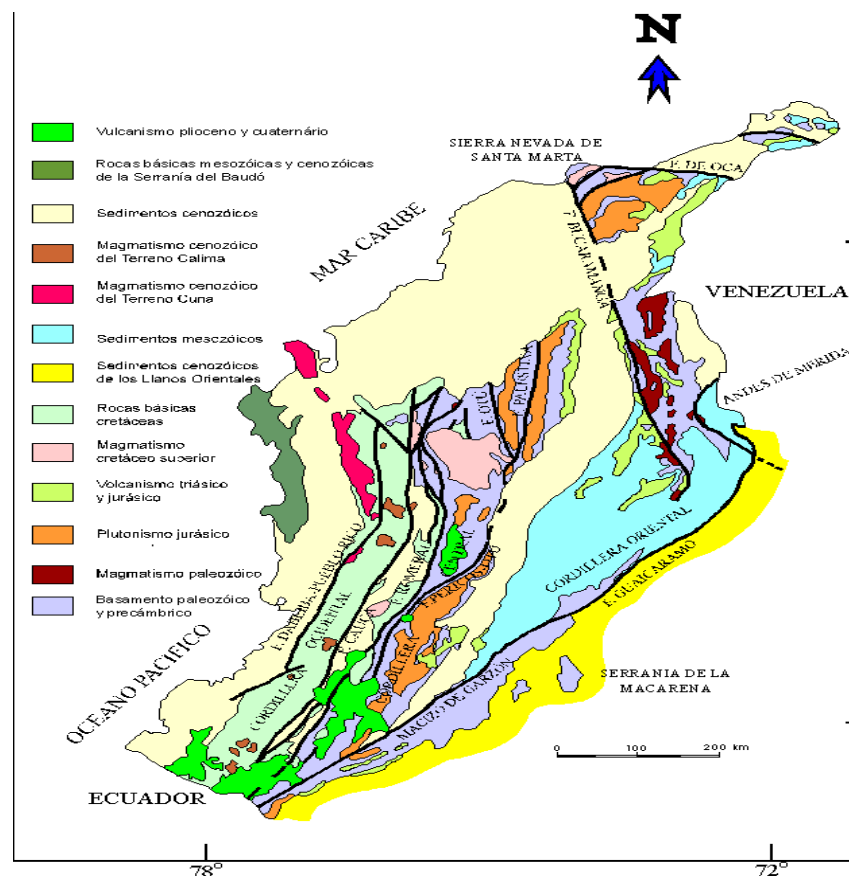
En este sentido, los registros anecdóticos, las entrevistas no estructuradas, las fichas etnográficas, los encuentros participativos, recorridos territoriales, entre otros configuran las técnicas para recolectar la información primaria, escuchar la voz de las y los campesinos, que se entretajan para nombrar la realidad de un espacio en retorno. Estos instrumentos permiten registrar de manera descriptiva los hechos o eventos significativos, entre las acciones, actitudes o conductas específicas de los sujetos, registrados con la observación.

El carácter fenomenológico permite que el investigador pueda obtener un conocimiento interno de la vida social, dado que supone describir e interpretar los fenómenos sociales desde la perspectiva de los participantes del contexto social. En este sentido, quien escribe también hace parte del espacio, y se aísla teniendo en cuenta los aspectos históricos, institucionales y las acciones de organización social y popular, para evidenciar estas historias. Por otro lado, las imágenes son el apoyo y al mismo tiempo otra forma de contar las historias, para ello, se toma al profesor Carlos Flórez quien en el texto *Umbral de la imagen* propone esta herramienta como técnica de recolección y difusión de la información. El texto se mueve en la temporalidad de ahí viene la espiral quien permite relucir acciones que se han dado de manera espontánea durante diferentes momentos históricos, y también nombrar esos otros elementos que vienen de los intereses económicos es decir que mono-culturizan.

6 TERRITORIALIZACIÓN DEL ESPACIO: UNA INTERPRETACIÓN GEOESPACIAL

Es importante destacar que la tendencia de desplazamiento que se aborda en este capítulo está relacionada con hechos de finales del siglo pasado y principios del presente, donde ya se han llevado a cabo procesos de retorno. La lectura global y temporal permite que la historia humana se construya desde los desplazamientos y movilizaciones, aunque la violencia se tornó en la técnica de la expropiación. Históricamente, Colombia ha padecido diversos conflictos causados por intereses individuales, políticos y de grupos insurgentes; pero, indudablemente, los principales afectados por las disputas y diferencias son los campesinos, indígenas y afrodescendientes, quienes habitan en territorios rurales. Estas dinámicas generan desintegración de familias, de relaciones sociales y en general el éxodo.

Figura 10 Elementos de la geología estructural



Fuente: Toussaint (1993, p.30)

El Oriente Antioqueño, ubicado en la cordillera central, al noroccidente de Colombia, con proximidad al río Magdalena, durante la última década del siglo XX y principios del presente fue una de las zonas con mayor conflicto armado en Colombia. Actualmente, es una de las zonas más importantes para la generación de energía hídrica del país, que llega a los territorios de manera impositiva, donde la energía es sólo el primer elemento. Es con este discurso que se expropian las tierras y se incrementa el uso de agrotóxicos, se cambia la modalidad de jornal o labor a trabajar por un horario y con menos de un salario mínimo.

La zona noroccidental de Colombia es tectónicamente compleja, ya que se encuentra en la unión de las placas Nazca (placa tectónica oceánica que se encuentra en el océano Pacífico oriental, frente a la costa occidental de América del Sur, más específicamente al frente a la costa norte y centro de Chile y la totalidad del litoral de Perú, Ecuador y Colombia, Caribe y Suramérica). En esta zona predominan mecanismos primarios como subducción (proceso de hundimiento de una placa litosférica bajo el borde de otra placa, formándose los llamados límites convergentes entre placas) y la falla transcurrime. (Monsalve, et al., 2005). El departamento de Antioquia se encuentra entre dos grandes sistemas de fallas: Palestina y Mulatos lo que hace que el espacio sea montañoso, las altitudes configuran una forma de relación, en la periferia de la ciudad por ejemplo allí llegan muchos desplazados, la pobreza es mayor, mientras en las cercanías a los ríos habitan los más ricos. La ubicación geológica configura una relación social donde la clase de poder empieza a elegir el espacio para habitar.

En la parte axial de la Cordillera Central, se presenta el único remanente de la sedimentación marina del Jurásico medio situado al oeste del río Magdalena, a gruesa secuencia de la Cordillera Central, que haya sido depositada probablemente en el Paleozoico temprano y que haya sufrido al menos dos fases diastólicas, una en el Paleozoico medio y la correspondiente al Paleozoico tardío-Mesozoico temprano. (Martínez; López, 1983). Los depósitos aluviales son depósitos superficiales no consolidados, están estrechamente relacionados a los ríos San Matías, Calderas, Tafetanes y las quebradas Santa Bárbara-La Cascada y La Honda. Son cuerpos alargados, localizados al largo de los drenajes. Estos se ubican en los tramos donde se disminuye el gradiente hidráulico y los procesos de sedimentación son favorecidos. En la zona central del departamento de Antioquia, los elementos morfológicos desencadenados principalmente por el proceso discontinuo de levantamiento de la Cordillera Central, que conforman la estructura básica del relieve, son superficies de erosión, escarpes regionales, frentes

erosivos y cañones. (CORNARE, 2012).

[...]En el Municipio de Granada, la geomorfología, en esta medida, se caracteriza por estar asociada a procesos erosivos, que forman superficies de erosión en la parte norte y hacia el sur se presentan cañones profundos pertenecientes al Frente Erosivo del Magdalena. (CORNARE, 2012, p.12).

De acuerdo a la morfología del espacio, las dinámicas sociales y ambientales se diversifican; las aguas, por ejemplo, han sido el eje para los asentamientos en la región: los Pantagoras surgen como grupos ribereños, las formaciones Kársticas, con cuevas, permitieron albergar a comunidades y allí consolidar escrituras o formas de expresiones como petroglifos, que aún se conservan, pero poco se conocen y mencionan. El Oriente Antioqueño, ubicado en el extremo norte de la cordillera central, parte de la cuenca del Magdalena medio, tiene movimientos y fallas geológicas que también inciden en la relación, construcción y movilización de la vida.

Estas composiciones morfológicas permiten condicionar un ecosistema dinámico donde en pocos metros las altitudes varían, lo que permite el cultivo de variedad de alimentos como se realizaba en los años 50s y 60, zanahoria papa y hasta azaí en pocos kilómetros, la humedad riega constantemente las plantas, las aguas son abundantes en las colias, que se dividen por las cuencas que son aprovechadas para pescar o recrear, hasta que el dinero es la prioridad.

6.1 La simbiosis en el espacio

El biólogo Orlando Rangel-Ch., en el texto *La biodiversidad de Colombia*, nombra y recuerda la riqueza natural del territorio colombiano, las investigaciones de la fauna y flora de los lugares más importantes para la biodiversidad en el país y el mundo como las Amazonas y el Chocó lugares húmedos donde brota las aguas.

Colombia, en términos planetarios, es uno de los dos países con mayor expresión de la diversidad biológica en todos los niveles en que esta condición se expresa: alfa (especies), beta (comunidades vegetales o tipos de vegetación) y gama (ecosistemas). Los resultados consolidados hasta agosto de 2005 del programa de investigación *Inventario de la Biodiversidad de Colombia*, señalan la existencia de cerca de 1.000 términos con información relativa a tipos de vegetación (diversidad beta). La mayor cantidad de registros se relaciona con la vegetación. La riqueza vegetal en todos los grupos (diversidad alfa) es mayor en la región andina o cordillerana. (Rangel-Ch. 2006).

Desafortunadamente, al igual que en la mayoría de los países latinoamericanos, en

Colombia ha predominado el carácter extractivo, destructivo de la oferta forestal. El renglón que prima es el maderable, que, en ciertas regiones, como el Chocó biogeográfico, ha llevado a una condición cercana a la extinción a numerosas poblaciones silvestres de la flora y a la sensible disminución de comunidades vegetales autóctonas.

Las cifras sobre riqueza biológica en diferentes grupos de la biota posicionan a Colombia en un lugar privilegiado en el concierto global. Los valores en anfibios, aves y plantas en la alta montaña son los mayores a nivel global. La riqueza de los peces de agua dulce y de las plantas con flores es la segunda a nivel mundial. Un aspecto muy importante es la condición de exclusividad o endemividad en algunos grupos como anfibios y plantas con flores de la alta montaña, en los cuales entre el 40 y 50% de la representación a nivel global reside en Colombia. El páramo colombiano presenta los valores mayores de diversificación en diferentes grupos vegetales: angiospermas (62%), musgos (85%), hepáticas (60%), líquenes (77%) y helechos (98%) en toda la extensa región biogeográfica. (Rangel-Ch, 2006, p. 301).

Los cuerpos de agua, al igual que la tierra, con la llegada de empresas extractivas, comienzan a ser controlados, cosificados, apropiados y violentados cuando se masculiniza el territorio, las mujeres están continuamente expuestas a intimidación, acoso, agresiones sexuales y otros tipos de violencias por parte de trabajadores mineros, empresas de seguridad y fuerzas públicas. El aumento del consumo del alcohol tiene como consecuencia una mayor violencia para las mujeres. La aparición de prostíbulos que llegan con las empresas extractivas supone nuevas fuentes de preocupación y el incremento de infecciones de transmisión sexual. (Colectivo Miradas Críticas Del Territorio Desde El Feminismo, 2017, p. 49).

Las formas de creación de energía han sido influenciadas en mayor medida por intereses políticos, y si bien las hidroeléctricas son más que un método para la producción de energía, se constituyen también como una de las primeras acciones homogeneizadoras, que llegan después de la violencia con el premio del trabajo. Este es el primer momento para la inserción de la dependencia económica, donde después de la expropiación y el cambio de uso de los suelos, la pavimentación de las vías para pasar los carros en cada espacio donde opera la empresa, llega otros modos de alienar; en el caso de la ruralidad, el monocultivo y la ganadería extensiva son los objetivos para quemar los cerros y bosques de las cuencas.

Además de la represión de las fuentes hídricas, ocurre la explotación de la vida de los campesinos, al reducirlos a la categoría de agricultores familiares, o mediante el trato

con otros términos que permitan transformar la relación entre todos los seres. Subjetivamente, la transformación de las montañas y la desviación de los afluentes facilita el cambio del uso del suelo, porque el valor de la tierra cambia, es decir, los campesinos desplazados y los ricos aprovechan la tierra de verano. la religión, la estructura familiar, la política, crean prototipos a seguir, que se constituyen en la realidad. Cuando se comprende la intencionalidad de las acciones, se experimenta la consciente decisión que se adopta frente a las prácticas individuales que se colectivizan. En este sentido, en torno a las acciones económicas también se asumen decisiones que configuran la realidad: si el consumo es indiscriminado, permite el fortalecimiento de las multinacionales colonizadoras del mercado, Coca-Cola, McDonald, Monsanto, etc.; esto que influye en la práctica cotidiana, al mismo tiempo reafirma la aceptación individual.

Imagen 5- Hidroeléctrica el peñol



Fuente: Autoría nuestra (2019)

7 UNA REALIDAD PARA CONVERSAR: HIDROELÉCTRICAS Y MONOCULTIVOS, UN INTERÉS QUE VA MÁS ALLÁ.

Es común escuchar que la principal causa de las guerras es la tenencia de la tierra, y es verdad. Pero ¿tierra para qué y para quién? Por eso, se centra la atención en el Municipio de Granada, principalmente la cuenca del río San Matías, un caso donde la explotación fue uno de los factores que desplazó a los habitantes del territorio, donde ahora las fincas son de menos personas, hay mayor ganadería y más monocultivo, existen varias empresas exportadoras de energía por medio de “pequeñas” centrales y se liberó la práctica del uso de agroquímicos para los productos tanto de consumo como de venta local.

Como lo menciona Daniel Estulin en el libro *Los secretos del Club Bilderberg*[...] la solución del hambre, la salud y la nutrición de los habitantes no es el interés de los gobernantes actuales: el flujo económico es primordial para las instituciones y empresas que ordenan y dirigen las actividades sociales y monopolizan el capital. (Estulin, 2005, p.10).

Ello genera dinámicas internas que inciden en lo local. En caso de Colombia, el país ocupó el segundo puesto dentro de los países con más desplazamiento después de Siria a finales de los años 90 y principios del 2000, el interés del narcotráfico, la trata de personas, la explotación minera e hídrica... es la cara para esconder “el desarrollo es el interés”. El debilitamiento social es el principal método de empoderamiento, donde la guerra, la violencia y el conflicto inciden en las acciones y cosmovisiones de las personas, lo cual permite introducir tecnologías que influyan en las relaciones sociales o simplemente en el método de operar.

La presencia de empresas multinacionales para la explotación de recursos, la comercialización de químicos y el fuerte posicionamiento de cooperativas y bancos facilita el endeudamiento. Esta es la realidad de muchos campesinos en América Latina; por tanto, la mano de obra se va para la ciudad porque “el campo no da para más”. El uso de químicos aumenta los costos de producción y disminuyen las condiciones de vida. Además, la implantación del cooperativismo facilita el endeudamiento de los campesinos, pasando esto de ser una población poco rentable a ser el foco del interés económico, ya que los campesinos dejan de ser dueños de la tierra después del desplazamiento, pero son

empleados de los terratenientes; también aumenta el endeudamiento, lo cual genera rentabilidad para los bancos y se focalizan las inversiones en agroquímicos para una “producción satisfactoria”, lo que causa bajas ganancias económicas, mayor trabajo y más enfermedades.

En este orden de ideas, el presente capítulo se divide en dos momentos. Una realidad para conversar: las hidroeléctricas como fuente de territorializar el Oriente Antioqueño y diluir al campesino en el monocultivo, ello con la finalidad de contextualizar la forma de desterritorializar a las campesinas y los campesinos granadinos por medio de los intereses económicos al intervenir hidroeléctricas y agrotóxicos en el territorio durante el presente siglo. Los procesos de globalización describen la expansión de las relaciones capitalistas de “mercado”, o sea, la creciente mercantilización de numerosas esferas de la actividad económica, social y cultural que anteriormente no estaban incorporadas a él. Asimismo, refiere a una serie de procesos que contribuyen a la integración de las diversas partes de la economía mundial en aras de la constitución de un auténtico “mercado mundial”. Ese mercado es “más global, más interdependiente, y más abierto en cuanto a sus conexiones macroeconómicas mediante la integración de los patrones de producción y de consumo que surgen de una ramificación creciente de la división internacional del trabajo, la interacción de los mercados nacionales de bienes y servicios, de capitales, divisas y trabajo, y mediante la organización transnacional de la producción en el interior de las firmas.

La idea de tomar como categoría el asunto económico meramente de las hidroeléctricas y monocultivos como la problematización de asunto, lo que se denomina como el capitalismo agrario, encierra el fin de nombrar, de manera material, cómo usamos los cuerpos-territorio, para trabajar y explotar, asumir la guerra, tomar partido, limitar el conocimiento y evitar escuchar las otras posibilidades que hay.

Cuestionar lo que deseamos de manera material abre otras posibilidades para observar, y así transformar, lo que pensamos, nombramos y deseamos. La plenitud está en cada ser, pero cuando la presión es degradante, como se ve en cada guerra de la historia humana, el próximo momento es resurgir, reinventar La domesticación de las mujeres abre espacio a deconstruir y diluir el proceso de reconocimientos del espacio, para agredir y sobrellevar la violencia y sadismo como principal estrategia de dominación.

7.1 Las hidroeléctricas como fuente de territorializar el Oriente Antioqueño

La paz no es más fácil que la guerra, allí implica escuchar y llegar a acuerdos y ya, la guerra simplemente es matar al otro” Uribe. (2015)

Existen diferentes formas de dar uso a los territorios o, sentirse parte de ellos: es como interactuar con el propio cuerpo ¿Uno usa su cuerpo? O ¿hace parte de él? Esta reflexión se quiere plantear con la finalidad de brindar otra interpretación de las formas en que se territorializa el espacio, cómo desde un interés económico se condiciona la estructura, el funcionamiento y el quehacer, consolidando la identidad. Desde Heráclito hasta Clausewitz o Kissinger: “la guerra es el origen de todo”, si por todo se entiende el orden o el sistema que el dominador del mundo controla por el poder y los ejércitos. (Dussel, 2000, p. 7).

Existe un poder que presiona para que todos adopten prácticas, como los medios de comunicación, lo que se nombra en las redes sociales y la expansión de información, que cada vez más se puede elegir alternativas; la difusión de información es una forma de revolución. Lo que también cuestiona la educación precaria, de sobrevivencia al encontrar campesinas y campesinos en vulnerabilidad, trabajar para alimentar al pueblo, y se trabaja hasta enfermo. Y, por otro lado, más del 20% de la electricidad del mundo se origina en las centrales hidroeléctricas, las cuales han jugado un papel trascendental en los conflictos actuales. El balance energético es una representación física y económica del proceso de transformación de la energía primaria y secundaria en su uso final, así como las importaciones y exportaciones de cada uno. Los energéticos primarios son aquellos que no requieren de ninguna transformación química o mecánica para su aprovechamiento; en la matriz energética de Colombia se encuentran el carbón, el petróleo, el gas, el agua, el biocombustible y las FNCER. Los energéticos secundarios principales son entonces los derivados del petróleo y la electricidad.

El sector energético tiene una estrecha relación con el desarrollo y el crecimiento de la economía de los países. La energía es un importante insumo para la mayoría de las actividades económicas, principalmente las industriales y de transporte. A partir del consumo de energía, la identificación y determinación de la demanda energética, es posible establecer las condiciones para la instalación y la construcción de nuevas infraestructuras que permitan la producción de combustibles y la generación de energía eléctrica, lo que a

su vez facilita el desarrollo productivo y económico.

7.1.1 Hidroeléctricas en Granada

Durante los últimos años de la década de los 90 y principios del 2000, Granada, el corazón del Oriente Antioqueño, al noroccidente de Colombia, tuvo el desplazamiento del 80% de la población; el control por las tierras por parte del Estado y empresas privadas, principalmente para la generación de energía, que promueve la violencia, conlleva síndromes y patrones. Por ello, se quiere destacar un poco el interés económico que ha primado en la vida de las personas, a partir del cual nos dedicamos a hacer normas, para incumplir la principal: cuidar la vida. En el caso de Granada, desde hace casi 30 años empezó la construcción de dos PCH por la constructora HMTV ingenieros: El Molino y San Matías, ubicadas en el río San Matías, que separa a Cocorná del municipio de Granada, y Cocorná y San Francisco, que ya fueron intervenidas por parte de las mineras energéticas. Las solicitudes de licencias ambientales en el caso de proyectos hidroeléctricos deben acompañarse de una serie de estudios que contemplen el entorno geográfico y sus características ambientales y sociales, un análisis comparativo de los efectos y riesgos inherentes a la obra o actividad y las posibles soluciones y medidas de control y mitigación para cada una de las alternativas.

En las cuencas hídricas nace la vida: allí habitan y transitan diversas especies que generan simbiosis entre el ecosistema. Granada tiene una favorable altitud media de 2.050 msnm, que vienen desde los 900 msnm a los 2200 msnm; el bosque montoso húmedo tropical es la base ecosistémica que configura la relación espacial: doce horas de sol, doce horas de luna. Con tres cuencas principales, como la cuenca del Calderas, que separa al Municipio de San Carlos, la cuenca del Río San Matías, que separa los municipios de Cocorná y El Santuario con Granada, y la cuenca de Tafetanes, que se encuentra en el centro de las cuencas mencionadas, dentro del Municipio de Granada y desemboca en la cuenca del río San Matías.

Mapa 2- Centrales Hidroeléctricas en el cañón de San Matías



Fuente: Autoría nuestra (2021)

La cuenca del río Calderas, con la empresa ISAGEN, se represó de manera involuntaria, gracias a lo cual los líderes y todos los campesinos se diluyeron en el exilio. La Central Hidroeléctrica “los Molinos”, construida en la cuenca del río San Matías, es la casa de máquinas para la transformación de energía. Además, actualmente se están licitando y haciendo estudios técnicos y ambientales, entre ellos la PCH de Malpaso y Guadualito, con el interés de exportar energía eléctrica.

Pero, además, dentro del Municipio de Granada también están pensando la PCH La Cascada, iniciativa del Municipio, cedida a la empresa INMAQ; PCH el Tabor y en los medios tiene una PCH, las cuales son construidas por multinacionales para la exportación de energía; ello sin ningún reparo del contexto ambiental.

La cuenca del río Caldera ha tenido el proceso de organización social, donde lamentablemente muchos fueron víctimas directas de la violación de los derechos humanos. Pero por cuestiones técnicas y metodológicas se enfatiza en la cuenca del río San Matías como área de estudio para lograr nombrar y abordar elementos concretos de la re-territorialización. En la cuenca del río San Matías habita un efecto de neblina durante las tardes que sostiene la humedad del lugar, así sea un día soleado. Un siglo antes lo habitaban los arrieros, a quienes las labores como cargueros los obligaba mantener la fuerza física para cargar y caminar por las montañas, bajar y subir por los caminos hechos por los

animales que adelante iban con las cargas. Antes de los arrieros, los petroglifos que perduran en la vereda Quebradón Arriba, en el mismo cañón, nombra la posible tradición pantagora que habitó en la cuenca junto con prácticas que hoy son olvidadas o pocos conocen, como tejer el fique, o las canastas de mimbre donde se guardaba hasta el alimento.

La Facultad de Ingenieros documenta algunas de las hidroeléctricas y formas de construcción de Colombia, aunque no se encuentra información documentada que recopile e informe sobre la cantidad y finalidad de las represas que existen en Colombia se nombra algunas como.

La Central Hidroeléctrica de Calderas. Algunas de las características generales de esta represa, que se ubica en el Departamento Antioquia, municipios de Granada y San Carlos, son las siguientes: gravedad en concreto con un volumen de presa 25.000 m³, con la altura de: 25m y un volumen de embalse de 300.000 m³, con la producción anual de energía: 87 GWh por medio del caudal recibido de 6,7 m³/s. (Palacios, 2013, p. 47).

Sobre la margen derecha de la presa existe una estructura para la descarga de fondo, construida sobre uno de los ramales del canal utilizado para la desviación del río Calderas, durante la construcción de la presa. La estructura de la descarga de fondo es controlada mediante una compuerta radial de 4,5 m x 4,0 m de sección, accionada por servo-motores y una unidad hidráulica, que permite la evacuación de sedimentos y el vaciado del embalse por debajo del nivel mínimo de operación

La toma de agua se realiza mediante una estructura de captación vertical de 56 m de profundidad y 2.10 m de diámetro; un túnel de presión superior de 2.730 m de longitud; un pozo de presión vertical de 80 m de altura y 2.10 m de diámetro; un túnel de presión inferior de 529 m de longitud, de los cuales 424 m se encuentran blindados con tubería de acero. (Palacios, 2013, p. 47).

Hoy esta central, tiene limitado su capacidad de funcionamiento, teniendo en cuenta que los sedimentos que arrastra las lluvias están en un proceso de descomposición alterando Co₂ del área. Lo que genera gran preocupación teniendo en cuenta que para las empresas es más fácil y económico abrir compuesta y generar un caos ambiental, diciendo que aguas abajo no hay nada, más que un ecosistema exclusivo. En conversas con expertos, en casos así estos sedimentos pueden ser aprovechados como abonos orgánicos para la comunidad cercana si se extrae de la manera adecuada.

Además de los humanos en el territorio, hacen parte cientos de anfibios como ranas

y serpientes, mamíferos como guaguas, tayras, coatíes, ocelotes, armadillos, comadreja, osos hormigueros, zarigüeyas, entre otras; cientos de aves, como caciques candelos, oropendilos, semilleros, gorriónes, carpinteros, además de los animales migrantes, como por ejemplo en el cañón de San Matías, donde cada año transita la migración de cientos de aves, principalmente águilas que pasan el invierno del norte en el sur y regresan a su lugar.

Para la construcción de cualquier intervención estructural, el reconocer el contexto, las historias, quién lo habita, permite generar la simbiosis, es decir, la reacción de mutuo apoyo que permite la diversidad. Para lo que es necesario tener en cuenta las condiciones topográficas, geológicas, hidrológicas y ambientales presentes en la cuenca hidrográfica, así como lo correspondiente a los esquemas constructivos y operativos de ingeniería. Es fundamental tener bien presente que, tanto desde el punto de vista económico como ambiental, la posibilidad de que en una central hidroeléctrica se produzca un efecto neto positivo dependerá, decisivamente, del criterio de planeación adoptado en la fase inicial de concepción del proyecto. Por ello, es necesario que los estudios ambientales sean elaborados con los estudios técnicos y económicos, desde las fases. (Hernández, 2011).

Cano expresa, mediante su investigación sobre el diseño de una metodología de evaluación de impacto ambiental de proyectos hidroeléctricos, que es necesario realizar nuevos planes de manejo ambiental para identificar de manera más específica cuáles son los impactos más incidentes en los daños al medio ambiente para realizar actividades de mitigación del riesgo frente a las mismas (Cano, 2016, p. 65). En el caso del río Calderas, y la hidroeléctrica que lleva su nombre, los sedimentos han copado el límite, lo que disminuye considerablemente su capacidad de productividad. El manejo de estos sedimentos represados por más de 30 años son de gran importancia ya que al permitir que sigan el cauce, afecta directamente todo el ecosistema que lo precede.

En la vereda Tafetanes al oriente del núcleo, hay un embalse en que se represa el río se desvía por medio de un túnel que lo conduce a la quebrada Los Medios, afluente del río Calderas, corriente que más abajo se represa y se desvía por un túnel al río San Carlos, para incrementar el caudal para la generación de energía hidroeléctrica en la Central Calderas, con una capacidad total de 25 MW integrada al Sistema Interconectado Nacional a través de la línea Guatapé-Calderas y Calderas-Río Claro. (CORNARE, 2011).

En cuanto el consumo de energía, existen diversas formas de crearla, aun considerando las hidroeléctricas la más eficiente. La forma indiscriminadamente violenta que se genera para la realización de estas mega obras es un ejemplo del desarrollo humano al que nos acogemos. Ante la construcción de estas obras, además de los ecosistemas, se

mueren también los grupos sociales. La desterritorialización atenta contra la memoria cultural, puesto que disuelve los nexos comunicativos y la significación de un lenguaje construido en el tiempo y espacio, dejando la amnesia colectiva.

La diversidad de plantas dentro de un ecosistema posibilita la diversidad de especies, de elementos y formas de relacionarse; cuando sólo hay vacas y pastos, los humanos limitan la variedad de sabores y nutrientes que hacen parte del lugar. Reconocer o al menos nombrar algunas formas de territorializar el espacio de manera sistémica permite contextualizar la forma como se desterritorializa a las campesinas y los campesinos, las y los indígenas, afrodescendientes y otras formas de expresión de vida.

7.1.2 Hidroeléctricas en El Oriente Antioqueño

Antioquia, noroccidente de Colombia, se identificó como el mayor foco de desplazamiento en el país, provocando que más del 10% de la población antioqueña se movilizara.

La región del Oriente, junto con Urabá, entre 1995 y 2002, fueron las regiones con mayor desplazamiento forzado. En el Oriente, los municipios con mayor desplazamiento fueron Cocorná, Granada, San Carlos, San Luis, San Francisco y San Rafael. (INER, 2011, p. 107-110).

El Oriente de Antioquia se subdivide por cuatro zonas: el valle de San Nicolás, límite con la ciudad de Medellín, la Zona de Embalse, donde se encuentra la represa de Guatapé, que suministra el 32% de energía al país, zona de páramo y zona de bosque. Estas áreas están pensadas para su uso económico. La Dirección de Planeación Estratégica Integral de Antioquia, con la cotidiana estructura extractivista, ha promovido de diferentes formas la represa de todos los ríos de la zona, con excepción del río Samaná. El Oriente antioqueño, debido a su riqueza hídrica, pluviosidad y topografía, fue el lugar elegido para la construcción de una de las primeras grandes represas del país, la cual fue planeada desde lo técnico y financiero, pero dada la incipiente legislación ambiental de la época, se constituyó en un aprendizaje desde la óptica ambiental y social para este tipo de proyectos, convirtiéndose en un hito en la historia de la región.

Figura 11. Algunas hidroeléctricas del Oriente Antioqueño



Fuente: Toro (2016, p. 5)

La disponibilidad del recurso energético constituye un eslabón fundamental del desarrollo económico, sus fuentes de producción pueden ser no convencionales y convencionales. Colombia genera en gran porcentaje la energía con centrales hidroeléctricas, una de ellas la represa de El Peñol Guatapé, ubicada en el Oriente antioqueño, construida en las décadas del sesenta y el setenta, con fuertes impactos sociales a la comunidad en la zona de influencia directa, dada la ausencia de la legislación ambiental y responsabilidad social de la época.

En el Oriente antioqueño, según Oladier Ramírez Delgado secretario general de CORNARE “Son 30 licencias ambientales que se han otorgado, de las cuales solo hay 7 en operación, es decir, que hay 23 que agotaron todo el proceso de licencia ambiental y que hoy, no han iniciado operaciones” estos proyectos mantienen con vida el debate por la producción de energía a partir del agua en el Oriente antioqueño. Es el caso de las pequeñas centrales hidroeléctricas (PCH) Guadualito, entre el Santuario y Cocorná; Churimo, en San

Rafael; y Aures II, en Sonsón. La primera apenas tramita su diagnóstico ambiental de alternativas, la segunda ya avanza en su licenciamiento y la tercera fue archivada por Cornare, pero su proponente interpuso un recurso para que se revise de nuevo esa decisión.

Esos procesos avanzan en medio de un debate que no logra acuerdos entre oponentes y defensores de este modelo, el cual consiste en producir energía mediante la fuerza del caudal del agua, sin que su potencia supere los 10 megavatios.

Las primeras grandes obras de infraestructura que se realizaron sobre el Oriente Antioqueño son las del complejo hidroeléctrico Guatapé, dadas las grandes condiciones ambientales, en especial sus grandes recursos hídricos, de los cuales los habitantes se han beneficiado y ufano. Esta riqueza fue lo que llamó la atención de grandes inversionistas como Empresas Públicas de Medellín (EPM) e Interconexión Eléctrica SA (ISA), dueñas y constructoras de varios de estos proyectos que afectaron directamente a los municipios de San Carlos, Granada, San Rafael, El Peñol, Concepción, Alejandría, San Vicente y Guatapé, pero indirectamente a toda la región. Se construyeron, entre los años 60 y 80, los proyectos de Guatapé (560 MW), San Carlos (1.240 MW), Jaguas (170 MW), Playas (200 MW) y Calderas (19.9 MW). (Corporación Cocorná Consciente, 2017).

El primer proyecto que se construyó fue el de Guatapé, que se inició en el año de 1963, generando gran impacto sobre los municipios de Guatapé y El Peñol, dado que “el embalse de Guatapé inundo el 56% del territorio municipal que representa la totalidad de las tierras cultivables, desapareciendo la base económica de la región”. (CINEP, 1986, p. 44).

[...]Además, se inundó la totalidad de la zona urbana del Municipio de El Peñol, lo cual ocasionó grandes cambios en las dinámicas de estos municipios: la economía campesina desapareció, como se ve en la actualidad, y Guatapé es ahora un municipio que basa su economía en el turismo, gracias en mayor medida a la construcción de la hidroeléctrica. (Agudelo, 2010 p.3).

San Carlos es el municipio más afectado por los proyectos hidro energéticos. Es allí donde se dio el mayor número de paros, movilizaciones y muerte de líderes que hicieron estos reclamos. En este municipio, la construcción de dichos proyectos comienza en los años 70 y termina a mediados de los años 80, con grandes dificultades entre las empresas constructoras y la comunidad. Uno de los hechos más importantes fue la forma en la que se adquirieron las tierras: se compraron ejerciendo gran presión a los pobladores, con amenazas tales como “si no reciben lo que le estamos ofreciendo le inundamos las tierras y se le pierden”. (Centro de Memoria Histórica, 2012).

De igual manera, los enfoques desarrollistas con subtítulos como “Humano Integral”, son las formas estructurales de pensarse el territorio. Como se menciona en Horizonte 2030 del Oriente, el Aburrá y Occidente Antioqueño, es así como, mediante el cambio de dinámica económica, la relación social se altera. El trabajo es una de las principales acciones de dominación inorgánicas y normalizadas. Así, el campesino tiene que abandonar su espacio donde se facilitaba la alimentación por medio de la independencia y la seguridad que la ruralidad permite. El agua comporta un interés económico; una prueba de esto es la confrontación entre grupos armados y el método de resistencia de las guerrillas, que hacían presión en torres de energía como método de oposición para la comercialización de este recurso.

Hubo un factor que generó mucha desestabilización y mató a mucha gente: las voladuras de torres de energía, que se convirtieron no solo en una forma de presión para las empresas generadoras de energía, sino también una oportunidad económica por la venta del cable; en torno a la venta del cable de redes se conformó toda una cadena comercial. (Centro de Memoria, p. 96, 2012).

La tecnología incide en muchos de los aspectos ambientales: el desplazamiento y el conflicto armado tienen una estrecha relación con el problema de las tierras y al mismo tiempo de desarrollo. Así, es necesario sumergirse en las dinámicas globales y homogéneas. La historia de la civilización, con su visión unidimensional de progreso, implica que las sociedades puedan ser consideradas primitivas o avanzadas según su nivel de desarrollo tecnológico. (Rodríguez *et al*, 2008, p. 12).

El río Samaná desemboca en el río Magdalena, atravesando bosques húmedos y muy húmedos. Por comentar algunos de los aspectos destacados dentro de este ecosistema, don Gildardo Cadavid, habitante de la comunidad samaneña La Compañía Integrales, quien es contratada por Celcia, declaró que este río cuenta con más de 45 especies de peces, 65 especies de aves endémicas, y además, “[...] cuenta con plantas como “guanábano del monte” y 61 especies de plantas ‘reófilas’; asimismo, se han encontrado recientemente nueve especies de plantas que son nuevas para la ciencia. (MOVETE, 2018, p. 179).

Este río es el único ejemplo de esperanza para un ecosistema y muchos universos dentro del mismo; es así como desde las diferentes organizaciones y procesos comunitarios se hace resistencia para evitar la construcción de la hidroeléctrica Porvenir II. Por medio de diferentes acciones organizadas, se ha parado la ejecución de esta obra. Los ajustes del espacio en el tiempo, para la apertura de esta nueva forma de dominar y apropiarse de los

lugares e identidades, no está alejado de lo que Harvey denomina como el “espacio dinámico de acumulación de capital y de penetración de relaciones sociales”.

Figura 12- Ríos de gente por la defensa del territorio



Fuente: Autoría nuestra (2021)

Algo que no se va a profundizar, pero sí es importante resaltar, es la legalización de predios. Impulsar más el esquema de propiedad privada, aboliendo las acciones imperialistas en ese proceso “evolutivo”, va creando divisiones de clases, en las que la especificidad de las actividades y el cumplimiento de horario son otra forma de opresión y esclavitud. Ríos de gente por la defensa del territorio, ríos que corren libres por los valles y montañas creando cuencas donde habita la vida, ríos que cuidan la vida, ríos que dan la vida, de ese espacio donde cada partícula existe.

7.1.3 Las hidroeléctricas en Colombia

Dentro de la Tierra, en un pedacito cualquiera siempre se encuentran elementos que generan energía: hay vida con el movimiento de cada partícula que hace parte de un espacio. Ahora bien, ahondando en el territorio colombiano, las plantas hidroeléctricas representan el 68% de la oferta energética del país. El periodista Sebastián Montes (2019), en la revista República, comenta que las cifras de la oferta de las compañías hidroeléctricas son de 11.834,57 megavatios (MW), sumando las plantas despachadas centralmente.

En el caso del Oriente Antioqueño, ISAGEN cumplió un papel importante debido a su acción en este lugar, donde, para facilitar responsabilidades, después del conflicto, esta empresa nacional fue vendida por 640.000.000 millones de pesos. De acuerdo con PETTI: El capitalismo significa la sumisión del ser humano y de la naturaleza a los dueños del capital en un sistema de competición y consumismo sin límites, lo que causa enormes injusticias económicas, sociales y destrucción de la naturaleza. (PETTI, 2017, p. 20,

traducción propia.) En el mapa se observa la línea de transmisión nacional donde tiene la proyección de articular las líneas principalmente en el norte del país, la convención azul son las redes en construcción con la prospección de iniciar la conexión eléctrica en zonas como el Chocó y diferentes departamentos, que aún cuentan con distintas entidades públicas y privadas. CELCIA, ISA, EPPM son algunas de las empresas más conocidas en Colombia para la generación de energía eléctrica. Es así como opera el desarrollo minero energético, con la propuesta de represar y acumular, dejando sedimentos que perjudican el ecosistema.

Figura 13- Red de conexión energética en Colombia 2019



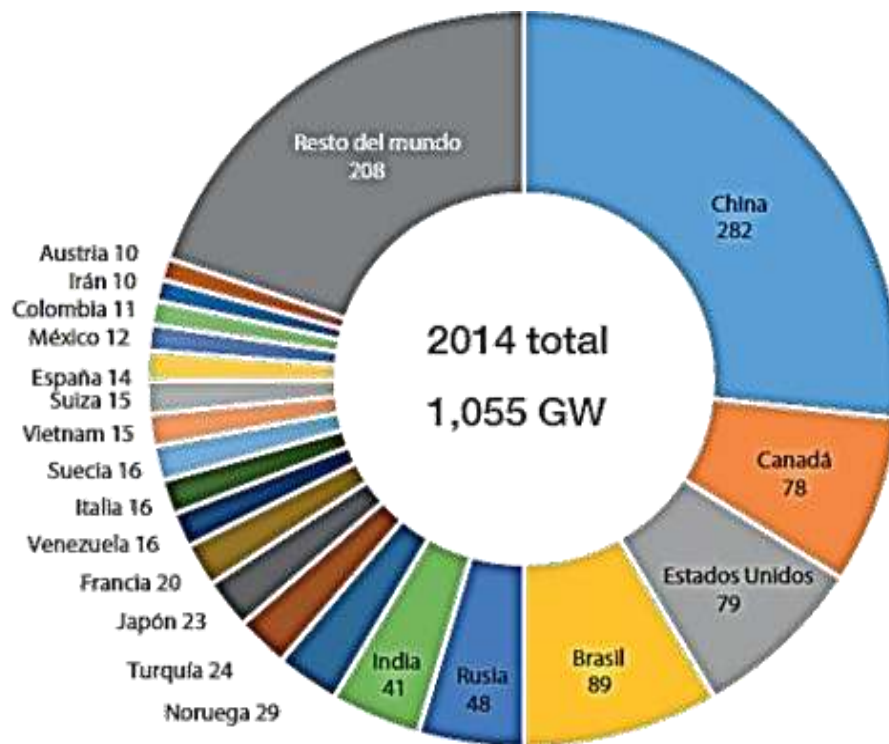
Fuente: UPME (2019, p 5)

Las hidroeléctricas se clasifican según su capacidad de generación de energía. Las microcentrales generan hasta 100 KW; las centrales de pequeñas potencias, de 100 KW a Pa 1000 KW; las centrales de mediana potencia, 1000 KW a Pa 10000 KW; las centrales de alta potencia, mayor a 10000 KW. (UCA, 2011).

Según la revista *Atlas Hídrico UPME*, China dominó el mercado

añadiendo 21,85 GW de nueva capacidad dentro de sus fronteras. Otros países también lideran el mercado en nuevas implementaciones como Malasia (3,34 GW), Canadá (1,72 GW), India (1,20 GW), Turquía (1,35 GW), Brasil (3,31 GW) y Rusia (1,06 GW). (International Hydropower Association, 2005, p.4).

Figura 14- Sistema de funcionamiento Hidroeléctrica AIE



Fuente: International Hydropower Association (2005, p. 12)

Si bien el desarrollo de la energía por hidroeléctrica ofrece enormes oportunidades, también plantea desafíos y riesgos considerables que varían significativamente, según sea el tipo, la ubicación y la escala de los proyectos. “Factores como el reasentamiento de las comunidades, la inundación de grandes superficies de tierras y los cambios importantes en los ecosistemas fluviales deben considerarse con atención”. (Banco Mundial, 2015). Desde el 2015, la Agencia Internacional de Energía (AIE) es una organización autónoma cuyo trabajo es proporcionar energía “confiable, asequible y limpia” para sus 29 países miembros. Es el papel inicial de la AIE, fundada en respuesta a la crisis petrolera de 1973 y 1974.

En el mundo se usan otras formas minero-energéticas como energía hidráulica: en África se produce 2%, en Europa 13%, en Suramérica 18%,

en Norteamérica 26%, en Australia 2%, en Asia 39%. Por otro lado, otras formas de producción energética son la nuclear, 18%, gas, 13%, aceite, 10%, carbono, 36%, hidráulica, 19%, otro, 4%. Actualmente, se cuenta con técnicas y estrategias de generación de energía por fricción, solar y otras con las que se puede mejorar la efectividad y la durabilidad de los insumos, porque además de los cambios del paisaje, cada 50 años o menos también se hacen cambios de torres y redes eléctricas, lo cual permite un flujo constante de la producción y consumo de estas herramientas que ya son licitadas y controladas por grupos minero-energéticos. (International Hydropower Association, 2005, p.6).

Para la construcción de una central hidroeléctrica en términos materiales se requiere de un sistema de captación, compuesto por una compuerta deslizante y una compuerta tipo vagón, cuya compuerta principal consiste en una cortina operada de manera automática por sistema hidráulico. También se requiere de la tubería de carga, la cual permite la captación y flujo constante de las aguas; por lo general, está construida en concreto y en virolas de acero al carbono en el tramo inclinado y la casa de máquinas. La casa de máquinas es el edificio donde se alojan las unidades de generación, los tableros de control, los equipos de servicios auxiliares y la subestación.

Las centrales hidroeléctricas son estructuras que permiten el aprovechamiento de masas de agua en movimiento y las transforma en energía eléctrica, utilizando turbinas hidráulicas que se encargan de transformar en energía mecánica la energía cinética, para de esta forma conducirla por la infraestructura de transporte de energía eléctrica. (ENDESA, 2017, p. 30).

Una central hidroeléctrica clásica es un sistema que consiste en tres partes: una central eléctrica en la que se produce la electricidad; una presa que puede abrirse y cerrarse para controlar el paso del agua, y un depósito en que se puede almacenar agua. El agua de detrás de la presa fluye a través de una entrada y hace presión contra las palas de una turbina, lo que hace que estas se muevan. La turbina hace girar un generador para producir la electricidad. La cantidad de electricidad que se puede generar depende de hasta dónde llega el agua y de la cantidad de esta que se mueve a través del sistema. La electricidad puede transportarse mediante cables eléctricos de gran longitud hasta casas, fábricas y negocios. (National Geographic, 2010).

El tiempo de vida útil de una central hidroeléctrica por lo general oscila entre los 20 a 50 años, dependiendo también de la sedimentación que se genere en el depósito, lo que posteriormente conlleva al manejo de residuos o de manera ilegal e irresponsable el drenado arrollador de los sedimentos.

7.1.4 Afectaciones ambientales:

Frente a las afectaciones del ambiente, Osorio comenta en la consulta popular ante los impactos ambientales de la construcción de hidroeléctricas. que cuando se represa los ríos, se construye el azud, del árabe: as sad, “barrera”, o presa derivadora; es una construcción habitualmente realizada para elevar el nivel de agua de un arroyo o río, con el fin de derivar parte de dicho caudal a las acequias de riego u otras conducciones de abastecimiento para desviar el agua a una bocatoma lateral, llevando la mayoría del agua hacia esta; en la mayoría de los momentos, causa un espejo de agua importante (Osorio. 2010). Al mismo tiempo, el azud causa una disminución de la velocidad del agua, situación que a su vez ocasiona que haya un proceso de sedimentación, porque el agua siempre trae partículas de arena y tierra que terminan asentándose aguas arriba del azud. Esto lleva a la pérdida de profundidad del lugar; si es un balneario, pierde la utilidad por la cantidad de arena y pantano que se represa.

En consecuencia, disminuye el oxígeno disuelto del agua, que es necesario para que las especies acuáticas vivan, causando el ahogamiento de algunas, y la muerte de otras por falta de alimento. Lo anterior también puede ocasionar, a largo plazo, y en relación a la contaminación del agua, un proceso de eutrofización: el olor del agua se torna nauseabundo y cambia de color a un verde muy oscuro, por el exceso de contaminación que puede tener la fuente de agua y que aumenta con el ahogamiento de especies. Este término proviene del griego y quiere decir “bien nutrido”. El proceso consiste en el enriquecimiento de nutrientes, sobre todo nitrógeno y fósforo, en un ecosistema acuático. Este fenómeno contaminante comienza cuando el agua de un ecosistema acuático recibe un vertido de desechos que favorece el excesivo crecimiento de materia orgánica y que provoca un crecimiento rápido de algas y otras plantas verdes que cubre la superficie del agua.

Los ecosistemas terrestres y acuáticos que presentan inundaciones por la construcción y puesta en marcha de proyectos hidroeléctricos presentan cambios en su estructura y funcionalidad. En ese sentido, la ejecución de estos proyectos se asocia al cambio y la disminución de servicios ecosistémicos, deforestación, alteración del ciclo hidrológico y modificación y pérdida de hábitats, entre otros efectos presentados en las áreas de influencia del proyecto. (Instituto Alexander Von Humboldt, 2015). Los cambios en el régimen hidrológico, la afectación del flujo hídrico, la estacionalidad y la mayor carga de sedimentos afectan procesos ecológicos como las migraciones de peces, de gran importancia pesquera. Los efectos indirectos de esta infraestructura inciden en los

humedales y sobre otros ecosistemas en los planos de inundación. En consecuencia, en el desarrollo hidroeléctrico del país se deben sopesar costos y beneficios de proyectos individuales y sectoriales, aplicando el concepto de evaluación ambiental estratégica que es de particular relevancia en la gestión de la Biodiversidad. (Ministerio De Ambiente Y Desarrollo Sostenible, 2014).

El azud, que desvía alrededor del 75% del caudal del agua por un túnel o tubería, también causa afectaciones ambientales aguas abajo de donde se construye. El resto de líquido sigue por el cauce natural del río como caudal ecológico. Si en la fuente donde se construye el proyecto hidroeléctrico hay procesos migratorios de especies, el azud acaba con esos procesos, porque ningún animal acuático tiene la capacidad de sobrepasar una barrera de estas condiciones, lo que puede ocasionar no solo que la especie no pueda hacer su proceso migratorio, sino su desaparición. Así que también se generan consecuencias aguas arriba del azud, muchas especies y personas pueden depender del alimento que le proporcionan estas especies, que migran aguas arriba o en caso contrario, si lo hacen aguas abajo. (Agudelo, 2010).

El río, después de la desviación de la mayor parte de su caudal, queda con una gran presión hídrica, pues ya no se puede utilizar el agua restante del río para ninguna actividad. Esto desaparece los balnearios e imposibilita que las fincas aledañas al río, y donde queda solo la cuarta parte del agua, puedan usar el líquido para las diferentes actividades agropecuarias; a esto se le puede sumar, también, la disputa con los animales, los cuales solo tendrán el agua necesaria para sobrevivir, pero en el momento en el que la empresa no cumpla con el porcentaje de caudal ecológico, y el campesino utilice el agua mínima que debe tener el río para sus actividades agropecuarias, lo que se causará son consecuencias mortales para los animales. (Agudelo, 2010, p. 14).

La construcción del túnel para la conducción del agua que generará la energía eléctrica causa diferentes tipos de daños. Centrándonos en los ambientales, se podrían mencionar la pérdida o importante reducción de las aguas superficiales que también acontece, ya que, para hacer el túnel es necesario la utilización de explosivos, que al accionarse fracturan las piedras, ocasionando que por gravedad las aguas superficiales terminen en el túnel, en consecuencia, sin agua en la superficie.

Por otro lado, para la realización de zonas de descargue de tierra y la infraestructura del proyecto, como carreteras, es necesaria la tala de árboles. Estas obras, para su realización, causan ruidos y polvo, lo que cambia la dinámica ambiental de la zona: lleva a posibles problemas respiratorios y afectaciones en los cultivos por el polvo, derivado

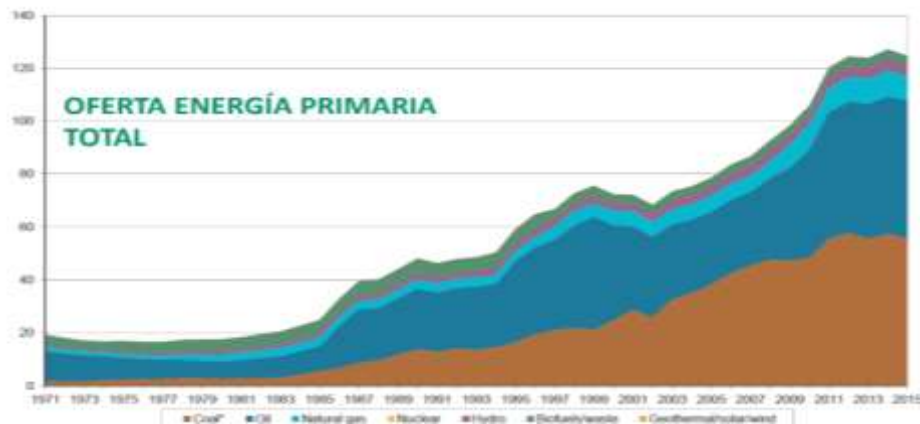
principalmente de la construcción de la carretera. Es así como sucede en veredas afectadas en el río Paloma, Municipio de Sonsón, Antioquia, donde se ocasionó la migración de animales como las aves, por el ruido que hacen las maquinas en la construcción y las otras consecuencias de la realización de las obras. (Agudelo, 2010).

7.1.5 Depósitos alivio-torrenciales

Hacen parte de las superficies generadas por las acumulaciones de materiales derivados de crecientes torrenciales pertenecientes a las principales corrientes de las cuencas en el sur y oriente de Granada. Estos depósitos se componen de bloques rocosos de tamaños variables en una matriz arenosa. Se localizan principalmente en la zona de desembocadura de los afluentes tributarios de los grandes ríos y quebradas. (CORNARE, 2012).

Las fuertes lluvias constantemente mueven las piedras de los ríos; las rocas ígneas que conforman muros y cascadas abren paso a los movimientos de las torrenciales, concentrando la sedimentación en bloques, causando movimientos de taludes o desbordamiento principalmente en los puentes de las vías.

Figura 15- Oferta energética en Colombia



Fuente: UPME (2019, p. 15)

7.1.6 Depósitos de vertiente

Son depósitos de deslizamientos, flujos de lodo y escombros y algunos conos de deyección; se componen, generalmente, de bloques heterométricos de rocas, los cuales, en ocasiones, son puestos al descubierto por los procesos de erosión, generando una superficie irregular con bloques expuestos, embebidos en una matriz arenosa o limo-arcillosa. Presentan una morfología superficial ondulada de pendientes suaves a moderadas,

asociados a las partes bajas de los escarpes regionales que limitan las superficies de erosión y también se localizan en las vertientes de los cañones de los frentes erosivos". (CORNARE, 2012).

Al evidenciar los daños causados a causa de hidroeléctricas, económicamente no es rentable la producción de esta, debido a las diferentes causas mencionadas donde se disminuye la capacidad de producción. En la gráfica, se observa que la franja purpura es la producción de energía a través hidroeléctricas, por otro lado, esta producción minero energética está tomando fuerza en la producción para el consumo nacional.

Imagen 1- Minga Campesina, Huerta Comunitaria. 2018



Fuente: Autoría nuestra (2018)

Imagen 2- Monocultivo de aguacate, Vereda La Paz.



Fuente: Autoría nuestra (2020)

Un día llega La señora Piedad a casa, toca la puerta, cuando abro me encuentro con una cara triste, esa que nunca llevaba, sorprendida la invité a que pasara y tomara un café, empezó la conversación, ¿que aconteció mi señora? - le pregunté- ¿Recuerda a mi hijo que estaba trabajando en el arado de fríjol? -Sí- se fue para Cali (otra ciudad de Colombia) él trabajó más de tres meses para tener la producción de fríjol, le invertimos casi un millón (en riegos y abonos), pero en el momento de venderlo sólo le dieron un millón de pesos; trabajó todo ese tiempo entre sol y agua para pagar la inversión (Relato cotidiano, 2018.).

¿Es digno que el campesino sea valorando y admirado igual que un doctor o un profesor? Esta forma de organización clasifica por medio de valores a las labores, donde hoy en día el campesino en Colombia pasa por pobreza, donde aún los niveles de alfabetización están más altos en los campos que en la ciudad.

Los pantágoras, amaníes y tahamíes son algunas de las culturas indígenas que han habitado lo que hoy conocemos como Oriente Antioqueño, territorio que solo ha tenido importancia nacional e internacional en ciertos momentos de su historia: en la invasión española y toda la época colonial que sufrió el continente americano, luego en 1863 durante la constitución liberal de Rionegro, y después de los años sesenta del siglo XX. (Agudelo, 2010, p. 1).

Capitalismo significa la sumisión del ser humano y la naturaleza. Los dueños del capital, en un sistema de competición y consumismo sin límites, causan enorme injusticia económica, social y destrucción de la naturaleza. Este contexto implica aceptar lidiar con las realidades sin exigir que estas sean diferentes, saber lidiar con las condiciones, y mejorarlas conforme a las posibilidades reales.

Conceptualmente, se nombra al campesino como labrador, o labrador a pequeña escala, labrador familiar. Los campesinos, según la Defensoría del Pueblo de Colombia, los campesinos [...] son personas y colectivos que trabajan por la promoción, el respeto y la protección de los derechos humanos de los campesinos y campesinas o sus comunidades. Igualmente, líderes que asumen la defensa de derechos tales como el acceso a tierra, la formalización —y la desconcentración— de la propiedad, la restitución de tierras y el retorno a estas. En este sector, también se incluye a las personas que luchan por medidas de desarrollo alternativo, tales como la sustitución de cultivos de uso ilícito, y quienes defienden las alternativas productivas y la garantía de la seguridad alimentaria. Igualmente, se reconoce la labor desarrollada por activistas y representantes de pequeños y medianos gremios agrícolas

(caficultores, cacaoteros, etc.) que trabajan en procura de los derechos de sus agremiados. (Defensoría del Pueblo, 2022, p.61)

La mayoría de estos discursos, que se presentan como “descripciones científicas”, parten del principio de una alteridad fundamental del “campesino”, se subrayan en sus particularidades: en el hábitat, en las relaciones de familia, en las prácticas productivas, en la forma de acceder a la tierra y al territorio. De esta manera, tienden a generalizar y omiten describir fenómenos que atestiguan la infinita vitalidad y diversidad de las prácticas sociales, culturales, políticas y económicas, de una región a otra, y sobre todo de una época a otra. A grandes rasgos, el nuevo discurso identitario politizado consiste en reivindicar una esencia, definida paradójicamente como un conjunto de afirmaciones que deben construirse, poco a poco, tomando elementos prestados a la tradición oral, al discurso erudito y a la modernidad. Esta identidad se apoyaría en la existencia de un “territorio-región” definido como el espacio donde se crea y se recrea la vida cultural, social, política y también animal y vegetal, que tendría una traducción espacial equivalente al espacio regional ocupado por las poblaciones, en el caso de Granada también ribereñas, pero que representa, sobre todo, un concepto susceptible de integrar la gran diversidad de las situaciones bajo una misma categoría espacio-identitaria, desplazamiento y retorno, más allá de las eventuales apropiaciones territoriales.

Un día conversando con un campesino que después de desplazar retornó y se acostumbró a sembrar meramente con agroquímicos. Este relato es el caso de Don Javier - antes no se usaba riegos, no había tantas plagas, mi padre sembraba plantas aromáticas en los alrededores, además uno sabía en qué luna se puede sembrar y si era preciso hacíamos los riegos y abono con lo que teníamos en nuestro alrededor. Pero ahora tenemos que comprar químico, no hay como matar la plaga, yo uso triple 15, la más económica cuesta \$60.000 cada litro y el abono bueno cuesta \$80.000 el saco. Para Armando Bartra, la palabra campesino designa:

En términos sociales, el campesino no es una persona ni una familia; es una colectividad, con frecuencia un gremio. Un conglomerado social en cuya base está la economía familiar multiactiva, pero del que forman parte también y por derecho propio, quienes teniendo funciones no directamente agrícolas participan de la forma de vida comunitaria y comparten el destino de los labradores. (Bartra, 2008, p. 17).

Los monocultivos se introducen principalmente después del desplazamiento: llegan con el retorno y el desarrollo. Condicionan no solo la producción y consumo de un solo producto, sino que al mismo tiempo limitan al humano a vivir la simbiosis de cada

elemento, como por ejemplo la relación de los ciclos de una mujer condicionados por una pastilla que posteriormente genera más afectaciones, y se olvida los ciclos y la relación femenina con la luna. Así mismo con las plagas: cada plaga dentro de una planta tiene un método más efectivo para controlar, esto lo que permite dentro del productor es reconocer la alquimia de las plantas como contrapartida. La relación con el lugar donde se habita, se relaciona con la forma como habitamos el cuerpo, en vez de buscar las causas y posibles soluciones factibles para nuestras dolencias o enfermedades, se generaliza el consumo de pastillas, químicos contruidos por grandes farmacéuticas de principio capitalista, lo que conlleva a afectaciones en la salud; de la misma manera, ocurre con el consumo de riegos y abonos.

Cuando se compra un abono, se apoya a grandes empresas, se olvida los conocimientos propios del espacio y sus particularidades; también, se pierde autonomía en los recursos porque implica endeudamientos para el sostenimiento de esos insumos, y afecta directamente la fauna y flora propia del espacio. En este punto se quiere observar el territorio- cuerpo como ese espacio o tiempo donde se habita y que al mismo tiempo limita y posibilita.

En tiempo de pandemia, en los momentos de aislamiento total, se reduce la importancia de la autonomía alimenticia, ya que todo paró: los aviones, los barcos, casi todas las labores, menos los campesinos. En el campo de Granada, se sacaba comida como siempre, se encontraban para cosechar y sembrar; además, aunque los alimentos subieron de precio, como el maíz importado y los alimentos de animales como cuidados, los habitantes de Granada, Antioquia, no sintieron el desabastecimiento o hambre, gracias a la producción de plátanos, yuca, frijol, panela, zanahoria, papa, legumbres, frutas, naranja, mandarina, banano. Los tiempos de dificultades apremian a quien se encuentra preparado en la dispensa. Colombia, por sus “retrasos” sistémicos, aún cuenta con los campesinos y los cultivos para alimentar al país en tiempos de crisis. Pero si se continúa con el enfoque sistémico, las multinacionales harán usos de los recursos sin consideraciones.

La crisis mundial de producción agrícola por los agro-tóxicos se ve desde tres puntos de vista: los altos costos en la producción, que recae en los consumos excesivos de insumos de alto costo, el daño del suelo y la alta proporción de enfermedades que consumen también unos insumos para el supuesto alivio de estos. En este orden de ideas, cuando un cultivo tiene una plaga, lo inicial es reconocer su causa, sea por falta de hierro, potasio, fósforo, etc, es la propuesta que se trae con la corriente de agroecología liderada en América Latina por Sebastiao Ponheiro. Cuando se usan agroquímicos, estos no

reconocen la falencia del suelo, así que además de matar una plaga, también acaban con el microbiota terrestre, propiciando las condiciones propicias para llegar más enfermedades y plagas generando la dependencia de químicos y afectando los suelos.

Esto es un círculo dependiente donde el suelo termina perdiendo los nutrientes y solo existe productos con venenos. Es un círculo y no hay salida; por eso, cuando se observa en espiral, hay un movimiento y una relación temporal y o espacial. Existen muchas formas para hacer aprovechamiento de los residuos y crear abonos, alimentar a las plantas con lo que precisan, evitar las enfermedades y plagas en las plantas.

Se aprovecha el espacio y el enfoque para recordar la importancia de alimentarse, es decir, muchas veces la preocupación es mayor por estar llenos que estar alimentados. Distintos colectivos locales se han configurado a través de las generaciones jóvenes y han permitido nombrar y transformar las tendencias de consumo imperial. La producción local, la autogestión y autonomía alimentaria se desencadenan consolidando las iniciativas y la concientización de lo que se consume y su procedencia. Desde ahí, radica grandes consecuencias en la salud y el desarrollo productivo. El consumo y la producción están relacionados y también son una forma de alienación, dependencia y control. Muchas veces se compra lo más grande, lo que se ve mejor y no lo que tiene más nutrientes, o menos venenos. Los altos consumos de productos poco saludables desenvuelven otras enfermedades en el ser humano, que generan dependencia de multinacionales farmacéuticas.

La monoculturación o la homogenización de las culturas por causa de la conquista de identidad ha generado una constancia de acciones y tendencias humanas transformando el lugar, cambiando el paisaje, y así, la forma como el ser humano se relaciona en el espacio. Principalmente en las zonas rurales, quienes cuentan con formas de vida y expresiones diferentes al homogeneizador sistema son los principales afectados de los desplazamientos forzados y violentos. Se apropian de tierras, promueven la implantación de monocultivos y actividades no tradicionales, también mantienen el flujo de migrantes en condiciones de vulnerabilidad, lo que es un elemento de gran interés para el sistema capitalista, teniendo en cuentas que son una posible y efectiva alternativa de mano de obra barata, de explotar su cuerpo y tiempo con fines lucrativos particulares.

¿Cómo han vivido los seres humanos? ¿Cómo el ser humano habita al territorio? Entendiendo el territorio como la correlación del espacio delimitado por las condiciones geológicas y metamórficas. Son preguntas que llaman la atención: reconocer por qué el humano como especie se relaciona en un espacio que también está determinado por los

otros sujetos, actores o movimientos que influyen en la forma de vestir, hablar, alimentar... elementos ambientales que se nombran desde la percepción humana. En este sentido, dando un ejemplo de lo que se quiere nombrar, la forma como cada ser, específicamente de la especie humana, se relaciona con su cuerpo, de esa manera se territorializa el espacio. En la medida que se consume más empaquetados, mayores son las islas de basura en el mar.

De esta manera, entre más se riegan las plantas con químicos, mayor es el veneno que consume el ser humano, creando alteraciones en el metabolismo; esto, además, genera pérdida de nutrientes en los suelos, pérdida de fauna, como insectos y mamíferos, que no cuentan con la misma resistencia y adaptabilidad que los humanos. Así mismo, los prototipos: definir un estereotipo de belleza, de “bienestar”, de forma de vida, limita la creación y exploración de las habilidades humanas, como la alquimia con las plantas. En el momento que el ser humano normaliza el uso de los químicos para la producción, olvida conocimientos que configuran la relación humana con el territorio, es decir, los ciclos lunares o estacionales, los tipos de plantas que repelen cada plaga que tiene diferentes métodos de aislamiento, y los nutrientes que necesita el espacio de acuerdo a la acidez y minerales que tiene cada terreno, además de las altitudes y planicies que influyen en las inundaciones y deslizamientos que configuran una manera de construcción.

Después de monopolizar las tierras y el uso de ellas, los intereses de empoderarse del mercado agrario, esta dinámica también hace presión en la transformación de las dinámicas tradicionales de los campesinos. Como lo documenta Chilon “la ‘revolución verde’, comenzó al término de la Primera Guerra Mundial (1914-1918); sin embargo, su expansión global ocurrió durante la Segunda Guerra Mundial (1939-1945)”. (Chilon, 2017, p. 16). La tendencia de la agricultura en el continente es hacia la disminución de su importancia, tanto en términos de empleo como de producción. A principios de este siglo, Colombia, como otros países latinoamericanos, incorpora los tratados de libre comercio, que desestabilizaron mercados completos, con intencionalidades imperialistas. Hoy la ruralidad tiene que ser consciente de las acciones impuestas desde el marco global al local. Mientras la internacionalización promete hoy más que nunca mayores ganancias para el capital, las contradicciones creadas por el empobrecimiento están provocando una intensa y amplia rebelión. Es como, por ejemplo, la aparición de células cancerígenas: por un lado, se tiene la división de células normales, en un momento de la división se daña la célula, donde no recibe reparación, y por lo contrario, esta se va mutando dentro del ecosistema, se multiplica hasta tener un crecimiento descontrolado.

Así mismo, el capitalismo se va empoderando de las dinámicas y los

comportamientos de los diferentes ecosistemas, contaminando cada espacio. Se promueve el *fracking*, técnica que posibilita o aumenta la extracción de gas, petróleo y otros minerales como el oro del subsuelo, obteniendo hasta el último recurso del suelo y subsuelo. En el Oriente Antioqueño, además de las exploraciones hídricas, los monocultivos, la tendencia a la explotación del oro pone en riesgo la vida. En este orden de ideas, el capitalismo hace una transformación del espacio con el fin de modificar las dinámicas económicas, direccionadas a las homogenización y extracción de los recursos naturales. Además, el desplazamiento se genera por medio de la opresión de diferentes formas como el hambre, la violencia, quemaduras y cualquier tipo de acción de barbarie para generar sumisión por parte de los agentes sociales, principalmente de las zonas rurales.

Los campesinos representan la diversidad cultural, con sus producciones diversas, diferentes alimentos y formas de relacionarse con la tierra. Concordando con lo planteado por Blanca Rubio.

Un imperio, con distintas formas de expropiación con métodos barbaries, limita la dignidad y vida de las personas y comunidades propias de los lugares. Los gobiernos apoyan estas prácticas por medio de la desestimulación de la producción alimentaria básica, la concentración de tierras y monocultivos, el método asistencialista, la promoción de actividades no tradicionales y la captación de divisas. Se cambia el paisaje de los espacios para cumplir las acciones homogeneizadoras, aprovechando las personas desplazadas de otros lugares para la explotación del tiempo y vida. (Rubio, 2018, p. 66).

Despoblar territorios es una estrategia que viene de la colonización para que los grupos armados puedan ejercer control y apropiarse de predios agrícolas, hídricos y de diferentes usos y recursos. (Gómez, 2009, p. 13). Este proceso se ha vinculado con la creciente des-territorialización del campesino operada en el agro latinoamericano en la actualidad, existen políticas públicas de víctimas, pero no de campesinas y campesinos; así mismo, la explotación masiva por empresas extranjeras limita la autonomía del lugar, donde se pierde la relación como biomas simbióticos dentro de un espacio a la extracción: las represas, la deforestación, con grandes corporaciones transnacionales agroindustriales (CTA) dominan una parte importante del comercio mundial de los productos agropecuarios, donde seis corporaciones comercializan el 85% del comercio mundial de granos.

El mercado mundial de agroquímicos representaba ventas por 32 mil millones de dólares en 1997. Entre las principales corporaciones mundiales involucradas en este sector se encuentran Novartis (que surge de la fusión de Ciba y Sandoz), Zeneca

(anteriormente formaba parte de ICI), AgroEvo (por efecto de la fusión de Hoechst y Schering), Du Pont, Bayer y Monsanto. La elaboración de semillas, que representa un mercado que mueve 13 mil millones de dólares por año, es una de las áreas agroindustriales que rápidamente va concentrándose. Se caracteriza por ser un mercado en el cual también las principales empresas químicas tienen fuertes intereses. Las grandes corporaciones semilleras están también patentando plantas, animales y semillas que históricamente fueron utilizados por los productores agropecuarios locales. Las CTA no sólo contribuyen a la pérdida de la biodiversidad en el mundo: mediante el patentamiento de semillas, también están obligando a los productores agropecuarios a depender de ellos en forma creciente, contribuyendo significativamente a la pérdida de su autonomía. Esta situación se da en forma significativa en América Latina. La pérdida de los “derechos” que sobreviene como consecuencia del patentamiento que realizan las grandes empresas, incluso de cultivos utilizados por centurias por los productores nativos, limita para esos productores el desarrollo de sus propias semillas y, en última instancia, de “su derecho de supervivencia”. Debemos remarcar que lo señalado aquí constituye tan sólo tendencias y, por lo tanto, factores que pueden ser contrarrestados por otros, en particular por la lucha de múltiples movimientos sociales tanto dentro como fuera del sector rural de pequeños productores agropecuarios, campesinos, trabajadores rurales, verdes, medioambientales o de otra naturaleza.

Según datos de la FAO, el 26 % de la superficie terrestre libre de hielo es utilizada para el pastoreo del ganado; y el 33% de las tierras cultivables se destina a la producción de forraje con el que se alimenta al ganado. La ganadería ocasiona el 7% del total de las emisiones de gases de efecto invernadero resultantes de las emisiones procedentes de la fermentación entérica y el estiércol. (FAO 2013, p. 5).

En los países desarrollados, el 90 % del ganado vacuno pertenece a seis razas, y el 20% de las razas ganaderas está en peligro de extinción. Con respecto a la agricultura, para el caso de Colombia, el Departamento Administrativo Nacional de Estadística, DANE, estableció en el Censo Nacional Agropecuario (2014) que hay: 8,5 millones de hectáreas en agricultura, 24,8 millones en pastos y 9,6 en “rastrojos”. Estas prácticas pecuarias influyen directamente en la calidad de vida de los campesinos, teniendo en cuenta que gracias a los costos de producción, la alta competitividad e importación de muchos productos, hoy en día el país no cuenta con la tecnificación y eficiencia en la producción, como el caso de la agricultura. En este sentido, la Encuesta de Calidad de Vida, ECV, de 2015, menciona que:

La población total de Colombia en 2015 fue cercana a los 47 millones de personas. Del total poblacional, aproximadamente el 23% habitaba en zona rural. La migración de mujeres jóvenes del campo a la ciudad es superior a la de los hombres, casi el 17% de los jóvenes rurales se encontraba en condición de indigencia o pobreza extrema. Este porcentaje es 3.5 veces superior al de los jóvenes en la zona urbana, de nuevo resaltando una disminución de la pobreza más acelerada en las zonas urbanas que en las rurales. Es decir, además de que los jóvenes de la zona urbana tienen mejores condiciones de vida, las mujeres de la zona rural se desplazan más, doblando la población de hombres en la zona rural. (ECV. 2015, p.10).

Hoy en día, el mundo rural se ve como el ámbito en el cual se desarrollan múltiples actividades económicas y sociales, a partir de los recursos naturales y de los diferentes pobladores que allí se encuentran. Actividades ligadas a procesos de agroindustrialización, turismo, agroflorestería, pesca, explotaciones mineras y elaboración de artesanías; son apenas algunos ejemplos de la gran variedad de actividades económicas, que no eran claramente reconocidas por la visión sectorial sobre el mundo rural. En los años 70, los cambios en el panorama mundial incidieron significativamente sobre el sector agropecuario de los países del tercer mundo en general, y en particular de los países latinoamericanos. Diversos estudios señalan que en ese período se hizo manifiesto un cambio de estrategia de los EE.UU. en relación con el comercio de productos agropecuarios. Por una parte, ese país dio impulso a sus exportaciones de cereales, oleaginosas y de otros productos agropecuarios y agroindustriales a la economía mundial, pero esencialmente a las de productos de bajo valor agregado en términos generales. Un estudio de USDA (Departamento de Agricultura de los Estados Unidos) elaborado en el año 2001 determinó que:

Los aranceles y subsidios de los países desarrollados deprimen los precios agrícolas hasta en un 12% y contribuyen en conjunto con casi el 80% de las distorsiones del comercio mundial. Por otra parte, los países pobres tienen cada vez mayores dificultades para colocar sus productos agrícolas en los mercados internacionales, especialmente los productos alimenticios. (Pérez, 2002, p.9).

Para el año 2000, "el apoyo a los productos en los países de la OCDE alcanzó los 245.000 millones de dólares, cifra que llega a los 327.000 millones si se incluyen las transferencias a la agricultura de carácter más general". (FAO, 2000, p. 3). Con respecto a las tierras agrícolas, el Banco Mundial (2010), en términos de América, Chile, Paraguay y México son los países con mayor porcentaje de tierra agrícola; en el caso de Colombia, entre el 27 y 38 % de las tierras son agrícolas. La expropiación de tierras se ha incorporado en la relación con

estos datos; así, los monocultivos y la expansión de tierras para pastoreo han puesto en riesgo la diversidad de la tropósfera, los procesos del desarrollo del campo. Su afianzamiento ocurre en la medida en que se profundiza la expropiación de los pequeños y medianos productores y, su conversión en asalariados se produce mediante diversas modalidades.

Mientras que en los países de Europa occidental no es previsible un futuro con escasez de alimentos, en las poblaciones de determinadas regiones del planeta se presenta un crecimiento demográfico muy rápido, lo que provoca desequilibrios cada vez más importantes en la situación alimentaria mundial. Por tanto, los países en vías de desarrollo reclamarán, cada vez con más fuerza, su derecho a su porción de la riqueza mundial, y se hará necesario que tengan la posibilidad de desarrollar un sector agrario propio. Los EE.UU. y Europa habrían de dar cabida a las exportaciones de sus productos agroindustriales a la economía mundial, incluyendo a los países del Tercer Mundo, y sustituyendo de ese modo la anterior “ayuda” por exportaciones. Como consecuencia, crece la dependencia alimentaria de los países del Tercer Mundo, incluyendo la dependencia cerealera, de la mayoría de los países latinoamericanos, siendo los cereales los alimentos básicos por excelencia de consumo popular masivo. Hoy en día, de los 114 millones de hectáreas de superficie continental que el país registra, el 4.9 millones de hectáreas son destinadas a la producción agrícola, a la ganadería otros 38 millones de hectáreas, con un hato de 23,6 millones de reses. (Fedegan, 2011, p. 6).

Los pequeños productores juegan un rol predominante en la agricultura; los hogares de la economía campesina constituyen el 12% de los hogares de Colombia; representan la mayoría de los hogares en el sector agrícola; conforman el 90% de la mano de obra agrícola; cosechan la mitad de área sembrada en cultivos, y tienen considerables partes para ganadería, entre 12 y 40%. Sin embargo, la mayoría de los hogares rurales (65%) viven en condiciones de pobreza o en pobreza extrema (33%). Además, registran una alta informalidad en la posesión de sus predios y es limitado el acceso a fuentes de educación y tecnología (Rev. Semilla. 2009).

Las leyes 200 de 1936, 135 de 1961 y la 60 de 1994 permitieron la titulación de baldíos y de tierras colectivas. Además, las leyes 200 y 135, por enunciar el carácter social de la propiedad de la tierra, permitieron al Estado intervenir directamente en la distribución de la tierra a través de programa de expropiación y adjudicación.

Los métodos de cultivo tradicionales son acciones que se sustentan desde los

estudios científicos producto de los errores y aciertos que comprende un sin número de dinámicas internas y externas. Para ello, como señala Katz “la tecnología permite que el sistema haga aprovechamiento para la comercialización a su favor, lo cual confluye en el proceso de industrialización y mercantilización de la ciencia”. (Katz, 1999, p. 45). En este orden de ideas, además de las pocas garantías de comercialización para los campesinos, las estrategias de alienación pueden ser efectivas, la educación es un factor primordial para la comprensión, tecnificación y apuesta a la creación y construcción de la ruralidad que construye de lo local y no de lo hegemónico, parcializado por el sistema predominante ya que, los campesinos también acolitan el crecimiento de las empresas químicas por medio de la dependencia de agrotóxico, que como mencionan Altieri y Toledo, tiene efectos negativos en la salud pública, la integridad del ecosistema y la calidad de los alimentos, alteran las formas de vida tradicionales del medio rural, acelerando, además, el endeudamiento de miles de agricultores. (Toledo, 2006).

Este método dependiente genera pobreza mental, borra el conocimiento ancestral, aislando los saberes de las plantas y los recursos cercanos, imponiendo técnicas modernas e importadas, además de la dependencia en los riegos y abonos que se pueden realizan en cada lugar, pero es mejor comprar. Tejiendo esto con la realidad del campo, Colombia está importando cada vez más productos agropecuarios,

[...] entre ellos casi la totalidad del trigo, la cebada y la soya que consume y más del 70% del maíz. En 2010, Colombia importaba 10,5 millones de toneladas de productos agropecuarios y agroindustriales, que costaron 5.647 millones de dólares. Las importaciones del sector de agricultura, ganadería y silvicultura de 799 millones en el 2000, a 2.543 millones de dólares en 2011. De los diez principales países origen de las importaciones del sector, Rusia fue la nación que más productos le vendió a Colombia, al concentrar el 30,45% de las compras externas. Le siguieron Estados Unidos, con 25,41%; China, con 10,84%; Venezuela, con 8,45% y Canadá, con 7,76%. Según la revista *Semana*, las importaciones de fertilizantes, según cifras del Ministerio de Agricultura, han aumentado al pasar de 1,6 millones de toneladas en 2013 a 1,9 millones de toneladas en 2014. Millones. El director de la Corporación Colombiana de Investigación Agropecuaria (Corpoica), Juan Lucas Restrepo, detalló que los costos de los fertilizantes representan entre el 20 y el 25 % del valor total de la producción. (Mondragón, 2012, p.11).

En lo referente a Colombia, el país le está apostando a los abonos importados, debido a que estos están presentando una disminución hasta del 20% en sus precios, en comparación con los productos nacionales, provocando que los campesinos, quienes son los que más utilizan estos insumos, paguen un alto costo disminuyendo la productividad

del sector. Así mismo, los abonos orgánicos en Colombia se vienen produciendo de manera artesanal. De manera artesanal, se han producido en fincas recolectando y compostando en forma rudimentaria los residuos vegetales de cosechas, materiales vegetales de corte, residuos de cocina y estiércoles de animales domésticos y/o apilando en calles entre cultivos, hojarasca y residuos de cosecha llamados biomasa que se descomponen lentamente y son aprovechados, mejorando la fertilidad de los suelos

El Oriente Antioqueño es la subregión que más provee de alimentos al Municipio de Medellín: más de 10.000 toneladas de comida llegan de La Unión, Carmen de Viboral, Santuario y Marinilla, donde los productores, en su mayoría, son campesinos, pequeños propietarios que viven en parcelas con sus familias. Por lo general, a través de intermediarios. (INER, 2011, p. 29).

Por ejemplo, los productores de Granada llevan sus cosechas a Marinilla, Santuario o Rionegro, mientras los tenderos viajan hasta estos municipios para comprar la comida que se sembró allí. La producción de flores en el Oriente Antioqueño se empezó a dar a finales de los años 60; los municipios con mayor monocultivo floral son Sonsón, El Carmen y Rionegro, los cuales están destinadas a los mercados internacionales. Colombia fue el primero de los países del sur que, a mediados de los años sesenta, inició esta industria. A partir del deterioro de los precios de los productos agrícolas tradicionales de ., ocurrido en la década de los ochenta, se promovió en América Latina y el Caribe el cultivo de “productos agrícolas no tradicionales exportables” [...] Entre las primeras empresas creadas se encuentran Flor América en la Sabana de Bogotá (1967) y en el Oriente Antioqueño: Flores Bochica (1970), Flores Medellín, Flores Esmeralda y Flor Caribe”. (Gómez, 2011, p.33).

Para el contexto de Granada, la expansión de monocultivos de aguacate, como Hass Colombia, Terravocado, elimina bosques y corredores de fauna y flora, aumenta la venta y el consumo de agrotóxicos, además de empoderase del tiempo del campesino. Frente a los potenciales compradores España, Inglaterra, Antillas Holandesas y hasta Emiratos son los mayores interesados en el aguacate tipo Hass que se cultiva en el Oriente Antioqueño.

En Granada, esta “revolución verde” que incita al agronegocio, llega a inicios de este siglo, como nueva práctica de producción, donde los campesinos pasan de ser agricultores de alimentos a emplear un conjunto de innovaciones sin precedentes, entre

ellas los agrotóxicos, los fertilizantes inorgánicos y las máquinas agrícolas. (Ceccon, 2008 P. 22). Esto, impulsó a los campesinos a abandonar las prácticas tradicionales, acogiendo este método como efectivo en el momento de producción.

En este sentido, los campesinos pasan de ser una población poco rentable a ser el foco del interés económico, ya que los campesinos dejan de ser dueños de la tierra después del desplazamiento, pero son empleados de los terratenientes. También aumenta el endeudamiento, lo cual genera rentabilidad para los bancos y se focalizan las inversiones en agroquímicos para una “producción satisfactoria”, lo que causa una baja ganancia económica, mayor trabajo y más enfermedades. No basta con tener el poder de las tierras, sino también su funcionamiento; por eso, crear estrategias de control equivale a introducir innovaciones del capital donde no estaría buscando solo acumulación de capital, sino también el control de proceso de producción en su interior. (Cruvinel *et al.*, p. 30. Traducción propia).

La agricultura comprenderá una amplia serie de usos de la tierra, que va desde producciones agrícolas de uso no alimentario hasta el mantenimiento del ecosistema. Por otro lado, se acentúa la especialización territorial en función de la existencia de ventajas competitivas, y se acrecienta la dependencia de la actividad agrícola de las empresas industriales y de distribución. Otro factor importante es que las comunidades rurales, como se entendían antes, están siendo socavadas y debilitadas en sus solidaridades colectivas. Todo ello debido a factores de desintegración territorial y de desintegración social. Fenómenos como los desplazamientos forzosos por problemas de violencia o fenómenos naturales.

Frente a los nuevos desafíos que impone el proceso de globalización, el sector rural acusa serias restricciones para acceder a las corrientes de transformación: la persistencia de una estructura pétrea de la propiedad que genera subutilización de los factores productivos y falta de equidad social, el rezago tecnológico, la deficiente infraestructura y el carácter insostenible de la producción agropecuaria, que impiden la vinculación a los mercados internacionales. La pobreza que afecta a más de la mitad de la población rural, y la crudeza del conflicto armado, son factores que deben ser asumidos de manera contundente.

En el municipio de Granada, conocido también como el corazón del Oriente Antioqueño, las riquezas naturales convirtieron a los granadinos en sujetos despojados por el Estado, quien obligó a vender predios y desplegó una presencia militar, cambios geoespaciales donde los intereses económicos predominan, no el territorio ni su población.

Por otro lado, también despertó interés por grupos armados ilegales, que, en el tema energético, encontraron una forma de presión y de lucha contra-Estatal para sus denuncias sobre la estructura económica.

Los fenómenos de expropiación tienen trasfondos principalmente económicos; la riqueza hídrica de Granada,

Al igual que muchos territorios de América Latina, es un foco para las empresas transnacionales y nacionales, quienes elaboran proyectos de desarrollo y leyes que viabilizan su ejecución, contando con el apoyo político y, con frecuencia, económico del Estado, lo cual intensifica las desigualdades sociales, mediante la exclusión, la expropiación territorial y el control social de la mayor parte de la población rural (Fernandes, 2009, p.9, traducción propia).

En esta premisa, el desplazamiento se lleva a cabo en torno al control territorial, político y económico. En los años ochenta y noventa, se enfoca en lugares pobres y rurales, pero políticamente activos de las fronteras agrícolas de Colombia. Sin embargo, en la primera década del siglo XXI, el fenómeno empezó a ocurrir en poblaciones de áreas ricas en recursos naturales para su comercialización legal e ilegal. No hay que perder de vista que el desplazamiento y el conflicto armado tienen una estrecha relación con la tenencia de las tierras. “Despoblar territorios es una estrategia de los grupos armados para fortalecer su control territorial y para la apropiación de predios agrícolas, hídricos y de diferentes usos y recursos”. (Gómez, 2009).

El Oriente Antioqueño, hasta la fecha, es la segunda región más importante económicamente para el Departamento de Antioquia. El Valle de Aburrá, el Valle de San Nicolás y el río Cauca son las apuestas proyectadas hasta el 2030 para el desarrollo territorial; textos como *Horizontes 2030* muestran los apuntes políticos de los municipios influenciados. La subregión está subdividida por cuatro zonas Valle de San Nicolás, zona de embalse, zona de páramos y zona de bosques. El municipio de Granada hace parte de la zona de embalses en la región, posee pisos térmicos que van desde los 25 °C hasta los 13 °C con alturas de hasta de 2.600 msnm, pensar en Granada es pensar en montañas y agua, donde la vida corre tranquila pero no para siempre, algún cauce se escucha, aunque no se ven, ningún silencio aparece, los pájaros, grillos, vacas, todos se mueven, se expresan desde diferentes esferas. Entre las montañas se encuentran los cultivos de frijol, café, leguminosas... y desde hace diez años, la expansión del aguacate como el consumo de químicos en los cultivos ha aumentado sin medida. La economía municipal se basa en el

sector agropecuario impulsado por prácticas tradicionales y por condiciones del mercado.

El desarrollo es el nombre usado para el empoderamiento de las tierras, y con ello se establece un sistema de doctrinas para combatir, luchar, “guerrear” la vida. En consecuencia, familias enteras desplazadas, sólo en Granada, según el Observatorio Nacional de Memoria y Conflicto del CNMH, reporta:

460 personas víctimas de asesinato selectivo, 2.992 de desaparición forzada, 59 asesinadas en 10 masacres, 98 víctimas de secuestro y 50 de violencia sexual; en cuanto al desplazamiento forzado, según el Registro Único de Víctimas (RUV), a junio de 2016, se registraron 33.719 denuncias de personas por este hecho victimizante. Finalmente, como consecuencia del conflicto armado, según el Instituto Colombiano de Bienestar Familiar, quedaron huérfanos, al menos, 128 niñas y niños. (CNMH 27, 2016, p. 5A).

Hasta finales del siglo XX prevalecían los minifundios: entre 0 y 3 hectáreas, por lo general predios heredados, que no tenían documentos legales. (Centro de Memoria, 2013). Durante los últimos años de los 90 y principios del 2000, Granada tuvo el desplazamiento del 80% de la población; el control por las tierras por parte del Estado y empresas privadas, principalmente para la generación de energía, promueve la violencia que conlleva síndromes y patrones. De esta manera, se destaca el interés económico que prima en la vida de las personas dedicadas a hacer normas para incumplir la principal: cuidar la vida el 07 de diciembre 2000, 12:00 a. m. El vehículo explotó a las 11:30 de la mañana muy cerca al comando de Policía del Municipio de Granada y semi-destruyó parte de la edificación de toda la variante, casi 500 toneladas de dinamita. También averió cuatro viviendas y el hospital local.

Imagen 4-Piedras enterradas Memoria de los desaparecidos



Fuente: Autoría nuestra (2020)

Según un estudio realizado por el Instituto Internacional de Estudios para la Paz de Estocolmo (SIPRI) Colombia está dentro de los 30 países del mundo con más gasto militar y es el segundo a nivel de Suramérica. El país ocupa la posición 24 a nivel general y en el continente acaparó el 19% del gasto total regional; en lo que fue el 2018, llegó a gastar hasta el 3,8% del PIB del país. (SIPRI, 2018, p.30). Las diferentes acciones del Estado incidentes en el desarrollo, con sus apuestas de innovación social, pueden englobar el avance tecnológico o hasta introducir métodos de fuerza de trabajo. (Cruvinel *et al*, p. 20). En el caso de Granada y el Oriente Antioqueño, noroccidente de Colombia, se especifica reconociendo el monocultivo, principalmente de aguacate y de flores, y por otro lado la explotación de recursos hídricos como elementos incidentes en las dinámicas territoriales.

Con respecto a los asuntos políticos del campesino, las zonas de reserva campesina (ZRC) a través de los años se vienen diluyendo y las políticas públicas para este sector poblacional no existen, pero paradójicamente muchos de estos campesinos sí hacen parte de la política pública de víctimas. En este sentido, desde la institucionalidad aún falta mucho por abarcar, aunque no es lo único. La práctica cotidiana y la relación con la vida se va reconfigurando de acuerdo a esas externalidades; de esta manera, la ruralidad también toma posición de intereses para territorializar el espacio.

Tanto las hidroeléctricas como el monocultivo cambian la identidad de los campesinos, condicionándolos a una forma de concebir, percibir y relacionar. A modo de conclusión, así como el ser humano y la producción agrícola tienen una alta dependencia de los fármacos y venenos, se llega a la cadena económica rentable para las grandes industrias. Las transformaciones individuales construyen, destruyen y transforman el espacio.

Esta realidad, con el contexto granadino, no se encuentra muy aislado a estas tendencias, lo que permite facilitar la inserción de la extracción de capital. Se calcula que el 90% de las tierras agrícolas del mundo están siendo usadas para la producción de monocultivos, bajo un modelo de agricultura industrial.

Los impactos ecológicos de este modelo de producción son desastrosos. Entre los más notables se encuentran la alta vulnerabilidad de sistemas ecológicamente artificiales y genéticamente homogéneos al cambio climático, y a la invasión de plagas y enfermedades; la erosión genética y la destrucción de la biodiversidad a causa de la deforestación y el uso intensivo de pesticidas; la salinización de los suelos y la pérdida de fertilidad de los mismos; el uso excesivo de agua y la contaminación y destrucción de las fuentes hídricas. (Emanuelli, 2013, p. 38).

Por otra parte, los estudios del Panel Internacional sobre el Cambio Climático (PICC) señalan que la deforestación, debida en gran medida a monocultivos, es responsable de producir 17,3% de las emisiones globales totales de CO_2 . Por sector, la agricultura industrial es responsable del 13,5% de las emisiones, es decir, prácticamente emite la misma cantidad de gases invernadero que el sector transporte, lo cual es un factor significativo que contribuye al cambio climático. (Manual de Jueces, 2013, p.21). Desaprender, es dejar de vivir afuera, reconocernos en el adentro, es dismantelar que el desarrollo nos va a mejorar, sin agua y sin tierra no hay mucho para alimentar, En mi territorio cuerpo, siembro amor, siembro cuidado, siembro feminidad y masculinidad, siembro lo que quiero cosechar y si es orgánico seguro que me va alimentar.

Manos en la tierra porque si hay agua y comida ni las guerras nos van a matar, manos a la tierra porque en pandemia se come lo que está cerca, manos a la tierra porque la plenitud está en el presente y no en el más allá.

8 RETORNO A LA COMUNIDAD: SEMBRAR IDENTIDAD

Imagen 5- De nuevo en la chiva



Fuente: Peláez (2015)

Campesino, fiel y honrado, campesino trabajador, Con tus manos mueves el arado y, vas regando la tierra con tu sudor, Te levantas madrugado, oras a Dios con fervor

Das comida a tu ganado para empezar tu labor. De tu tierra un día saliste, huyendo de una guerra feroz Y a las ciudades te fuiste a sufrir miseria atroz.

Muchos allí se quedaron por temor a regresar, pero muchos también retornamos, para nuestro campo a trabajar.

Campesino, sigue luchando para vencer la pobreza Sigue trabajando por que este, tu lindo campo, es la más grande riqueza. Yo también soy campesina, nací entre verdes colinas y me gozo en pertenecer porque mi campo es expensa, y a mi país da de comer.

Campesino, fiel y honrado, campesino trabajador Con tus manos mueves el arado y, vas regando la tierra con tu sudor.

(Quintero, 2018)

Todos tenemos universos diferentes, las tradiciones y formas de concebir el mundo mudan no solo al estar en un espacio, también por todas las causalidades que se relacionan. Las percepciones de vida en un espacio donde se reconstruye, según la interacción y relación natural y estructural de quienes habitaron, habitan y habitarán el espacio según la relación geo territorial y económica. Esto con el fin de visibilizar elementos identitarios que se consolidan por medio de las experiencias individuales y colectivas dentro del Municipio de Granada, Antioquia. Para ello se anuncian elementos tradicionales, conversaciones e investigaciones contadas por algunos escritores del Municipio de Granada y del Oriente Antioqueño. Aun así, se resalta la relación natural con el espacio construido con subjetividades colectivas como las conversaciones, documentadas en relatos construida por historias familiares, y de instituciones que hacen parte de la experiencia de vida, como es el caso de laborar en el programa Familias en su Tierra y el Museo de Ciencias Naturales. Además de habitar el cañón de San Matías, ser parte de la memoria, de la representación histórica. Lo que permite contemplar esa realidad con mayor cercanía.

Así como la identidad se mueve de acuerdo a las dinámicas sociales, el territorio se configura simultáneamente a los movimientos temporales del espacio. Es decir, los humanos territorializan un territorio adaptándose a las situaciones geoespaciales. El territorio se modifica orgánicamente, y no depende del humano meramente, pero la territorialización producto de los asuntos institucionales y locales permite tener relaciones características. Así como el lenguaje, la música, la literatura y el arte; los sitios arqueológicos, la arquitectura y el paisaje; las tradiciones, el folclor; la biodiversidad vegetal o animal, son parte de las dinámicas territoriales. En este sentido la cultura para Geertz es “la red de significados generados por el hombre”. (Geertz, 1973). Es nombrar las formas de relacionarse el ser humano con el resto de seres y la morfología, teniendo en cuenta los numerosos sistemas de prácticas compartidas, heredados y adaptados por cada generación, que permiten una comunicación de significados dentro del sistema.

Después de la guerra, retornar, habitar un nuevo lugar y volver a la cotidianidad, las prácticas y los conocimientos se diluye en los lugares, se aprende otras cosas. Mundos diferentes, realidades similares por los patrones sociales, pero ¿qué es lo esencial? ¿Qué nos puede integrar e identificar? Toda acción puede ser reivindicada teniendo en cuenta los elementos particulares de la vida. En este sentido, este espacio tiene la finalidad de dar a conocer de manera general el proceso de retorno, de cómo se consolida la comunidad de

Granada en el proceso del posconflicto es decir un momento para crear herramientas para la construcción de otra realidad, además de la comprensión histórica, pretende ser punto de observación y ejemplo para aquellos lugares que están en desplazamiento y posteriormente en retorno. Granada lleva más de 15 años en retorno y cuenta con un poco más de la mitad de las personas antes del conflicto, entre 1998 y 2003. En este sentido, este capítulo tiene como propósito nombrar brevemente el contexto ancestral del territorio, y seguidamente nombrar algunas dinámicas de retorno dentro del Municipio de Granada del Oriente Antioqueño. Para ello, se aborda el marco jurídico que permite vislumbrar las categorías estructurales, reconociendo algunas acciones de retorno que se consolidaron con acompañamiento institucional. Por último, se nombran las acciones de retorno que también emprenden algunas organizaciones de base e individuos en el territorio.

Este capítulo se divide en tres momentos que permitirán relatar la realidad de un contexto y tiempo determinado se inicia con *Caminos Borrosos De Los Ancestros* el cual se remonta a las historias pasadas, comprendiendo el origen indígena y campesino, seguidamente *Gente Unida Que Camina* donde se muestra el proceso de retorno desde la institucionalidad y también desde las experiencias cotidianas; por ultimo *Relatos Campesinos* se nombran algunos acontecimientos y relatos vividos, observados y plasmados.

8.1 Caminos borrosos de los ancestros: Breve contexto ancestral

El lenguaje como medio de emancipación al mismo tiempo permite consolidar la forma de expresión en la relación social. (Cusicanqui, 2010)

Es poco lo que se conoce de la ancestralidad: muchas historias, desde 200 años atrás, pero pocas más allá. ¿Qué será? El lenguaje que hoy no se puede contar, tejidos como el fique que se desvanece en los tiempos y el conocimiento, las diferentes formas de construcción y de relacionarse con cada especie, dando significados. Es poco lo que se ha documentado frente a las culturas tradicionales que habitaban lo que hoy se conoce como Granada, Antioquía, pero se reconocen objetos antiquísimos y petroglifos que perpetúan la vida de los ancestros indígenas de este lugar. Es así como la historia es contada desde la religión y sus condiciones, dejando a un lado las tradiciones que hoy el territorio nombra.

Al ignorar las historias, se adentra en la repetición de prácticas; la apropiación de este territorio fue de manera violenta: el abuso de mujeres normalizó la violación, las

agresiones y sometimientos concibieron una forma de adiestramiento. Aquí no se vivió la transición de feudalismo, el sometimiento y evangelización permeó de miedo y adiestramiento a una población que hasta la fecha guarda veneración a esa manera de concebir la vida.

Dentro del contexto histórico del norte de Sudamérica, el Magdalena Medio registra una ocupación humana más antigua, remontándose a 13.000 años, esta perspectiva se forma por los diferentes estudios arqueológicos; entre otros, Reichel Dolmato comenta sobre la existencia de un gran horizonte cerámico —“Tradición Zambrano” o segundo Horizonte— que desde la costa atlántica se extendió hasta el valle del Magdalena Medio durante el periodo denominado Formativo Tardío. (Marín, 2013, p.16).

En cuando a la cordillera Central, se han documentado ocupaciones humanas que se remontan al octavo milenio a.C., en la cuenca media y superior del río Porce, en el altiplano del Oriente Antioqueño. Los patrones de asentamiento que se registran parecen indicar la ocurrencia de un proceso paulatino de incorporación en los territorios ribereños y lacustres de la tierra baja, en relación con la adopción de una economía que enfatizaba en la cacería de grandes piezas y combinaba la recolección y procesamiento de especies vegetales con la pesca.

La población indígena del Magdalena Medio es generalmente conocida con el apelativo de Pantagora, pero en realidad se trataba de una serie de provincias y pueblos entre los cuales se hallaban Samaná, Punchiná, Ortana, Usana, Chiruña, Ziziña, Chiparna, Cocorná y Ammanie. El territorio que comprendía desde la cuenca del río La Miel, en los actuales límites de Calderas, Antioquia, hasta el río cerca de Remedios. La cerámica es una de las evidencias que cuenta la historia de cientos de tradiciones, expresiones y lenguajes que no se nombran y recuerdan, pero son parte de quien habitaba ese lugar.

Cerro Morrón a dos leguas de Pensilvania tiene la leyenda del tesoro de los indios Pantágoras quienes hicieron resistencia guerrera a los conquistadores españoles de la hueste del capitán Asensio Salinas de Amaya. Este cerro se levanta desde un abismo en el río Pensilvania. en cuyas laderas hay varias cavernas en dónde se escondieron los Pantágoras, muchos de los cuales E suicidaron en forma colectiva, antes de sufrir la dominación de los españoles. Según las gentes de la región, en las cavernas se escuchan ruidos extraños y se ven luces misteriosas que sin señales de los tesoros escondidos. (Ocampo, 2001, p. 218.).

En Samaná existe la leyenda del alto de la campana, en donde según los campesinos de la región, se escucha el tañido de una campaña de oro. un arriero contaba

que la vio al pie de un árbol, y al intentar levantarla, no fue capaz de moverla. Sin embargo, la ató con su mulera a una de las raíces del árbol, mientras fue a pedir ayuda al pueblo vecino. cuando regresó no encontró la campana, y su mulera fue hallada atada a la raíz del árbol. (Ocampo, 2001, p. 243)

Imagen 12 - Petroglifos Quebradon



Fuente: Autoría nuestra (2021)

Estos petroglifos ubicados en el cañón del río San Matías son una representación de las historias que habitaron el espacio de Vahos, posteriormente nombrado Granada, en un lateral con una máquina, se encuentra dibujada una iglesia, una representación ortodoxa de la tendencia impositiva de la oligarquía.

La correlación estilística con la cerámica Butantán, particularmente con la aparición de espirales, estaría indicando una temporalidad tentativa entre los siglos VII y XII d.C. Mientras que la semejanza con ciertas formas de orfebrería y petroglifos del Tolima, como son las siluetas humanas o animales con cola enrocada, miembros abiertos y tocados con espirales en la cabeza, estaría indicando una temporalidad relativamente entre los siglos III y XI DC. (Marín. 2013. p.67).

Los hallazgos de comunidades precoloniales se representan en las cerámicas: se hallaron objetos entre 2000 a.C y 700 d.C, con una cerámica denominada complejo el oro, que se caracteriza por la presencia de urnas funerarias atípicas, vasijas con borde en U, descendientes de los indios Caribes. Estas tribus habitaban una extensión de “cuatro mil kilómetros cuadrados de tierra”. Con zonas selváticas en su mayoría, llenas de accidentes geográficos, con una gran variedad de climas. Faldas empinadas, picachos inaccesibles,

cordilleras estrechas, llanuras ardientes, valles profundos: los terrenos del Magdalena Medio. El escenario con frecuentes lluvias, las tempestades, los truenos. La naturaleza exuberante y con lugares “tan tupidos que difícilmente dejan penetrar el rayo del sol”. Su territorio se extendía desde el río Guarinó, atravesando otros ríos como el Samaná Sur, La Miel, San Carlos, Samaná Norte y Nare, hasta cercanías del río San Bartolomé.

[...]Los grupos étnicos, aun concebidos como la expresión de una red de relaciones sociales y sus fronteras, más que como una entidad fija, necesitan una memoria colectiva tanto para asumirse frente a los demás como para llamarse y reconocerse. La identidad étnica, por esencia, recurre a las palabras como recurso a la memoria. Los rasgos culturales específicos (danza, música, gestual, ciertos rituales). AYNÍ² viene de la cosmovisión andina porque este fue un sistema de reciprocidad practicado por todos los pueblos andinos y que alcanzó su condición de principio de Estado durante el Tawantinsuyu de los Incas, este implica que, quien necesita ayuda, es asistido por los miembros del AIYU (la comunidad) Debiendo el beneficiario después retribuir asistiendo mutuamente cuando otro comunero lo necesite. (Grosfogel, 2015, min 49).

Este discurso, sin ser falso pero fijado en la ruralidad e inspirado en los modelos indígenas, ha demostrado una gran eficacia, puesto que ha influenciado de manera considerable la concepción y la redacción de los textos constitucionales y legislativos relativos a las comunidades. De esta manera, las constelaciones del sur Global, el Pachamama, Ubuntu, Alá, son traducidos a la lengua europea como Dios, representado con una imagen de idolatría. Dios capitalista, también se nombra Pachamama, Ubuntu, Yacuri. (Grosfogel, 2015, min 35.).

El territorio del Oriente Antioqueño era ya conocido desde la cuarta década del siglo XVI por los conquistadores españoles, quienes lo recorrieron en expediciones de mero reconocimiento a la búsqueda de yacimientos auríferos o ubicando posible mano de obra, como la que reportarían las comunidades indígenas.

En 1567, en el territorio habitado por los indios tahamíes, contrajo matrimonio Bartolomé con doña Mencía Carvajal y se trasladan para la ciudad de Santafé de Antioquía, en 1558, a disponer de una encomienda de indios de tahamíes, en cuya condición le tocó participar en la expedición de Gómez Hernández, contra la rebelión de los indios Catíos del Cacique Toné. (Castaño, 2020, p. 17).

² Los pueblos indígenas se hallan esparcidos a lo largo de los Andes. En este paisaje escabroso, el antiguo concepto de ayni (reciprocidad) permanece muy vigente. Las comunidades trabajan en solidaridad para el bien común.

Si bien América le brindó nuevas perspectivas a la comunidad tardía, también es cierto que el absolutismo español exportó también la Inquisición a aquello dominio, con lo que los criptojudíos tuvieron que hacerse pasar por “cristianos viejos”. Ello también explica la endogamia entre judíos conversos que se evidenció en la comunidad del Oriente Antioqueño, nombrado en los tiempos de conquista como Viejo Santiago de Armas y el Valle de San José de Marinilla. (Castaño, 2020, p.137).

Imagen 6- Efecto de neblina Cañón de San Matías



Fuente: Autoría nuestra (2020)

Granada, antes llamada Vahos, fue conquistada entre 1540 y 1560 con el padre Francisco Nuñez Pedroso y posteriormente Barrando de Loyola, Diego de Carvajal y Francisco Martínez Ospina, creando disputa entre ellos. Para el S. XIX el Oriente Antioqueño se convirtió en un eje de caminos, especialmente Rionegro, como centro económico de la región y, sitio obligado de los comerciantes y viajeros antes de llegar a Medellín. En algunos municipios de la Jurisdicción de Marinilla, como El Peñol y Guatapé, sus pobladores se desempeñaban como cargueros. Estos, junto con las mulas, recorrían caminos casi intransitables desde el Nare, hasta Rionegro y Medellín; por mucho tiempo se ejercía la carga como medio de transporte y forma de vida de algunos habitantes de la zona que conocían los caminos hacia las ciudades, con una fuerza tan verraca que podía cargar personas, muebles, maletas todo por colinas donde en unas horas pasaría de 900 msnm hasta 2.600msnm, la neblina acompañada de arbustos que escondían el sol, la humedad que con los pasos se humedece el cuerpo del sudor.

En los años 50 y 60, casi el 80% de la población es de la zona rural. La economía se sustentaba con productos todavía transportados a lomo de mula y en algún tiempo por las veredas más lejanas y toda en cordillera quebrada, faldudas y sesgadas de camino de herradura, con transportes de terciador o cargadores: seres humanos como el “Burro de Guadualito”. (Coogranada, 2013, 31).

En la década de 1870, muchas familias emigraron hacia el Quindío en búsqueda de mejores perspectivas económicas. Así que “el padre Clemente Giraldo quien era oriundo de Marinilla inició una campaña con los pobladores para que penetraran en las montañas cercanas a Granada, para así establecer una colonia agrícola” –cuenta la abuela como si presenciara la escena. La colonización y la religión llegaron para conquistar el espacio, configurando una forma de compartir. Así, padres como Jorge Ramón de Posada llegaron a Granada y posteriormente a San Luis.

Fue fundada en jurisdicción de Marinilla, de propiedad de don Diego de Muñoz y su esposa María de Alarcón. En noviembre de 1804, el señor Juan de Dios Gómez pidió autorización para fundar una capilla en el paraje Las Vegas en una hacienda de su propiedad, cerca del riachuelo Santa Bárbara. En 1814, los colonos residentes decidieron trasladar la capilla del paraje de Las Vegas hacia el lugar que ocupa hoy, en propiedad de José Salvador Serna, quien fue designado juez poblador, tomando el nombre este lugar de Santa Bárbara de Lariza hasta 1903, que desde entonces se reconoce como Granada. (Arámburo, Carmona, González., 1990, p.24).

Dentro de un territorio como Granada existían unas dinámicas relacionadas a la agricultura, el corregimiento de Santa Ana, límites con San Carlos, Cocorná y San Luis: eran lugares de paso para los arrieros quienes transportaban en mulas las mercancías de todo tipo de alimentos y elementos, arriero que viene de arrear, es para echar a andar las mulas para llegar al lugar para comerciar.

Aunque algunas de las actividades artesanales perduraron por varios años, como la alfarería que aún se reconocen en municipios como El Carmen de Viboral y, los derivados del fique como las mochilas o jíqueras, canastas de mimbre donde se cargaba la cosecha; esos saberes transitaban por generaciones tejedores y tejedoras, alfareros y alfareras que hacían sus vasijas y mochilas, compartían su labor.- aunque su producción no se desarrolló a nivel industrial ni significó una alternativa económica comparable a la agricultura o al comercio, es una representación de la tradición.

Imagen 7 -Plaza de Granada 2001



Fuente: Peláez (2015)

Por otro lado, es importante recordar esos seres que, por la sencillez, la posibilidad de hacer parte de un espacio, en un tiempo determinado dejan huella. Personajes conmemorativos se recuerdan en algunos textos, como la señorita Ana María Aristizábal. Esta gran matrona fue una de las personas más queridas y respetadas, prestó su servicio como educadora en varias veredas del municipio; aún después de su jubilación organizó su propia guardería y enseñó mucho tiempo las primeras letras a los niños. Otro actor muy particular que también le dio vida a pueblo fue Amiguito, de quien no se conocía el nombre y quien vivió mucho tiempo en el asilo: un hombre cariñoso y conversador, portador de un tabaco y una sonrisa. También había quienes les gustaba asustar a los niños, como Esther Sofía López; aunque no era peligrosa, cuando veía a un niño era feliz amenazándolo y asustándolo. Esta mujer era como una niña sin sentimientos e irresponsable, para otros era un ser alejado a la realidad, pero ante todo era una mujer llena de ilusiones que reclamaba respeto.

Conocer las historias y las tradiciones de las diferentes culturas antecesoras permite entender la cosmología para el funcionamiento del sistema. Es también cierto que nada es eterno, aunque se demore una vida para superarlo, es decir, hasta el sistema actual neoliberal caduca frente a la realidad social, ya que esta permanece en movimiento, en la exploración constante de concebir y vivir desde las diferencias y la homogeneización.

8.2 Gente Unida que Camina

Imagen 10- Entierro colectivo,1998



Fuente: Colorado (1998, p. 15).

Imagen 11- Marcha del adobe Granada



Fuente: Colorado (2002, p. 20)

Colorado, es un fotoperiodista colombiano. Su trabajo se centra en los derechos humanos y el conflicto armado de Colombia. Hijo de campesinos víctimas de la violencia, Colorado, como todos lo conocen, suele hablar con metáforas del campo como una manera de honrar sus orígenes y acercarse a la naturaleza. “Seguramente yo sería un campesino si hubiera nacido en un país en paz. La guerra nos sacó a la ciudad”, dice en una entrevista con *El País*. (Medellín, 22 de abril de 2003).

En la fotografía, *Entierro colectivo* de víctimas de un atentado de la guerrilla del ELN a un oleoducto en 1998. Al final murieron 78 personas por esta acción de la guerrilla. La Masacre de Machuca es el nombre con que se conoce la tragedia ocurrida el 18 de octubre de 1998 en el corregimiento de Machuca, Municipio de Segovia.

Marcha del ladrillo. Foto: Jesús Abad Colorado donde se unió toda la comunidad con un ladrillo para la reconstrucción de la variante después de la bomba de la chiva, que tuvo como consecuencia la muerte de 25 personas y la destrucción de viviendas y negocios.

En los años sesenta se presentaron diferentes desplazamientos y movilizaciones en el Oriente Antioqueño, a causa de megaproyectos que se desarrollaban, como la autopista Medellín-Bogotá, el Aeropuerto de Rionegro y sobre todo las empresas minero-energéticas con base en los recursos hídricos, para lo que fue necesario construir inmensas represas y embalses que ocasionaron significativos desplazamientos de campesinos, al igual que hundimientos de pueblos, como El Peñol y Guatapé. Esa inmensa riqueza humana e hídrica, su estratégica posición geográfica, ha sido utilizada por los grandes poderes económicos y políticos

El impacto de las hidroeléctricas sobre el Municipio de Granada se concentró en esta zona baja, en límites con el Municipio de San Carlos, donde la Interconexión Eléctrica S.A., ISA, desvió las aguas del río Tafetanes por medio de un túnel y las vertió en la quebrada Los Medios, para finalmente llevarlas al río Calderas y alimentar el embalse que lleva su nombre. La zona fue afectada no sólo por la pérdida de las aguas del río Tafetanes, sino por la inundación de algunas parcelas muy productivas en veredas demasiado pobladas, como el caso de Los Medios. La población se movilizó en dos paros cívicos, donde bloquearon la vía para impedir el acceso a vehículos de las empresas constructoras. Para el segundo paro, se firmó un convenio y se acordó el pago de las franjas de tierra ocupadas, la construcción de una escuela y una cancha deportiva.

En 1988, por ejemplo, también se movilizaron más de cien campesinos de las veredas Los Planes y Las Playa para la construcción de un puente que uniera ambas veredas, obra que había sido prometido anteriormente. En marcha se movilizaron hasta la cabecera municipal y permanecieron en ese lugar durante cuatro días mientras una comisión negociadora se trasladaba a Medellín para exigir sus reivindicaciones. En enero de 1960, se anunció la inundación de El Peñol; en febrero del mismo año, desde El Peñol, se realiza caravana a Medellín para presionar al Gobierno, para ubicar el sitio para el nuevo

pueblo. En los años sesenta y setenta las movilizaciones en los diferentes municipios del Oriente manifestaban la inconformidad de las acciones nuevamente colonizadoras. (Ospina, 2020, p.40).

Hubo una Granada en los 70, en que los hombres jóvenes usaron pelo largo, pantalones de “Terlete” con botas de hasta un metro y “chancas tres puntadas” de llanta de carro. Hubo una época en que por la emisora RADIO 15 se escuchaba a Raphael, a Sandro, a Palito Ortega, a Tormenta, Camilo sexto. Hubo una Granada donde la juventud iba a heladerías: “Brasilia”, Noches del Paraíso, en la Central, donde atendían las caravanas. (Tamayo, 2017, 147).

La historia empieza a opacarse en 1982 al pasar las elecciones presidenciales y empezó a aplicarse a nivel nacional el estatuto de seguridad emitido por el gobierno de Julio Cesar Turbay.

En Marinilla hubo 16 detenidos, estudiantes y miembros de la junta cívica. En el primer paro cívico regional, en septiembre, hubo 512 detenidos en todo el Oriente, declarados por el gobernador Juan Guillermo Moreno como movimiento subversivo. Diferentes acciones desde entonces generaron la muerte de muchos líderes en la región: el Municipio de San Carlos registró el mayor número de líderes asesinados, así como Guillermo López Jiménez, el estudiante Rodrigo Ramírez, Jaime Giraldo Castaño, Ramon Emilio Arcila, William Henao Carvalho, Froilán Arango. Hasta líderes como Hector Abad Gómez, quien era presidente de derechos humanos y encargado de impulsar el proyecto cultural del movimiento cívico en el oriente antioqueño, desintegrándose también la corporación Corporiente. (Ospina, 2020, p. 112).

Normalice la muerte

No entiendo la violación porque su mamá la vendía de niña, como mi amiga.

No presencié la cortada de cabezas de policías para jugar en la cancha como pelotas. Como mi hermana, mi papá siendo policía.

No sentí la muerte de mi esposo campesino porque dicen que fue guerrillero, como mi vecina.

No se me ocurre enamorarme de un guerrillero, pero tampoco de un policía, sueño con la utopía de crear herramientas para amar la vida y dejar de creer en cuentos.

No entiendo, como mi tía, el asesinato del padre de mis primos, después de sacarlo de la casa con ellos adentro. Pero veo las flores a su nombre a la vuelta de su casa.

No siento las enfermedades físicas y mentales creadas por un momento marcante, donde, de manera violenta, cambia la esfera.

No me dio miedo, cuando entre hostigamientos no dormí en la casa que solía, porque a mi padre o familia querían tener, yo jugaba en la casita con mi hermanita. Normalicé la violencia, normalicé la muerte... (Autoría nuestra, 2019)

Colombia es heterogénea, diversidad de expresiones locales y regionales. La violencia, los desplazamientos e incluso el asesinato de sus líderes no han sido impedimentos para que los campesinos y sus diferentes organizaciones traten de unificar criterios políticos y de acción. En 2003, la mayoría de las organizaciones campesinas agrupadas en la ANUC-UR, Coordinación Nacional de Desplazados, FANAL, FENSUAGRO, FESTRACOL, Sindicato de Trabajadores del INCORA, y otras organizaciones étnicas negras e indígenas, de derechos humanos, de paz, de mujeres, estudiantiles y la comunidad internacional, lograron realizar por primera vez en la historia del país un evento que las reunía bajo los mismos intereses. De allí surgió el “Mandato Agrario”, en donde, además de reclamar sus derechos fundamentales y la tierra, incluyeron la soberanía alimentaria, cultivos de uso ilícito, conflicto social y armado, desplazamiento forzado, ALCA y Plan Colombia. (Tobasura, 2005, p. 66).

Etimológicamente, como lo plantea Algacil, citado por Martínez la participación tiene dos dimensiones elementales: ser-partícipe-de (que equivale a la recepción de un servicio, atención, información, etc.,) y tomarparte-en (o la capacidad de aportar a lo colectivo la voluntad y los recursos para engendrar iniciativas sociales. (Algacil, 1964 apud Martínez, 2010, p. 12). Explicar las movilizaciones sociales y personales es más fácil desde una espiral, donde las acciones, los lugares y las personas que se encuentran en la vida son los que general el movimiento y permiten la continua rotación. Algo que es importante anotar, en el momento de territorializar un espacio, es que cada uno se adapta a las comodidades, y sin duda la evolución del sistema capitalista en las ciudades acelera el ritmo de vida, estigmatiza los prototipos, limita la mente con la televisión, en fin. Esos elementos externos son sistematizados para cumplir la forma modernista de vida, una fórmula que no se sabe si está resuelta. En vista de que habitar un territorio dominado por las minas antipersonas, balas y amenazas se torna fuerte para el bienestar humano, la mayoría de personas desterritorializadas busca adaptarse obligatoriamente en otro espacio. En ocasiones, las personas que se nombran desterritorializadas logran adaptarse y reterritorializar el espacio.

De manera general, América Latina ha sido receptora del desplazamiento de japoneses después de la bomba de Hiroshima, de franceses y alemanes con la Segunda Guerra Mundial, de africanos, de indios, en fin, y dentro del continente todo se mueve. Es decir, cuando se crea un lugar en re-territorialización, como Granada, se traen las

dinámicas de diferentes lugares a un mismo espacio. Esto permite, entre muchas cosas, aprender de las experiencias relacionadas al proceso de desarrollo.

El desplazamiento forzado es producto del poder, medido por el capital y la renta, ya sea de una persona, empresa o territorio. Por eso, quien más dinero genere es quien vale más. Ahora, ¿valor de qué y para qué? Cuando este sistema genera hambre, esclavitud, egoísmo, desplazamientos... lo importante es la explotación para tener dinero, tener trabajo y pagar las deudas del banco. La educación está basada en el miedo, es decir, lo que la fuerza bruta quiere imponer. La autora Emanuelli (2013) expone algunas de las formas en que se va excluyendo las y los campesinos en Latinoamérica como, por ejemplo:

La expropiación de tierras, desalojos y desplazamientos forzosos, b) Discriminación sexual, c) Ausencia de reforma agraria y de políticas de desarrollo rural, incluidos los sistemas de riego y las semillas, d) Falta de salarios mínimos y protección social, e) Además de los bajos salarios agrícolas, podría añadirse también que los/as campesinos/as no asalariados no cuentan con ingresos que les permitan vivir dignamente, f) Represión y penalización de los movimientos de defensa de los derechos de las personas que trabajan en zonas rurales. (Emanuelli 2013, p. 40).

Así pues, esta problemática se entiende desde el machismo y los objetos, combinados con las armas que los hombres mantienen al lado sin escrúpulo, sin miedo, pero con ego. El grado de sadismo y de ternura que puede llegar a tener una persona, depende de las situaciones de su vida, conocer experiencias sin juzgarlas, porque más allá de muchos acontecimientos siempre se puede llegar lejos o cerca dependiendo del campo óptico.

Así pues, desde estas historias, Granada, es un pequeño ejemplo, es un lugar donde muchos de los actores de la guerra, provenientes de las diferentes subregiones de Colombia, pasaron, transitaron o se instalaron allí. Muchos, quizás, sin conocer el lugar ni cómo funcionaba: solo sabían manejar el arma que cargaban, como la vecina que desde sus 15 años estaba en el sur de Bolívar y norte de Córdoba, con acceso a Antioquia. En el libro *Nunca más Granada* por el Centro de Memoria histórica se pueden encontrar muchas historias de los momentos del conflicto, casos reales que se sistematizaron, y que de muchas formas nos ayudan a entretener aspectos que cambian las esferas de cómo vivir.

Además de las relaciones sociales, las culturas e identidades contienen una esencial relación con la naturaleza y el tiempo que permite la fluidez de la vida. Desde 2009, Granada se torna un espacio de *producto social*, es decir, es una representación social

y es un proyecto, en el que operan individuos, grupos sociales, instituciones, relaciones sociales, con sus propias representaciones. Las mujeres desempeñan un papel clave en la vida del campo, que va más allá de la actividad económica, ya que participan en las actividades de las comunidades; aunque no asumen cargos de toma de decisiones en la vida familiar y el núcleo poblacional, asumen el concilio o en ocasiones la adaptación de las decisiones.

El concepto de identidad cultural implica un sentido de pertenencia a un grupo social con el cual se comparten rasgos culturales, como costumbres, valores y creencias. La identidad no es un concepto fijo, sino que se recrea individual y colectivamente, se alimenta de forma continua de la influencia exterior. Así mismo, como la identidad se mueve de acuerdo a las dinámicas sociales, el territorio se configura simultáneamente a los movimientos temporales del espacio. Es decir, los humanos territorializan, un territorio se adapta a las situaciones. Toda acción puede ser reivindicada teniendo en cuenta los elementos particulares de la vida. Relacionar esto con el contexto permite interpretar que el territorio se modifica orgánicamente, no depende del humano meramente, pero la territorialización producto de los asuntos institucionales y locales permite tener relaciones características. Así como el lenguaje, la música, la literatura y el arte; los sitios arqueológicos, la arquitectura y el paisaje; las tradiciones, el folclor; la biodiversidad vegetal o animal, son parte de las dinámicas territoriales.

Hablando en los pasos, la justicia de las huellas y las misiones, reservas de malicias enraizadas en luchas disponibles siempre al futuro que inventamos vienen de las raíces, de las heridas, de los dolores, de las dudas, de las preguntas, de las memorias, de las luchas, de las certezas de los muchos.

Gente unida que camina, sobreviviendo entre las lágrimas, las ausencias, las tristezas, las soledades, los abandonos, las traiciones, Gente unida que camina, tratados de pasos seguros Bandera de desobediencias, gritos de independencia. (Velasco, 2019).

Los convites eran y aún continúan siendo una actividad característica de las Juntas de Acción Comunal, en torno a la cual se congregan los vecinos para actividades de bien común, como el mejoramiento de vías o caminos de paso, pintar o reparar la escuela, mejorar el acueducto veredal, incluso arreglos en la casa de algún vecino. Esta acción hace parte importante de la memoria colectiva y del tejido social granadino. Sin duda, allí surgieron iniciativas que permitieron configurar la Asociación de Víctimas Unidas por la Vida. ASOVIDA es una organización que involucró a la población en general: aquellas personas que se reconocían como víctimas y no víctimas del conflicto. Este proyecto se consolidó en

la búsqueda de la verdad, la justicia y la reparación, construyendo propuestas para la consolidación local de una cultura no violenta.

En función de esto, se promueve una política de la memoria, a partir de la dignificación de la memoria de las víctimas de la violencia. Una de las iniciativas más significativas de ASOVIDA son las Jornadas de la Luz, realizadas con regularidad todos los primeros viernes de cada mes. Inicialmente, encendían velas en las puertas o balcones de su casa en memoria de las víctimas; luego, la iniciativa fue tomando fuerza y las personas empezaron a vencer el miedo y a transitar con esa luz hasta el atrio de la iglesia, convirtiéndose en un acto de resistencia al efectuarse en aquellos años.

En el caso de Granada, estos colectivos han dado voz a las víctimas antes de la inserción de organismos nacionales e internacionales. Entre varias acciones, construyeron en el pueblo el Monumento a los Desaparecidos. Allí fueron sembradas las piedras recogidas en este trayecto, marcadas con los nombres de las víctimas de desaparición. Otra de las acciones fue la realización de un “monumento de memoria a las víctimas”, esta vez en homenaje a las víctimas de la primera incursión de las autodefensas al municipio, el 3 de noviembre de 2000. Sobre una plataforma de cemento, ubicada a la entrada del municipio, también donde fueron asesinadas las primeras siete personas, fueron puestas siete conchas de caracol huecas que simbolizaban la vida y la memoria de estas personas asesinadas.

Existen diferentes formas de expresar la vida la muerte y el anhelo o la esperanza de que regresen los desaparecidos, que cambian de vida, de forma de existir, olvidan el lugar de donde partieron, o simplemente mataron y sin cuerpo en mano queda la esperanza que regresen, pero quizás el espacio más emblemático de esta lucha por la memoria es el *Salón del Nunca Más*, abierto al público el 3 de julio de 2009: Una acción de memoria colectiva, que reconoce que los rostros en este Salón, fueron historias cortadas por la violencia, y son seres humanos, con sueños inconclusos”. (Asovida, 2012).

Hoy, Granada, su organización de víctimas y el Salón del Nunca Más son reconocidas a nivel nacional por su lucha por la memoria y la reparación de las víctimas un aspecto importante a resaltar, con respecto a la memoria histórica, es el trabajo que realizó el Centro de Memoria Histórica y otros actores como Corporación REGIÓN y escritores locales como Hugo de Jesús Tamayo Gómez, quienes de diferentes maneras realizaron la documentación de algunos de los aspectos más relevantes de las acciones victimizantes, como las desapariciones, masacres, bombas, minas antipersonas, violaciones, desplazamientos. Es por ello que esta investigación no centra la atención en los aspectos históricos del conflicto. La memoria en el municipio es hoy un eje central de la

reconstrucción y los reclamos por la verdad, la justicia y la reparación. Esto ha permitido que las se movilicen y hagan presencia en espacios públicos, demanden derechos y se hagan escuchar por una sociedad que estuvo ausente o indiferente ante la guerra que se libraba en su territorio y, además, emprendan una tarea nada fácil, que aún no concluye, de elaboración y tramitación de los duelos acumulados.

La construcción de una memoria colectiva, y los debates cotidianos, hacen parte de la intensa movilización que registra la actualidad, y que inició antes del 2009 por preocupaciones de supervivencia material (lucha por el territorio y petición de seguridad territorial), pero ha desbordado ya ampliamente el campo de las reivindicaciones materiales, para provocar un vasto cuestionamiento identitario. Un tipo de relación dialógica entre quien conoce y lo que es posible de conocerse, una relación cooperada y cooperante entre sujetos constructores de conocimiento, cuyas actividades y dinámicas se orientan por el interés de establecer diálogos entre saberes expertos, sobre la problemática que relaciona las experiencias.

Imagen 12- Muro de las víctimas



Fuente: Autoría nuestra (2019)

Un muro lleno de rostros que hoy no están, que la guerra los asesino, desapareció, violó, desplazó, estos rostros en el Salón de Nunca Más, es la representación del perdón, pero no el olvido.

Por otro lado, proyectos en articulación con municipios como Medellín la segunda ciudad del país receptora de desplazamientos, donde los asentamientos en la periferias son los resguardos de quienes están llegando, tomaron partida de este proyecto como Volver al Hogar de Medellín para, además de granadinos, reubicar familias que se encontraban en situación de desplazamiento; es por ello que hoy en día se encuentran habitantes afrodescendientes, citadinos y de diferentes lugares de Colombia, por lo general con afectaciones a causa del conflicto armado dentro del pueblo.

Desde el corregimiento de Santa Ana, en octubre de 2009, la política pública denominada Retornar es vivir fue mediatizada y publicitada por entes gubernamentales de esa época, como el Ministerio de Defensa. En aplicación de lo estipulado por el programa, Retornar es Vivir y Familias en su tierra han contado ya con cinco fases, de las cuales Granada ha hecho parte de cuatro. En esta premisa, la multiterritorialidad une a todos los territorios por medio de la multidimensionalidad y de las escalas geográficas. Es decir, el territorio como espacio de vida donde convergen diferentes factores de desarrollo. (Fernandes, 2009, traducción propia). Las acciones inmateriales que se han construido antes, durante y después del retorno han posibilitado la territorialización; se genera un conjunto de sistemas de objetos y sistemas de acciones, que establecen políticamente un potencial de transformación, al imaginar el espacio no como algo estático y puramente material, sino como algo que está abierto para ser reconstruido, para que nuevas trayectorias espaciales dibujen otras direcciones.

Según la Asociación de Campesinos de Antioquia en la época que operaba Acción Social se publicitaban cifras de retornados mayores a la población de localidades como las de Granada y San Francisco del Oriente Antioqueño. Esto se debe a la falta de seguimiento a las instancias respectivas y la comunidad en general. (ACA, 2011, p 10).

Es decir, la responsabilidad colateral no se ha llevado en su totalidad. Una raíz es que las apuestas estatales están desenfocadas con la realidad cotidiana y no existe confianza mutua. Particularmente en las veredas La Gaviota, La Linda, El Morro, San Francisco, Las Palmas, La Quiebra, La Aguada, Calderas, Los Medios y el corregimiento de Santa Ana, es decir, la cuenca del río Calderas, se emprendieron formas de organizarse para reactivar las dinámicas económicas de los y las campesinas, así que para ASOPROA la guerra se

convirtió en una oportunidad de acoger y congregar un grupo de campesinos en torno al desarrollo rural, lo que a su vez permitió la protección de los pobladores y de sus territorios. (PNUD, 2010).

Continuando con la transformación económica del municipio, de igual manera que en gran parte de Colombia, desde 1870 en el municipio se empezó a desarrollar una producción comercial seria del café, que siempre se ha visto asumida por la Federación Nacional de Café. Es importante reconocer que existen acciones que han favorecido las condiciones sociales del Municipio: organizaciones como TEJIPAZ, que instaura una de sus oficinas para hacer parte de las dinámicas locales. Desde allí se realizan capacitaciones de diferentes tipos, para la creación de mermeladas, tecnificación y calidad de café, entre otras acciones que permiten abrir las puertas de otras formas de producción y asociación. Ahora bien, el término territorio es un elemento básico. En esta lógica, Arocena plantea que:

El hombre se relaciona con espacios físicos bien delimitados donde desarrolla sus actividades. Estos espacios se vuelven significativos para el grupo que lo habita: así se cargan de sentido, porque allí transitaban generaciones que dejan huella, las trazas de su trabajo, los efectos de su acción y la transformación de la naturaleza. (Arocena, 2002, p. 15).

Otra actividad que se empezó a desarrollar en la cabecera municipal para generar recursos fue la fabricación de joyería de murano y balones; aunque es una labor artesanal, requiere de tiempo, y por lo general son mujeres que labran desde el hogar. Por otro lado, la fábrica de balones es una actividad más industrial, lo que requiere de máquinas especiales para la elaboración. De esta manera, las y los campesinos han sido deliberadamente invisibilizados y condenados a “desaparecer” a medida que avanza el “desarrollo” y la “modernización” de nuestras sociedades. Las violaciones masivas y sistemáticas a sus derechos humanos, raramente percibidas por los gobiernos, la justicia y la opinión pública en general, son quizás la muestra más flagrante de la opresión social, económica y cultural a la que prácticamente todas las sociedades contemporáneas han sometido al campesinado

Es decir, organizaciones como AMUCIC (Asociación de mujeres campesinas e indígenas de Colombia), ASOPROA (Asociación de Productores de Aguacates) y ASOPA (Asociación de Paneleros), son sujetas a apuestas, a las directrices identitarias de la comunidad. Es así como, más que conmemorarlas, se invita a pensarlas críticamente por dentro y fuera, hacer parte de la realidad, pero sobre todo de los sueños. Siento la necesidad de cuestionar la extinción del campesino. La heterogeneidad: en ello radica la relación con la ciudad de las nuevas generaciones y los diferentes lugares caminados por cada individuo.

Esta articulación diversa permite asociarse, crear aprendizajes donde se replica o no.

En esta premisa, la acción colectiva de los movimientos sociales, más allá de las fronteras nacionales, reivindica el derecho de seguir viviendo de la tierra como una forma de establecer un tipo de metabolismo con la naturaleza, mediado por sus propias necesidades, visión del mundo y proyectos de vida. En términos generales, puede decirse que el acompañamiento estatal ha realizado intentos, pero ha sido insuficientes, principalmente porque la raíz de una estructura de poder, donde en gran medida el Narcotráfico genera alto capital al país, es un factor que facilita la desigualdad.

Para aclarar la posición en el proceso de retorno, principalmente se expone como una experiencia más en la relación social, que también brinda la posibilidades y apoyo material a las familias y comunidades que se acompañan desde los diferentes programas. También considerando el proceso como un factor trascendental, la ruptura de procesos limita el seguimiento en la reparación, el otorgar dinero: la indemnización como único y último modo de reparación, una indemnización a la que tampoco se le hace acompañamiento. Esas prácticas de homogenización tienen un proceso de desconexión mental, que influye en todos los aspectos ambientales, como las mudanzas eco-sistémicas, la forma de relacionarnos y de organizarnos, donde llega al momento en que dejamos de reconocer la causa de la enfermedad.

La identidad es la forma de relación social entre el individuo con la comunidad, está relacionada con las condiciones externas, incidentes entre los caracteres y formas sistemáticas que se configuran para conciliar aspectos comunes. Una identidad basada en la violencia como forma de vida es causa de un monopolio que vende la paz por medio de la guerra, para el caso de Colombia la guerra implica el 10% del PIB del país; si consideramos el 1% de esa energía a la producción del campo, la guerra consolida la economía del campo. Es inevitable reconocer la crisis económica que transcurre en lapsos de pandemia; canalizar las fuentes es estratégico de manera macro e inducir hasta el punto de proyectar estrategias o maneras de minimizar los impactos económicos y ambientales que enfrenta la humanidad y la vida terrestre.

Descubrir las formas adoptadas por los múltiples mundos que componen el pluriverso, sin tratar de reducirlos a las manifestaciones de principios conocidos. Los estudios pluriversales se centrarían en aquellos procesos que ya no pueden ser fácilmente acomodados en la tabla epistémica de las ciencias sociales modernas. Esta es la razón por la cual los estudios pluriversales no pueden ser definidos en oposición a los estudios de la globalización, ni como su complemento, sino que requieren ser esbozados como un proyecto intelectual y político completamente diferente. No existe una noción única del mundo, el ser humano, la civilización, el

futuro, o incluso lo natural que pueda ocupar totalmente el espacio de los estudios pluriverbales (Escobar, 2012, p. 54).

En este sentido, la globalización, la expansión de tecnología e información es quien prevalece en la relación social, por ejemplo, cada vez más las relaciones son más virtuales que presenciales. Esto sin olvidar la forma de sometimiento del territorio por el que está atravesado desde el proceso colonizador, donde la opresión de los cuerpos está profundamente impregnada de la invasión europea en América Latina.

Cuerpo como territorio-lugar, vivencia, emociones y sensaciones. Entonces, entendido de esta forma, el cuerpo es también un lugar de resistencia porque permite establecer estrategias de toma de conciencia que llevan a acciones de liberación colectiva. (Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2017, p.16).

Retomar el sentido y el significado del territorio es retomar un orden, una organización, es desplegar los contenidos culturales que conforman el territorio, pues este es un tejido-mochila que vincula la cultura con un orden sistémico natural que se expresa en un orden biofísico. En suma, el territorio no es únicamente lo biofísico, sino un entramado relacional que se establece entre los seres humanos que despliegan su cultura, es decir, su cultivo de humanización en sincronía con los ciclos naturales y los tiempos cósmicos. De esta manera, se expresa un orden cultural, un orden social, un orden político y un orden económico en perfecta correspondencia. De manera dialéctica se nombran diferentes tipos de retorno, que, aunque se establecen, no existe estrategias específicas para la atención según las particularidades, estas formas de retorno se asocian a la experticia de vida al momento de regresar al territorio, de manera individual, familiar, colectiva o por medio de programa.

En primera medida está el *retorno de emergencia*: se presenta debido a las pocas condiciones para la subsistencia; durante los últimos años del pasado siglo y principios del presente, una familia que fue desplazada una vez, probablemente se desplazó a varios lugares; además de las bajas condiciones, también se debía a la apropiación del territorio, algunas personas iban y volvían por semanas, días o meses de acuerdo a la coyuntura del momento. El *retorno voluntario* se dio, en mayor medida, entre familias que se reunían para volver a sus casas y hacerse compañía. Para esos momentos, tener confianza es trascendental para sobrevivir. Estos dos tipos de retorno se dan por iniciativa propia, sin asistencia estatal. Es por ello que no se garantizaban las condiciones para habitar

tranquilamente el lugar. (Caicedo, *et al*, 2006). Por otro lado, el *retorno prestacional* se presenta cuando intervienen las instituciones estatales de corte asistencialista, los entes territoriales locales son quienes tienen la iniciativa para el apoyo de retorno. (Caicedo, *et al*, 2006, p. 40).

Durante los primeros años del presente siglo, el desplazamiento se encontraba en el pico en Granada. La explosión del carro-bomba en el 2002 impresionó a la población y muchas otras acciones ocasionaron que fuese el año con mayor desplazamiento. En el mismo rol de desplazar, el retorno de otras familias o la permanencia de muchas otras, que, al mismo tiempo, de manera particular iniciaban los procesos de retorno; sin embargo, ese retorno ocurrió en su mayor parte de manera individual y sin acompañamiento institucional.

En el 2009 se inician los programas de retorno: se abrió el espacio de *Tierra Viva* para la llegada de familias; posteriormente, diferentes proyectos mancomunados con los direccionamientos gubernamentales apuestan a este acontecimiento. Así, los procesos de retorno en el país se producen porque algunas de las poblaciones en situación de desplazamiento forzado no logran insertarse en las dinámicas urbanas o municipales de su lugar de recepción y resultan expulsadas, teniendo como única opción desplazarse nuevamente o regresar al lugar de expulsión inicial, aunque el conflicto armado no haya cesado.

Entre los procesos de reincorporación, y reconociendo que algunos de ellos eran oriundos del Municipio, Granada como municipio en Jurisdicción Especial para la Paz (JEP) cuenta con exintegrantes de AUC, FARC, ELN, Ejército y policías... todos habitan el mismo espacio y hasta miembros de la misma familia. En esta premisa, todos somos en la apuesta de construcción de identidad como agentes activos y productivos en las iniciativas sociales, económicas y culturales institucionales o comunales. La resolución de la Subcomisión de Derechos Humanos de la ONU 2002, plantea que:

Todos los refugiados y desplazados tienen derecho a que se les restituyan las viviendas, las tierras y el patrimonio de que hayan sido privados arbitraria o ilegalmente o que se les indemnice por cualquier vivienda, tierra o bien cuya restitución sea considerada de hecho imposible por un tribunal independiente e imparcial. [...] (Principio 2). (ONU 2002, p. 09).

Todos los refugiados y desplazados tienen derecho a regresar voluntariamente a sus anteriores hogares, tierras o lugares de residencia habitual, en condiciones de seguridad y dignidad. El regreso voluntario en condiciones de seguridad y dignidad debe fundarse en una elección libre, informada e individual (Principio 10). (ONU 2002, p. 10).

El retorno no sólo implica volver a los territorios de expulsión, implica un volver a la vida de “antes”. ¿Qué tanto es posible regresar al mismo territorio y a la misma vida cuando geografías, lugares y experiencias biográficas han sido marcados por la violencia? Evidentemente, el retorno no se produce a los mismos lugares de expulsión, aunque en la población retornada existe una fuerte añoranza de que así sea. Según un estudio realizado por la Defensoría del Pueblo en 2010.,

“...[en ninguno de los retornos analizados se observa un goce efectivo de derechos de la comunidad. Los niveles de estabilización socioeconómica de las comunidades retornadas y por ende la sostenibilidad de los procesos, obedecen más a la voluntad de éstas de permanecer que a una intervención armónica e integral de las entidades del Estado” (Defensoría del Pueblo, 2012, p. 246).

En esta premisa, el Estado, en el marco de la Ley 1448 del 2011, Ley 1820 de 2016, el Acto legislativo n° 01 de 4 de abril de 2017, con la Jurisdicción Especial para la Paz, ha desarrollado programas y proyectos por medio de diferentes entidades. Se han llevado a cabo, en el Municipio de Granada, algunos programas como:

Familias en su Tierra, Esquemas Especiales de Acompañamiento, Más Campo, Más Sostenible, Volver al Hogar, Alcaldía de Medellín, Servicio Nacional de Aprendizaje SENA, La Unidad de Restitución de Tierras, Ruta Integral, Agenda Nacional de Tierras, Proyectos Dinamizadores, Programa de Atención Psicosocial a Víctimas del Conflicto, PAPSIVI, Proyecto Productivo, acompañado por la ACNUR, Proyecto de Memoria Histórica, acompañados por PNUD, acompañamiento permanente por parte del Ejército Nacional y el Desminado Humanitario, Agencia de Cooperación Internacional de Japón (en Granada, el proyecto impactó a la población con discapacidad y la Casa Sendero de Esperanza), Sistema de Caracterización a la Población Víctima SITAV. (Secretaría de Planeación, 2020).

En el momento que se van incorporando diferentes instituciones en un territorio por medio del desarrollo y tecnologías avanzadas como hidroeléctricas, monocultivos, vías, explotación minera, que son formas de reproducción de espacios, se entabla una dinámica de acumulación de capital y penetración de relaciones sociales. (Harvey, 2012, p. 98).

La mayoría de estos programas se desenvuelven en el marco de la Ley 1448 del 2011, donde anticipadamente ya se habían realizado retornos emergentes e individuales. Por ejemplo, desde el 2004 se impulsó las asambleas comunitarias que en Granada tuvieron el nombre de Dialogando por la Vida y fueron insumo para la construcción del Consejo

Provincial De Paz en el Oriente, un espacio vital para la construcción de una postura a favor de la paz desde los procesos.

Con respecto al proceso de paz por el que transita Colombia, donde luego de más de cincuenta años de conflicto armado con las FARC, el Acuerdo de Paz pone fin a la violencia con la guerrilla más grande en Colombia. El Acuerdo busca impedir que haya más víctimas y concentra todos los esfuerzos en construir una paz estable y duradera. En gran medida la experiencia de Granada es un ejemplo permeado. Como gran parte de Colombia se está viendo externamente como un lugar para explotar, para aprovechar los recursos tanto que se mueran, que se extinga.

Actualmente se deslumbra los intereses en la presencia de los sectores mercantiles nacionales e internacionales que impulsan acciones alienadoras para permitir exponencialmente la relación exploratoria de los territorios, y así mismo la opresión y otra forma de esclavitud social. De esta manera, en el contexto granadino, y en general en Colombia, el campesino no corre con esta suerte, por decir así, al habitar el espacio. Sea retornado, reubicado, reasentado o reincorporado, se asume como si fuese víctima; es en este momento cuando las instituciones toman parte. Asumir la postura política de víctimas, desde el lamento y no desde el esfuerzo es el poco reconocimiento que el campo tiene en el momento, representado además en las nulas políticas públicas para la reivindicación de este sector poblacional. Es así como, en asuntos políticos, el campesinado aún tiene arduo trabajo porque, con la defensa del territorio algo se ha logrado. Es menos probable que una multinacional minero-energética ingrese a los pueblos indígenas a explotar las tierras. En posición de un ataque de las clases dominantes en la práctica y en sus formas de comunicación se encuentra una narrativa colonizadora, capitalista y católica, donde para salvar las almas se permitió la violación y la agresión, la expropiación de las tradiciones, alejándose de los conocimientos tradicionales, de los poderes materiales, ancestrales. El tipo de historicidad que es contada viene de un mercado global. Donde incluyen excluyendo. Estas transformaciones no son endógenas: son impulsos apoyados por fuerzas externas.

Son muchos los aprendizajes solidarios que aprendió la comunidad granadina durante la época aciaga de acciones violentas: los que lograron apoyar en lo posible la reconstrucción de Granada, los que habían vivido allí antes, al apoyar la reconstrucción de la parte del corregimiento de Santa Ana afectado en 1997 por un incendio. Han sido ricos los aprendizajes compartidos con los comerciantes de San Andresito, mujeres confeccionistas, mujeres y jóvenes fabricando balones, campesinos productores de panela,

mora y muchos otros productos, microempresas, empresas familiares, artistas, deportistas. En los años sesenta se empezaba a trabajar en la recuperación pacífica de las actividades económicas luego de una época de violencia, e inicia el Frente Nacional, se empieza la fundación de la Junta de Acción Comunal, JAC, con la Ley 19 de 1958. (Coogranada, 2013, p.12).

Desde la fase exploratoria de los procesos de retorno en Granada, junto con otros municipios inscritos en la Jurisdicción Especial para la Paz (JEP), asisten instituciones como la ONU, que “restablecen” los derechos de quienes han sido víctimas de los desplazamientos internos. Ligados por lo propuesto desde la Ley 387 de 1997, que se reforma con la Ley 1448 de 2011, Ley de Víctimas y Restitución de Tierras, donde se reconocen los mismos principios para la activación de las medidas de reparación de víctimas del desplazamiento forzado. En esta premisa, se reconoce que dentro del Municipio de Granada habitan personas retornadas, reubicadas, reincorporadas, reasentadas y migrantes, todos transitaron por procesos de desterritorialización, y desean construir una realidad en otro o el mismo lugar. Además, se delimita la espacialidad en las veredas aledañas a la cuenca del río San Matías, propias del Municipio de Granada, principalmente, San Esteban y El Roble.

Esta interpretación se puede asumir desde visiones polifacéticas; no está de más comentar la posición unilateral frente lo que significa retornar. En este orden, tejer es una acción que ayuda a ejemplificar, de manera metafórica: cuando se teje y una puntada queda suelta, se puede deshilar todo el tejido por ahí; cuando una puntada queda más apretada o más suelta, se afecta el diseño, pero devolverse es la oportunidad de desarmar hasta el punto preciso, para que todo el tejido quede con el diseño imaginado. Este orden configurado por una idea, dentro del orden social, no es tan simple como en el tejido. La categorización permite nombrar y separar los elementos distintivos creados por la identidad y la cultura. Cuando esta cultura tiene antecedentes históricos se da principalmente por la relación espacial y la adaptación del ser humano a esas condiciones.

Un aspecto de la transformación de las condiciones de desarrollo en los últimos quince años, a menudo no se reconoce, aunque de suma importancia, es que las mismas categorías y usos del conocimiento limita —¿cuál conocimiento vale para el desarrollo? ¿producido por quiénes y con qué fines?

Esto afecta a la teoría social en general, en que la cohorte de los interesados en la producción de nuevas teorías se ha expandido mucho más allá de los sujetos habituales en

las academias. (Escobar, 2012, p.29). Cultura y territorio son dos aspectos que dan forma y alimentan el poder popular. Rescatan la historia y la memoria proyectados en valores, símbolos, despiertan las capacidades críticas, creativas, culinarias, las aptitudes para músicas y danzas. (Leal 2019, p. 41).

Así, desde la cotidianidad y mediante las acciones que están encerradas en instituciones, pero son orgánicas, se transforma la energía que mueve una forma de vida social. Esa energía subyace en la relación que vive cada niño los domingos cuando se despierta temprano para ordeñar la vaca, limpiar los huevos que van a ser consumidos, amasar el maíz para tener la arepa de mote, traer leña para los fogones...

Durante los últimos años se ha venido consolidando el protagonismo creciente de las mujeres rurales en la sociedad civil, en la esfera política local, en las actividades de diversificación de la actividad agraria, en el papel multifuncional de la agricultura, en las redes asociativas. A grandes rasgos, el eventual posconflicto abre las puertas a las posibilidades de un proceso que transforme la realidad rural. Además de reflexionar sobre la capitalización de los recursos y las afectaciones físicas dentro de un espacio, se incorporan esos elementos que por estructura política se adhieren y hasta se imponen al ecosistema, sin aislar al ser humano dentro de esos circuitos.

Como constructores, se han limitado las formas de expresión y de acción; eso, no es natural: esta situación inorgánica ocurre como monoculturación esa Forma de homogenizar o considerar un modo de vida como divino. Donde, progresivamente, todos los seres humanos terminan haciendo lo mismo, como ir a las peluquerías, droguerías e iglesias cristianas. Además de comer lo mismo, como arroz y carne de res. Seguir el mismo prototipo, escuchar la misma música, vestir de la misma forma, ver los mismos programas de televisión improductivos. Todo ello hace parte de un sinnúmero de métodos alienadores que son controlados e impuestos por empresas que hacen parte de un sistema moderno capitalista, materialista y machista. Esta monoculturación, como resultado de un sistema moderno, estructuralmente machista, toma unas particularidades que se reflejan en la homogenización de la vida, de las actividades humanas, de los ecosistemas, de la forma, de las cosas; es así como se va encontrando una forma ideal de vida, al crear prototipos, sembrando monocultivos. En la defensa de la diferencia, Espinosa *et al* nos cuentan:

No hay descolonización sin “despatriarcalización” son las voces que anuncia una posición ineludible, totalmente permeados por la colonialidad del poder, que violentamente inferiorizaron a las mujeres colonizadas. Entender el lugar del género en las sociedades

precolombinas rota el eje de comprensión de la importancia y la magnitud del género en la desintegración de las relaciones comunales e igualitarias y el proceso colectivo. (Espinosa *et al*, 2014, p. 67).

Muchos de los aspectos cotidianos están determinados por asuntos políticos y religiosos. Aunque el machismo continúa predominando en la comunidad, el retorno también permitió incorporar otros aspectos individuales de las mujeres retornadas. Cada una asumiendo roles que se conglomeran en asociaciones como por ejemplo AMUCIC (Asociación de Mujeres Campesinas e Indígenas de Colombia). Para nombrar un ejemplo, en estos espacios se permite llevar a cabo proyectos comunitarios, que por medio de la asociación tengan la experiencia de organización y apoyo para la sostenibilidad económica. En el caso de la vereda El Roble, se impulsaron proyectos para la producción de huevos donde en dos grupos se repartían labores, esta experiencia permitió reconocer aciertos y desaciertos en el momento de emprender cualquier unidad productiva. Posteriormente, y hasta ahora, continúan con la creación de velas, procurado innovar en velas y quizá otros productos con colores y texturas. Además de algún recurso económico, la oportunidad de aprender y compartir conocimiento fortalece las relaciones comunitarias.

Las mujeres rurales han empezado a ganarse su lugar en las sociedades agrícolas. Según el DANE, en el área rural el 15.7% de las mujeres y el 16.1% de los hombres cursaron primaria completa, el 2.9% de las mujeres y el 2.4% de los hombres tienen secundaria completa y el 0.9% de las mujeres y el 0.8% de los hombres alcanzaron un nivel profesional. Otro elemento característico de esta comunidad en proceso de retornos es que los hombres adultos mayores por lo general desean regresar a sus tierras:

En nuestros cuerpos habitan múltiples identidades: trabajadoras, indígenas, afrodescendientes, mestizas, lesbianas, pobres, pobladoras, inmigrantes... Todas nos contienen, todas nos oprimen. Lo que nos aglutina no es una identidad, sino un cuerpo político, una memoria de agravios. La subordinación común ha sido marcada en nuestros cuerpos, esa marca imborrable nos constriñe a un lugar. (Espinosa, *et al*, 2014, p. 414). La formación del campesino es el resultado de la formación socioeconómica del pueblo. La defensa por las tierras es un aspecto importante en el campesino. Cultura y territorio son dos aspectos que dan forma y alimentan el poder popular y la identidad donde se rescata la historia y memoria. (Leal, 2019, p. 41).

En este sentido, para el caso de Granada, con respecto a la *participación política*, las Juntas de Acción Comuna fueron la expresión de compromiso de la población campesina con sus veredas y el espacio expedito para la formación de liderazgos

comunitarios. Esa fuerza viva que representan los campesinos y sus líderes posibilitaron la organización de una asociación que aglutina esas Juntas de Acción Comunal y permite una coordinación entre ellas para la ejecución de iniciativas sociales.

Imagen 13- Trapiche tradicional de don Floro



Fuente: Autoría nuestra (2021)

Levántate, Campesino, ya no más oscuridad La Tierra pide tus
manos y tu amor que es de verdad.
Ya la tierra se ha cansado del malvado explotador, Que explota a
ti y a ella, el que explota tu sudor.
De tu tierra infamemente los malvados te hacen ir se apoderan de
los tuyos, de lo tuyo y de ti.
(Rodríguez, 2012)

8.3 Experiencias de vida campesina

Las tomas, trovas, cuentos infantiles y canciones que hablan de los acontecimientos, los campesinos desde los versos, expresiones de la interpretación de vida, esa es la oportunidad para tratar, documentar la situación temporal y espacial. Es por ello que en este espacio se quiere contar de una forma particular, la realidad de lo que se vive en Granada en especial las veredas del Roble y San Esteban. Las prácticas de uso y manejo de los recursos vegetales están íntimamente relacionadas a la cosmogonía y el conocimiento ambiental, cuya importancia cultural se expresa metafóricamente a través de mitos, integrando todos los seres de la naturaleza con carácter humanizado siendo respetados como habitantes permanentes de estos universos.

Son las 5:00 a.m. El ternero empieza a bramar, le hace falta la leche de mamar, la vaca no se queda atrás al escuchar su cría, hay que despertar, es inevitable salir a ordeñar, aprovechar la leche para alimentar. Apretar la ubre mientras baja por chorros blancos el líquido tibio, para quien acaba de levantar. Después de tomar los tragos, inicia la labor, se va a preparar la tierra para sembrar, porque la maleza no deja caminar. Se afila el machete para pastar cada espacio a su vez, hasta la raíz para no retoñar.

Después de limpiar hay que abonar, los residuos de la compostera ya son tierra, con la gallinaza o estiércol de vaca que son excelentes para complementar y nutrir las plantas que van a germinar. Al paso de la semana se ven algunos brotes verdes y todo empieza a crecer, así como la luna después de menguar. Aquí el frijol gusta más, al mes siguiente, al sembrado hay que envarar con palos, cada dos o tres metros, con las pitas celadas (como un tendedero), hasta que se empieza a enredar cada planta en su lugar. En determinado tiempo se deshierba y abona, quizás el tabaco y ajo y olvidar el triple 15, que elimina la vida que habita en el suelo.

Entre el cultivo de frijol también se coloca maíz para retoñar casi a la par, estos dos se llevan muy bien y se aprovecha el espacio más. De modo que a los tres meses y medio llega el día de cosechar, las vainas están listas para agarrar, en ese momento cuando las flores se empiezan a marchitar y las hojas a secar, en canastas o costales se toman con agilidad, para comercializar en APA (Asociación de Pequeños Agricultores) y se entrega para negociar, de allí, llevarlos a Rionegro, Marinilla o Medellín a las plazas de mercados hasta llegar a las tiendas donde compra quien vive en la ciudad.

Las arepas hacen parte del diario en las montañas antioqueñas, de mote o sancochadas, de cualquier manera, se trata de mantenerlas frescas. Para hacer las arepas, se deja remojar el maíz de un día para otro o de la fresca mazorca, cocinarlos hasta quedar blando, escurrirlos y molerlos, en un buen rato, en ocasiones se cambia de mano para dar descanso, pero con pocas pausas se logra el primer paso, tener la masa, un poquito de mantequilla y sal, pero sin exagerar. Se toma de a poquito y se aplastan con un rodillo y un plato hasta quedar homogénea y poco gruesa, a eso de medio centímetro. De manera que se deja la leña en término medio para sólo afirmar la masa y dejar para después asar, ya frescas se empacan o dejan para gastar. Las recetas son también información transitable que se elaboran con intenciones, técnicas e ingredientes que brindan la posibilidad de explorar la sensación similar, de ello que se quiere guardar.

El señor de la tienda despierta todos los días antes de las seis de la mañana, después del canto del gallo, se alimenta y cambia el agua de las gallinas o pollos de engordar, además del maíz, para mantener satisfechos y tener buenos huevos, las coles con el cristal de la sábila, es un buen complemento que los nutre como buen alimento. A las cuatro de la tarde, sin faltar, cuido y maiz para contentar a los animales que van a descansar para que el otro día en su corral tengan el huevo del desayuno del hogar. El señor de la tienda vende los huevos y la leche que cría en su casa, él siempre es servicial, siempre dispuesto está. Hasta de su mercado saca, para no quedar embalado. La tienda, la misma que su casa, está cerca de la escuela donde los niños al mediodía salen de estudiar y aprovechan a comer un helado para descansar.

Como es una vereda pequeña, sólo primaria hay, y una profesora es quien enseña de muchas maneras, todos ayudan con los quehaceres del lugar, unos lavan los baños, mientras otros en las huertas labran la tierra, por eso, todo el tiempo permanece limpia la escuela. La escuela de la vereda es el lugar para encontrarse la comunidad, las juntas y convites se organizan allá, hasta la asociación de mujeres veredal guardan ahí las velas. Ellas se reúnen cada mes para repartir las responsabilidades y ver cómo va cada momento de producción. La asesoría técnica por parte de AMUCIC (Asociación de Mujeres Campesinas e Indígenas de Colombia), encontraron alternativas con velas de olor que permiten dar mejor sensación al espacio donde se enciende la dulce luz.

Cada quince días son días de molienda, desde el día anterior se empieza a cortar y cargar la caña para procesar, varios viajes hay que montar al hombro y muchos kilos soportar, por la colina hay que caminar para llegar hasta el trapiche, allí se empieza a calentar el fogón para dar paso a la larga jornada laboral, son varios los que llegan a ayudar, uno que se encarga de los caballos que giran sin parar, mientras colocan cada caña y extraen su jugosidad, el guarapo en un balde se lleva para alguno de los fondos el tercero, para que no caliente tanto, poco a poco se va limpiando y se saca lo que va sobrando, esa melaza que es deliciosa para los animales, ellos como todos no paran en su misión. El guarapo se pasa de un lugar a otro mientras va espesando, un poco de aceite y miel para perdurar el sabor. Unas panelas salen claras, otras oscuras, depende de la paila y el punto de la caña en que se tomó. En Granada, ASOPA (Asociación de Paneleros) recibe y vende la panela. Allí en la esquina de la plaza del pueblo está la terminal donde llega la chiva a desempacar.

Imagen 14- Asociación de Paneleros



Fuente: Peláez (2015)

Todos los días en la mañana los pitos de la chiva advierten que es tarde ya para la actividad, adaptados al horario de la escuela permite que los niños lleguen tranquilos y seguros al hogar y a tiempo para estudiar, todo se lleva por allí, las pipetas de gas, las vacas y hasta el material de construcción para las casas de las veredas por las que ha de pasar, hasta llegar al punto final.

Los lunes son un día particular porque la feria de ganado es el despertar de la semana, es un día perverso para tomar la chiva que sale a las 5:00 a.m. de Santa Ana, ya que mientras montan cada animal y hasta 5 o 6, con pasajeros y otra carga más ese carro se mueve sin parar. Después de las 7:00 a.m. llega al pueblo y en la feria baja para dejar los animales que en ocasiones hasta lesionados del movimiento van. Un jugo de mora para refrescar después de negociar los animales para engordar o para criar y tener leche todo el tiempo en la finca.

Daniel es un niño que no tiene ni los diez, él muy fuerte se ve y hasta las vacas enlaza con puntería y fuerza de pocos para arriar cualquier vaca. Eso es lo que más le gusta, en los juegos y en la realidad, detrás de una vaca va. También va a la escuela, aunque no es el mejor de ella, se esfuerza por aprender las reglas. Aunque en su mente está Maravilla, su vaca preferida, que hace lo que le pida, porque la confianza con esa cría la vio nacer.

Cerca de la zona urbana la temperatura empieza a bajar y más alto en la montaña se puede visualizar, allí la zanahoria y la mora, la mora cada semana se puede tomar un poco para llevar a ASOMORA o Tejipaz, donde allí tratan de dar un precio legal para los productores con prácticas orgánicas y al mismo tiempo desplazar los alimentos por

cantidad. Desde hace dos años empezó a funcionar una gran estructura para tecnificar y hacer en pulpa o simplemente empacar en un espacio adecuado para los alimentos y además poder procesar y hasta mermeladas sacar, todos estos productos se venden en Gran Sol, ubicado en la zona urbana del municipio, y quizás se puede vender más si los productos se mueven para otro lugar.

Algo curioso que no tiene lugar, es que en un pueblo agricultor ni plaza hay. Anteriormente, se hacían mercados los jueves, ahora no se tiene nada organizado, sólo cada mes, el primer sábado, donde algunas mujeres sacan sus productos para vender, si ese día no pasó por el pueblo, se lo perdió, al siguiente mes hay que estar atento también. Esto de no tener plaza, además de aumentar el costo de transporte de la mercancía local, también hace que después de llevar los productos a la ciudad, los venteros de las legumbrerías vayan hasta allá para muchas veces retornar lo que acaban de desembarcar.

Las juntas de acción comunal en todas las veredas son muy diferentes: unas con más participación y movimiento, otras con retrasos y discusiones. El bienestar de una comunidad depende en gran medida del liderazgo colectivo que se lleve a cabo, el análisis de las determinaciones y de las acciones para el movimiento socio territorial. En este sentido, en el escenario para la organización y la limpieza de la huerta comunitaria, la escuela y los diferentes lugares propios de la vereda, se comparten las responsabilidades y se aprecian los beneficios para el uso de cada lugar.

Que por todo esto quizqu' es qui hay en este mundo una gente tan canóniga y tan mala, que goza tanto con el mal de los cristianos: porque ya son gente del Patas; y por eso es que se mantienen tan enjunecidos y padeciendo tantísimos tormentos sin candela. Estos quizque son los envidiosos. Y por eso quizque fue qu'el Enemigo Malo no quiso arriesgar las almas aquellas del Infierno, porqu'esas también eran envidiosos. (Carrasquilla, 1980, p. 14).

Doña Gloria y don Hermes llegaron hace 15 años a la vereda. Esta mujer emprendedora al lado de la carretera tiene su tienda y el señor con su herramienta construye y arregla la casa que sea. Son de Frontino, en el occidente de Antioquia, allá donde hace calor, abrasado por el Páramo de las Orquídeas con los fríos vientos que frotan las carpas de los circos, las tradiciones que la guerra silenció, el paso de cocaína y hasta algunos campamentos, hacían parte de la labor de quien habitaba por ahí.

También los animales tienen historia en el espacio: los bejucos, los helechos y diferentes especies de plantas hacen parte del espacio, los animales los habitan y aunque no

se puede decir que los territorializan, sí se puede afirmar que los cambian con su presencia. En este caso, en las tardes en el cañón de San Matías se puede escuchar ese silbido agudo de la gran familia de cacique Cándelo: este pájaro rojo con negro habita entre las montañas granadinas, y la bandada permanece junta, como una gran familia. Sólo cuando van a empollar, ahí se separa la pareja, junto con un ayudante para esperar y alimentar los polluelos que van a llegar.

Entre las colinas habitan diferentes especies de aves, gavilanes y águilas; son las rapaces quienes en lo alto se encuentran en búsqueda de presas. Cada año, debido a los vientos que llegan de la cordillera Central, millones de águilas y otras especies aves pasan sobre las montañas en tiempo de cuaresma, debido a que a partir de octubre estas aves emprenden su viaje hasta el norte de Argentina y en su regreso al norte, gracias a los vientos, pasan por varios días. También son comunes los gallinazos, los carriquies y el momot o barranquero, quien habita en los barrancos con nidos de uno a cuatro metros; allí habita en pareja o en ocasiones con su cría mientras crecen y son parte de otras nidadas.

En el territorio habitan seis especies de felinos, incluyendo el jaguar, el puma, el jaguarundi, el ocelote y el tigrillo: merodean de noche por las montañas, solitarios, en búsqueda de sus alimentos; en el caso del jaguar, este también es un buen nadador, al que le gusta caminar por las riberas, y aprovechar los alimentos acuáticos del espacio. Y si se habla de los ríos, las nutrias, las morsas de río son excelentes jugadoras: juegan hasta cuando son adultas, se deslizan con sus pequeñas presas y juegan con sus integrantes. Los ritmos del campo son diferentes: aunque no se para, tampoco se mantiene el afán, se asume la tranquilidad para hacer lo que se pretende, porque quién va a saber el clima que desee.

Fluir permite el movimiento sin descomposición, permite la libertad de correr por el cauce donde fluye la vida, palpita la diversidad con los múltiples colores, sabores, olores que en el campo se va a encontrar, ya sea en los bosques o por el cafetal, en la ribera del río, como lo percibían los Pitágoras que antes cuidaban por acá. Las múltiples formas como se habita el territorio es la relación constante entre el espacio y tiempo que se mueven constantemente, y de esta manera, se consolidan aspectos repetitivos, identitarios que permiten la relación social.

En este proceso, en el que no es posible lo blanco sin lo negro y lo indígena, así como no es posible lo negro y lo indígena sin la referencia blanca, Quijano muestra que la colonialidad no existe sin la modernidad y que lo eurocéntrico no existe sin la periferia. En el proceso de racialización de las identidades, en su relación con la explotación y dominación de los grupos sociales. (Espinosa, 2014, p. 08).

La coyuntura que hoy se vive mundialmente es un espacio para la reflexión y preparación de lo que viene: seguramente, el cambio de labores y formas de vida modificará la experiencia del mundo. Por ejemplo, en otros países no existen vendedores de cosméticos, sino dispensadores; así mismo, muchos de los cultivos, en el caso de Japón, son producidos en un edificio con técnicas hidropónicas, donde, en estantes con luz artificial y químicos, crecen productos que se fabrican con gran cantidad de químicos y en gran escala.

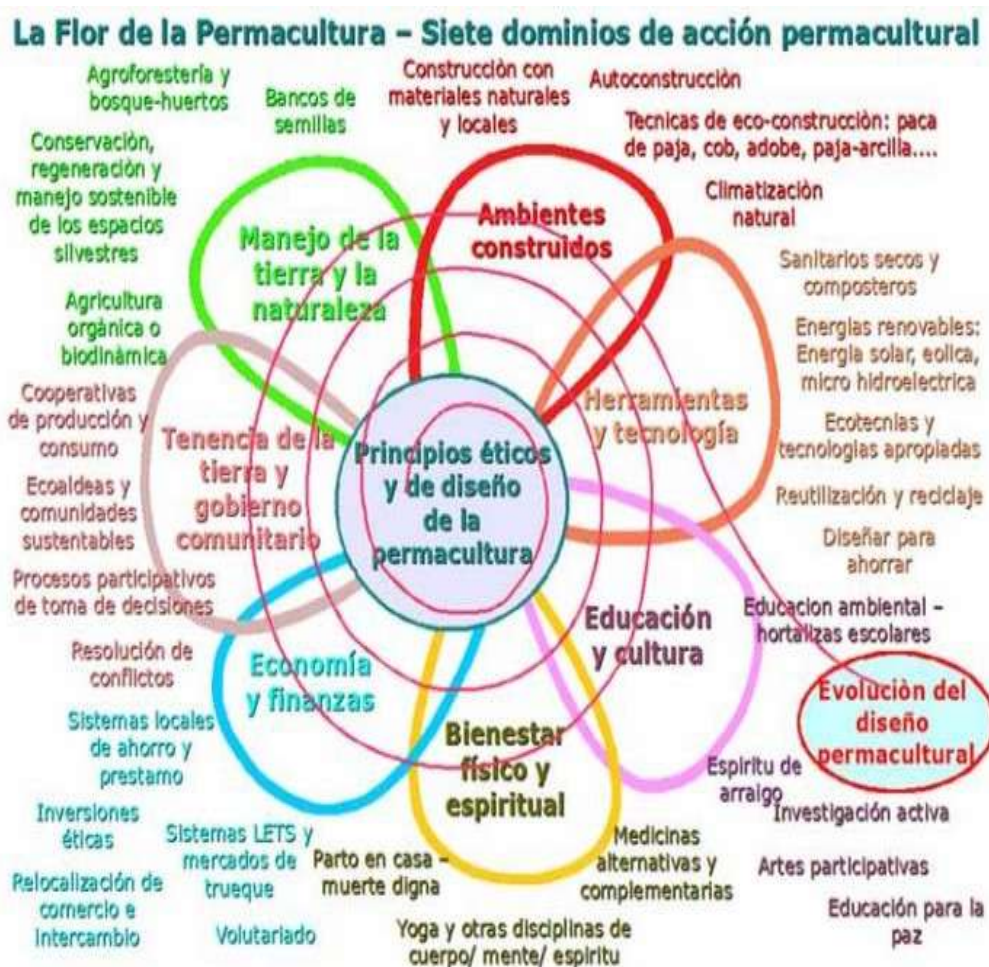
Se reitera el llamado a que el Gobierno de Colombia realice un extenuante esfuerzo para prevenir ataques contra personas que defienden los derechos fundamentales, para investigar todos y cada uno de los casos y enjuiciar a los responsables de estas violaciones, incluidos los responsables de instigar o ayudar e incitar violaciones. El ciclo vicioso y endémico de violencia e impunidad debe detenerse. Las víctimas y sus familias tienen derecho a la justicia, la verdad y la reparación.

Para el 2019 Colombia perdió a 107 líderes por asesinato, la gran mayoría tuvieron lugar en áreas rurales, casi todos ellos (98%) en municipios con economías ilícitas, donde operan grupos criminales o armados, y el 86% del número total tuvo lugar en veredas con tasa de pobreza por encima del promedio nacional. Si bien más de la mitad de los asesinatos ocurrieron en sólo cuatro departamentos (Antioquia, Arauca, Cauca y Caquetá), los asesinatos se registraron en 25 departamentos diferentes. El grupo más afectado fue el de los defensores y defensoras de derechos humanos del ámbito comunitario y de grupos étnicos específicos, como los pueblos indígenas y los afrocolombianos. Los asesinatos de mujeres defensoras de derechos humanos aumentaron en casi un 50 % en 2019, en comparación con el año 2018.

Desplazamiento me llaman. Camino por el mundo buscando dónde construir mis sueños, mi historia. Hoy intento mantenerme en un lugar estable, en mi negocio, venta de frutas. Ellas con su color y su sabor son mi alma, verlas me devuelve la vida. Yo, José, alguna vez las cultivé, y con mis manos las sembré. (Gómez, 2011. P. 13).

Una forma de vida que interioriza y teje en el texto es la permacultura, la siguiente grafica es un resumen de lo que consiste la permacultura, muestra los siete dominios de acción y acciones cotidianas que hacen posible esta alternativa.

Figura 16- Espiral de la permacultura



Fuente: Escuela Itinerante de Bioregión (2014, p.3)

Esta investigación puede ser un insumo para quienes se inquietan por las metodologías de educación popular para la construcción de vida en procesos de retorno, orgánicamente surge diferentes sujetos que pasan por la conciencia transitiva, donde el comportamiento comprometido permite la oportunidad y opción, es decir el humano construye opciones de vida con las herramientas que se tienen cerca.

La agroecología y la permacultura son opciones de vida donde permite la correlación, la simbiosis de la vida, como parte de la naturaleza. Las prácticas de uso y manejo de los recursos vegetales están íntimamente relacionadas a la cosmogonía y el conocimiento ambiental, cuya importancia cultural se expresa metafóricamente a través de mitos, integrando todos los seres de la naturaleza con carácter humanizado siendo respetados como habitantes permanentes de estos universos. Cuando se habla de la espiral se sabe que nace de un punto y termina en otro punto, el paso que se da en la comunicación

de un punto a otro, en términos de la cultura Nasa, ese plan de vida que tiene también un retorno, para los Nassa el año nuevo es cuando el sol está en el punto central el 21 de junio por ejemplo para muchas culturas amerindias, principalmente de américa del sur. este festejo se celebra con abundancia.

9 A MODO DE ANÁLISIS

La concientización fue siempre inseparable de la liberación. Y la liberación se da en la historia a través de una praxis radicalmente transformadora, y debe ser entendida como un método pedagógico de liberación de campesinos analfabetos. (Freire, 1975).

La deslegitimación que han tenido las culturas tradicionales hoy frente a la crisis muestra la importancia y el orgullo; más que en muchos tiempos, es un orgullo ser campesino, indígena, negro. Cuidar de esos elementos característicos no implica ir en contra del aprendizaje y la civilización. Con respecto a la mujer, se continúa posicionando el respeto que se perdió con la imposición. ¿En qué momento se nombra hombre y mujer? Antes de la colonización evangelizadora ¿cómo era la relación humana? Esta despatriarcalización, deconstrucción que se nombra para sanar, para observar, para transformar, permite girar, permite el flujo de la espiral donde el ser humano se concientiza de la acción. Las ciudadanas pasivas y dependientes que fueron objeto de subordinación, violencias y discriminaciones políticas, económicas y culturales, no son actores normales dentro del ecosistema humano. En la medida que se nombra, se brinda la importancia y se quita el morbo, las discriminaciones y violencias se entretajeron con la formación de los nuevos regímenes e impregnaron las nuevas sociedades.

¿Porque es importante colectivizarse? cuando se reconoce la especie humana se aprende sobre las diversas formas de existir, de tejer saberes y experiencias, es la forma de transformar el espacio y, cada ser, hace parte de ese movimiento. El ser humano, por ejemplo, como especie nos juntamos para el aprendizaje, para tejer saberes, experiencias, el arte de vivir, respirar y encontrarse en este lugar. Por eso, este espacio permite reflexionar sobre la acción cotidiana de cada uno, comprendiendo los intereses económicos, que se configuran en el miedo, en la violencia, opresión, machismo y venganza.

Para aclarar las contradicciones de la forma de redacción y relación que se le dio al texto; cuando se nombra la reconquista, es una sátira a la realidad, una manera de interpretar lo que se aprende, desde la intersección con el espacio y tiempo donde se habita. Con el fin de historiar una forma de aprender, esa cuadrada a la que se acostumbra, cada acción es una decisión, es la opción de vida que se crea o se destruye. Como especie, se tiene la posibilidad de ser consciente, cuando se cuenta lo que pasó, recordarlo con la gratitud de obtener una experiencia, que se decide no repetir, así, transmutar, hasta que la idea de

la desaparición se esfume.

Al paso de los tiempos, se han nombrado diversas interpretaciones y expresiones de vida, las religiones son un ejemplo por nombrar. Otro, que hace referencia a lo que se quiere dar a entender, es la corriente de la ilustración, Kant, lo nombra:

La ilustración es la liberación del hombre de su culpable incapacidad. La incapacidad significa la imposibilidad de servirse de su inteligencia sin la guía de otro. Esta incapacidad es culpable porque su causa no reside en la falta de inteligencia sino de decisión y valor para servirse por sí mismo de ella sin la tutela de otro. ¡Sapere aude! ¡Ten el valor de servirte de tu propia razón!: he aquí el lema de la ilustración. (Kant, 2000, p. 249).

Para esta ilustración no se requiere más que una cosa, libertad; y la más inocente entre todas las que llevan ese nombre, a saber: libertad de hacer uso público de su razón íntegramente. Mas oigo exclamar por todas partes: ¡Nada de razones! el oficial dice: ¡no razones, y haz la instrucción! el funcionario de hacienda: ¡nada de razonamientos!, ¡a pagar! el reverendo: ¡no razones y cree! “sólo un señor en el mundo dice: razonad todo lo que queráis y sobre lo que queráis pero obedeced! aquí nos encontramos por doquier con una limitación de la libertad”. (Kant, 2000, p. 250). Es una tendencia que los ricos viven en las cercanías de los ríos y los pobres en las periferias, la exclusión humana se expande cuando se interpone la condición económica, las vías principales también se vuelven factores para clasificar los espacios, así mismo en veredas como el roble y San Esteban se van sectorizando habitando como casa de veranero, el acceso a las tierras para los campesinos se torna más complejo, de igual manera que la siembra, ya que el uso del suelo se limita.

La liberación de las tendencias opresoras, como el trabajo, las represas y el consumo excesivo, se comprende en procesos educativos constantes, donde todos son responsables, contemplar las esencias que han permitido la evolución como especie. Esos elementos, medicinas ancestrales que abren los caminos de consciencia humana, son lo que están llamando a la trasmutación de la realidad neocolonial. El poder de los rezos, de la palabras y luchas, del mambe y ambil, el tabaco, y el Hayo, de las plantas sagradas que también son estudiadas por botánicos como Richard Evans Schultes, y que tiene un importante significado en las comunidades y en la sociedad.

Por otro lado, otra corriente filosófica que refiere a la diferencia y que se representa en cuentos, poemas y escrituras es el nadaísmo. Hay quienes ven el nadaísmo como la versión latina del existencialismo, movimiento filosófico que trata de fundar el conocimiento de toda realidad sobre la experiencia inmediata de la existencia propia.

Filosóficamente se apoyaron en Sartre y en Nietzsche.

Colombia era una aldea adormilada, dominada por el clero, los académicos y los políticos —amén de la burguesía— por donde no había pasado una idea de vanguardia. Acudimos a un terrorismo verbal para desacreditar esos estamentos por medio de manifiestos, conferencias y actos pánicos, mientras proponíamos una literatura y un arte sin antecedentes en nuestro patio. (Aguilar, 2011, p. 34).

La ola vanguardista permite entender las frustraciones y propuestas frente a la tendencia de guerra y presión primitiva que aún vive la humanidad. El sistema nos ha preparado para la guerra, pero, cuando se es consciente de ello, se puede volver una alternativa y no la única realidad.

Quizás aún nos demoremos para la construcción de otro sistema o no, pero la organización de redes, movimientos, colectivos, grupos permite compartir saberes y dejar la lógica del trabajo como única forma de relación humana. Trascender la opresión el miedo, la represión, las venganzas que se vuelven cadenas familiares, tendencias y repeticiones, por medio de la conciencia, se libera de las emancipaciones las acciones humanas neoliberalistas. Reconocer y recordar los saberes transitados, permite decidir qué tendencia prefiere crear, accionar o repeler.

Este espacio también es la expresión de rechazo, un hechizo a la extinción de la corrupción de la explotación y la muerte por la perduración de un sistema, entender el colapso, también implica la transformación de cada acción, la verdadera representación democrática de cada ciudadano es la determinación constante de cada acción que emprende, desde la más simple. Por eso, es importante comprender que, los seres humanos han habitado el planeta durante más de diez mil años, y en los últimos 400, la destrucción y extinción de especies se podría comparar al periodo Pérmico. Ya en la era Cenozoica, después de la época del Holoceno, durante la civilización moderna de la cristiandad, la lógica que se reproduce es la que conlleva a la muerte. Las palabras “bonitas” como “cristianízate o te mato” causaron también la extinción de miles de sociedades. Descodificar, retornar, 400 años bajo un sistema capitalista que construye tecnología que contiene en su cosmología la reproducción de la destrucción de vida.

En este sentido, hilando esta discusión con la re-territorialización, implica la observación de las direcciones sistémicas, comprendiendo aspectos agroecológicos que permite tomar conocimientos de diferentes pueblos, para la construcción de comunidad, la creación innata humana que permite entender las dinámicas geo territoriales. Una

comunidad en retorno está con construcción de identidad, en el caso de Granada, aunque las festividades religiosas son masivas, pero suscita preguntas y formas de organización. Entender que, para comunidades como el pueblo Misak del Cauca, el tejido de saberes es trascendental en la relación social, es decir, tanto los hombres como mujeres cuidan y enseñan de la cosmovisión del fuego y los sueños, espacio de sabiduría, de conocimiento y comprensión de las situaciones o momentos. El pueblo Misak, del Departamento de Cauca, se ha expandido constituyendo resguardos indígenas en otros 7 departamentos de Colombia. Con la lucha ardua de la comunidad, su legado ha logrado transitar y pertenecer a otros espacios territoriales, compartiendo costumbres y adaptándose a las especificidades del hábitat. Bárbara Altschuler el texto “pensar el territorio desde la *perspectiva semiológica*” comenta que

Dado que el territorio se concibe como la manifestación espacial del poder, fundamentada en relaciones sociales, estas se encuentran determinadas en diferentes grados por acciones y estructuras materiales, y también de sentidos e información, es decir, acciones y estructuras simbólicas (por ejemplo, las fronteras son pensadas como sistemas de información). Esta visión permite pensar procesos de *territorialización*, *des-territorialización* y *re-territorialización*, con base en el grado de accesibilidad a la información. (Altschuler, 2008, p.14).

Otros nombres que se ha dado para transmutar la relación social como “*cuidadanía*” que se le atribuye al ciudadano que es consciente del cuidado propio y el colectivo; tendencia que se nombra en la ciudad de Medellín como estrategia social. En la medida que se adoptan conocimientos, saberes que permitan la relación interna y externa, los territorios van consolidando espacios de protección, ceremonias, rezos y hechizos que van siendo parte del cuidado.

El funcionamiento del sistema económico permite adoptar los aspectos que como individuos se consideran ideales para el cuerpo, la mente y el espíritu. Es preciso entender que, en las dinámicas globales, el funcionamiento institucional tiene intereses particulares. Esta forma de vivir homogénea está sometida a seguir una identidad donde la materia es lo principal. Cuando se vive y se conoce la historia, los movimientos y el funcionamiento de la dinámica económica pueden crear nuevas realidades.

El buen vivir es la concepción de recoger formas de vida donde todas son pertinentes a una realidad y una forma de expresión social: el significado de las medicinas, las danzas, el lenguaje, toda estructura y práctica humana que se relacionan con la cultura. La deshumanización y la invisibilidad a las que ha estado ligada la identidad

latinoamericana, para posteriormente desenterrar y revalorizar las formas de organización social, de pensamiento, de sentir y de actuar, con el fin de presentarlas como formas válidas de estar en el mundo. La medicina tradicional latinoamericana es un ejemplo de los rezagos poderosos que aún habitan en la tierra, escuchar y aprender de estas prácticas también permite más conocimiento de los cambios estacionales, fases lunares y en genera una relación con el espacio donde se habita, lo cual se logra sin los afanes socioeconómicos. La eliminación del monoculturalismo se hace de manera “natural” en el sistema moderno globalizado, ya que se propone un multiculturalismo en el que caben todas las culturas y pensamientos; sin embargo, realmente se mantienen intactas las relaciones jerárquicas de poder, por lo que se asume una mirada paternal frente a las demás culturas: este es un “multiculturalismo liberal” (Soria, 2014).

Una contradicción continua que no permite saltar y esas tendencias, sociales, materiales y patriarcales. Se nombra de este modo porque hay algo que expresar, un sentimiento que va más allá y se comprende al hablar: por eso, aprender de las formas de relación ancestral y practicarlas, es el método para recordar lo que endulzaba la palabra, concientizar la negación hace parte de la deconstrucción, los encuentros de palabra, los encuentros carnavales, las discusiones, esa es la decisión particular al enfrentar las necesidades cotidianas nombradas por una educación alienadora, construir formas de enseñar y aprender, Los métodos de educación desde la participación e integración permite la comprensión y experiencia de los aprendizajes, la informática, el acceso a la información son variables que como sociedad están evolucionando, el interés por consumir tiene que parar, la salud junto, la educación, dejarán de ser un mercado, sino la disposición de construcción de humanidad, consciente de lo que se quiere y no. Porque es el poder de decisión el momento que determina las situaciones. La crisis tiene freno cuando la conciencia del vicio muta.

La educación desde la ecología reconoce las particularidades, más allá de los errores y contradicciones estatales, como la reproducción del modelo primario exportador, los cuales confirman que se trata de seres humanos organizándose en torno a un sistema. Esta investigación evita la fragmentación social, las categorías estructuradas como reubicadas, reasentadas, migrantes, dentro de este texto se toman retornadas, reconociendo la familiaridad del espacio y la configuración social que se vivencia en un tiempo y espacio donde se habita, identificándose con las dinámicas específicas del lugar. Es por ello, que se profundiza en el concepto de retorno, como acción de llegar a un espacio donde se quiere volver para transmutar, esta se representa en la espiral, como forma gráfica de la acción del retorno en la vida humana.

Canción Dentro de la espiral

Dentro de la espiral nacimos y dentro de la espiral nos transformamos, en un camino sin principio ni final, procurando no recordar el hecho que no existimos, sobre la espiral se cruzan nuestros caminos enlazando memorias, sueños y realidades,

en la espiral vamos avanzando cada vez más rápido, cada vez más simple, descubriendo que la vida es tan solo un recuerdo, que se confirma cada instante. Tú, yo, nosotros y ellos todos somos espirales que se entrecruzan formando estructuras plagadas de belleza, dejándonos caer, nos elevamos cada vez más hacia el infinito, caminando sobre el misterio indescifrables de la naturaleza. (Donalson, 2012)

REFERENCIAS

- AGUDELO, Sebastián. Las afectaciones de las represas, Centrales Hidroeléctricas (CH) y Pequeñas Centrales Hidroeléctricas (PCH) en el Oriente Antioqueño, un pequeño recuento. **Corporación Cocorná Consciente**, [s.l.], p. 1-65. 05 nov. 2010.
- ALARCÓN, Arturo. Energía para e futuro. Las hidroeléctricas en Latinoamérica, ¿dónde estamos? y ¿hacia dónde vamos? **Hidropower**, [s.l.], p. 30-95, 11 jun. 2019.
- ALTIERI, Migue; *et al.* La revolución agroecológica de América Latina: rescatar la naturaleza, asegurar la soberanía alimentaria y empoderar al campesino. **ILSA**, [s.l.], 7 dic. 2010, p. 1- 340. Disponible en:
<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/ilsa/130711054327/5.pd>. Consultado: 16 jun. 2020.
- ALTSCHULER, Barbara.; *et al.* Territorio y desarrollo: aportes de la geografía y otras disciplinas para repensarlos. **Theomai**, [s.l.], p. 64 -79, 07 jun 2013.
- ÁLVAREZ, Natalia, Análisis de la amenaza por avenidas torrenciales y movimientos en masa en la cuenca de la quebrada Santa Bárbara – Vahitos. **Revista Universidad de Antioquia**: Granada, v. 13, p. 180 -234, 2020.
- ASOVIDA, **Recuerdo de un pueblo gris que empieza a colorear** [nov 25], Entrevistador: Alejandra Vélez. Granada, Antioquia, 25 nov. 2019. Audio (ca. 120 min).
- BARTRA, Armando. Campesindios. Aproximaciones a los campesinos de un continente colonizado. **Boletín de Antropología Americana**: México, Pan American Institute of Geography and History Stable México, v. 5, n. 44 p. 5-24, dic. 2008. Disponible en:
<http://www.jstor.org/stable/41426470> Consultado el 23 de jun. 2019.
- CANO, Katherine. **Diseño de una metodología de evaluación de impacto ambiental en centrales hidroeléctricas en Colombia**: caso de estudio proyecto El Qimbo. Universidad Católica de Colombia., 2016.
- CASTAÑO, Luis. (org.). **En clave sefardí en el Oriente Antioqueño**. Medellín: E d. Cultura entre Letra: Universidad Pontífice Bolivariana, 2020. v.1.
- CECCON, Eliane. **Revolución verde tragedia de dos actos**, UNAM- Universidad Nacional Autónoma de México. Facultad de Ciencias, v.1, n. 91, p. 21- jul/sep 2008 (s.f.) Disponible en:
http://scifunam.fisica.unam.mx/mir/el/2008_rev_verde.pdf 15 agt. 2020
- CHA, Ana Manuela. **Agronegocio e industria cultural**: Estrategias das empresas para a construação da hegemonia. Sao Paulo: Ed. Expressao Popular. 2018. v. 1
- CHESNEY, Luis. La Concientización de Paulo Freire: **Educación Popular**, Caracas: Ed. Universidad Central de Venezuela. v.9, n.11, p. 51-72. Mar/jun 2010.
- CHILÓN, Eduardo. Revolución Verde. Agricultura y suelos, aportes y controversias. **UMSA**, Bogotá, Carrera de Ingeniería Agronómica v. 3, n. 3: p. 844-859. Sep.–dic. 2017

CNMH. **Memorias de guerra, resistencia y reconstrucción**. Colciencias, Corporación Región: Bogotá, Ministerio de justicia. v. 1, n. 1, nov. 2016.

COLECTIVO MIRADAS CRÍTICAS DEL TERRITORIO DESDE EL FEMINISMO, **Mapeando el cuerpo-territorio**, Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Bogotá, CLACSO, v. 36, n.5, may. 2017.

COLOMBIA. Ley 489 de 1998 y el Decreto 4155 de 2011. **Resolución no. 21(2013)** Por la cual se reglamenta el Programa Familias en su Tierra - FEST el director general del departamento administrativo para la Prosperidad Social.

COLORADO, Jesús Abad. **El testigo**, Colombia, Una exposición para la memoria, serie de fotografías de diferentes momentos y lugares de Colombia. Universidad Jorge Tadeo. agt. 2005

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. **Migración internacional**, derechos humanos y desarrollo 2017. Santiago de Chile, agosto de 2017. Disponible en:
<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/4206>. Acceso el 20 nov. 2019

CORNARE. **Zonificación De Riesgo Por Movimientos En Masa, Inundación y Avenidas Torrenciales**. Atención de áreas afectadas por eventos desastrosos. Nov. 2012. Disponible en:
<http://www.cornare.gov.co/GestionRiesgo/SAN-RAFAEL/Informe-San-Rafael.pdf>, consultado jun 2020.

CORNARE. **Zonificación de la amenaza**, evaluación de la vulnerabilidad y el riesgo en las cabeceras urbanas de los 26 municipios de la jurisdicción de Cornare. convenio Cornare-Gobernación de Antioquia. Rio Negro p. 109, nov. 2014.

CORPORACIÓN MASBOSQUES. **Plan de ordenación y manejo de la cuenca hidrográfica del río Calderas** – área de influencia de la central hidroeléctrica del río Calderas. El Santuario, CORNARE, v. n.1 jul/agt 2009.

CUSICANQUI, Silvia. Ch'ixinakax utxiwa Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. **CLACSO: La paz Bolivia**, v. 16, n, esp., p. 105- 196, 2010.

DEFENSORÍA DEL PUEBLO COLOMBIANO. Análisis y valoración de la política pública de retornos y reubicaciones. **Informe en el marco de la Sentencia T-025 de 2004**, en respuesta al Auto 219/11. 2012. Disponible en:
http://www.defensoria.org.co/red/anexos/pdf/11/desplazados/inf_retornosAgosto2012.pdf. consultado 26 mar. 2022.

DEFENSORÍA DEL PUEBLO COLOMBIANO. **Conceptos básicos en derechos humanos** y obligaciones de los estados. BID. 2022. Disponible en:
https://www.defensoria.gov.co/documents/20123/1647651/glosario_PyD_V9_250722.pdf/5cc87729-560d-f530-6948-ba3644faed08?t=1660750985295 consultado 18 mar. 2022

DONALSON, Ivan. Dentro de la espiral, producción de Mexico. abr. 2014. In: YOUTUBE.

Video (ca 4 min) Disponible en:

<https://www.youtube.com/watch?v=guvIm2w0j20>. Consultado mar. 2021

DUSSEL, Enrique. LANDER, Edgardo (org.) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. **CLACSO**, Buenos Aires. v. 2, n. 4, jun./jul. 2000. Disponible: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/dussel.rtf>. consultado: 18 de mayo 2021

EMANUELLI, Maria Silvia (org). Manual para Juezas y Jueces sobre la Protección de los Derechos de las Campesinas y Campesinos. **Vía campesina**: Huatusco. México, v. 39, Agt. 2013. Disponible en:

<https://viacampesina.org/es/manual-para-juezas-y-jueces-sobre-la-proteccion-de-los-derechos-de-las-campesinas-y-campesinos/>. Consultado 15 jun. 2020

ENDESA. **Centrales hidroeléctricas**. Producción por hidroeléctricas en Colombia. Bogotá DC: Endesa Educa, v.1, n.1, 2017. Disponible en:

http://www.endesaeduca.com/Endesa_educa/recursos-interactivos/produccionde-electricidad/xi.-las-centrales-hidroelectricas. Consultado 2020

ESCOBAR, Arturo. **Más allá del desarrollo: postdesarrollo** y transiciones hacia el pluriverso. Revista de Antropología Social, 2012. University of North Carolina at Chapel Hill, Estados Unidos, p. 235, 2012.

ESCUELA ITINERANTE DE BIOREGIÓN. Manual de Permacultura [s.l.]. Chile: Valle Maipo. Fondo de protección ambiental, v. 12, n. abr. 2014

ESPINOSA, Sebastián. **Identidad y otredad** en la teoría decolonial de Aníbal Quijano UNAL- Valle, Universidad Nacional de Colombia, p. 173, sep. 2014.

ESPINOSA, Y.; GÓMEZ, D.; OCHOA, K. **Tejiendo de otro modo**: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Editorial Universidad del Cauca: Popayán, 2014

FERNANDES, Bernardo. *et al.* (org.). Texto Crítico do Trabalho Acadêmico. Construindo um estilo de pensamento na questão agraria o debate paradigmático e o conhecimento. Presidente Prudente: **Universidade Estadual Paulista**; Brasil: Expressão Popular 2013. P. 1- 60

FERNANDES, Bernardo. **Territorios, teoría y política**. Cómo pensar la geografía. Editorial Itaca: Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana, v.3, n. 2 p. 35-66. 2018.

GARZÓN, M. Angélica. Recordando vidas, imaginando territorios. **Revista de antropología y sociología: Virajes**, Bogotá, Colombia v. 2, n. 11 pp. 157-174, ene./dic. 2009.

GARZÓN, M. Angélica. Ampliando el campo. Estado de la cuestión de la literatura dedicada al retorno de población en situación de desplazamiento. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, v. 25, n. 42. Colombia, 2011.

GAVILÁN, Víctor. **El pensamiento en espiral**, el paradigma de los pueblos indígenas

Ñuke Mapufoleage. Mapu: Santiago de Chile, v. 1, n. 3, agt. 2011.

GIARRACA, Norma. ¿Una Nueva Ruralidad En América Latina? Colección Grupos de Trabajo de **CLACSO**, Desarrollo Rural. Buenos Aires, Argentina. v. 58, n. 4. May. 2001

GÓMEZ, C. GARCÍA C. Floricultoras en el oriente antioqueño. **Escuela Nacional Sindical**. Medellín. v. 1, n. 5, dic. 2013.

GÓMEZ, Hernán. Desplazamiento y tierras en el marco de la política de justicia y paz en Colombia. **Revista Diálogos de Saberes**: Colombia Ministerio de la verdad y justicia. dic. 15 del 20011.

GROSFOGUEL, Ramon. Pensar el mundo desde la vida, **Vicepresidencia Bolivia**: Auditorio del banco central de Bolivia. La paz, 21 dic. 2020. In: YOUTUBE (ca. 47 min) Disponible en:
<https://www.youtube.com/watch?v=VzesiNci184>. Consultado en jun. 2020.

GUEVARA, Ricardo. Reinsertados y desmovilizados. **América Latina en Movimiento**. Valle del Cauca, Colombia, feb. 2009. Disponible en:
<https://www.alainet.org/es/active/15519> Consultado en 11 de ene. 2019

HAESBAERT, Rogério. Del Mito de la Desterritorialización a la Multiterritorialidad. **Cultura representaciones**. Rio de Janeiro, Brasil V. 8, n. 15. 2013.

HARVEY, David. **El enigma del capital y las crisis del capitalismo**. Ediciones Akal, S. A., Humanes: Madrid. 2012

HERNÁNDEZ, Carlos. **Análisis ambiental de las grandes centrales hidroeléctricas de Colombia**, 2011 Facultad de Ingeniería. Universidad De La Salle. Bogotá, 2011. Disponible en:
<http://repository.lasalle.edu.co/bitstream/handle/10185/14037/T41.11%20H430a.pdf?sequence=2>. Consultado en 20 jun 2020.

INSTITUTO COLOMBIANO DE ANTROPOLOGÍA E HISTORIA. **Elementos para la conceptualización de lo “campesino” en Colombia**. Documento técnico. (2018). Ed. ICANH Disponible en:
<https://publicaciones.icanh.gov.co/index.php/picanh/catalog/book/33>

INTERNAL DISPLACEMENT MONITORING CENTRE: **La migración**, Portal de datos mundiales. Bogotá. 10 jun 2019 Disponible en:
https://migrationdataportal.org/es?i=idp_flow_conflict&t=2010. Consultado 15 may 2020.

INTERNATIONAL HYDROPOWER ASSOCIATION, Bogotá DC: Power Resources Office, v. 16, n. 15. Jul. 2005. Disponible en:
<https://www.usbr.gov/power/edu/pamphlet.pdf>. Consultado 10 de agt. 2020.

INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN DE RECURSOS BIOLÓGICOS ALEXANDER VON HUMBOLDT. **Dilemas por el uso de energía hidroeléctrica**. Bogotá v.12. n. 7, p 405. 2015.

- KATZ, Claudio. La tecnología como fuerza productiva social: implicaciones de una caracterización. **Quipú**, México, v. 12, n 3. 1999.
- KANT, Emmanuel (org.). Filosofía de la Historia, **Fondo de Cultura Económica**. Madrid. v. 5, n, 23, p 25-37 2000.
- MARIN, Edgar. **Aproximaciones arqueológicas para el Oriente Antioqueño**, Medellín: Ed. Universidad de Antioquía. sep. 2013.
- MONTES, Sebastián. Las plantas hidroeléctricas representan 68% de la oferta energética en Colombia. **Revista República**: Medellín, ACA. v.68, n. 15. 19 de feb /mar, 2019.
- NATIONAL GEOGRAPHIC. **Energía hidroeléctrica**. Intensificación de las precipitaciones. Medio ambiente, Jul. 2017, Disponible en: <http://www.nationalgeographic.es/medio-ambiente/2017/07/la-intensificacion-de-las-precipitaciones-provocara-un-aumento-de-la> Consultado 2021.
- OCAMPO, Javier, **Mitos y leyendas de Antioquia la grande**, Editorial Colombia ISBN 958140353-1. Colombia. 2001.
- OCHOA, Karina. Descifrando nuestros cuerpos racializados. **FAIA**: México, Escuela de pensamiento radical. Revista. v. 6, n.29. may. 2017.
- ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAD. **Desplazados en todo el mundo se dobla en apenas diez años**. Cifras NEWS, may./jun. 2020. Disponible en <https://news.un.org/es/story/2020/06/1476202> 22-03-2021. Consultado 2021.
- ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA AGRICULTURA Y LA ALIMENTACIÓN. **Vías Para La Sostenibilidad**, Chile, 10 may. 2013. Disponible en: <http://www.fao.org/3/ar591s/ar591s.pdf>. Consultado 11 nov. 2021
- OSORIO, Cesar. **La Consulta popular ante los impactos ambientales de la construcción de Proyectos Hidroeléctricos en Colombia**. Estudio del Caso de la hidroeléctrica El Quimbo. Colciencias, facultad de derecho Universidad Católica de Colombia, v. 1 n. 2, sep. 2010.
- OSPINA, William. **La lampara maravillosa**. Bogotá: Ed. Popular, Colombia. p. 231. Marzo 2013
- PALACIOS, Sofia. **Inventario Documentado de represas en Colombia**. Bogotá, 2013, Universidad Militar Nueva Granada, Programa de Ingeniería Civil Bogotá. D.C, p, 145, 2013.
- PARDO, Ricardo (org.). **Encuesta de Calidad de Vida –ECV- de 2015 DANE**, Bogotá, Colombia. 2017.
- PÉREZ, Josep. Determinación del espacio geográfico a partir de los procesos sociales: la sierra de enguera. **Instituto Interuniversitario de Geografía**: Universidad de Alicante Investigaciones Geográficas, p. 99- 30 de octubre de 2010.

PÉREZ, E.; QUIJANO, M. **Los modelos de desarrollo y las funciones del medio rural en Colombia**. Cuadernos de Desarrollo Rural, Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia 2002.

QUINTERO, Angela. **Poema campesino fiel y honrado**: Familias en Su Tierra. Granada, 2018. Video.

RANGEL-CH, Orlando., **La biodiversidad de Colombia**. Facultad de Ciencias Humanas - Universidad Nacional de Colombia. 2018.

RODRIGUES, Saúl. **Campesino** poema de Colombia. 20 abr.2012. In: YOUTUBE (ca 3. min). Disponible en:
<https://www.youtube.com/watch?v=aI39nZzSKdU>. Acceso jul. 2021

RUBIO, Blanca, **Explotados y Excluidos. Los campesinos latinoamericanos en la fase agroexportadora neoliberal**. México: Universidad Nacional de México. nov. 2018.
 SANTOS, Milton. **Natureza do Espaço** Técnica, Razão e Emoção:. São Paulo:: Ed. Unesp. v.4 n.2 1926. 2001.

SEMILLAS. **Impactos sobre la agricultura y la economía campesina**. Bogotá DC.v.3, p. 1- 130. 2009.

STULIN, Daniel. **Los secretos del Club Bilderbeng**, Estados Unidos: Ed. Planeta, 2010.

TOBASURA, Isaías. Las luchas campesinas en Colombia en los albores del siglo XXI: de la frustración a la esperanza, **CLACSO - OSAL**, Observatorio Social de América Latina, Buenos Aires, Argentina. v, 1, no. 16, ene/abr 2005.

TOLEDO, Célia. **Discutiendo identidades**. Associação Editorial Humanista, CERU 2006 [s.l.], Sao Paulo. p. 230. jun. 2006.

TORO, Mónica. Oriente antioqueño, clave en la generación de energía eléctrica. **EL MUNDO**. 2016, n. 8852, [s.l.] 29 abr. 2016.

TOUSSAINT, Jean François. (org.). Evolución Geológica de Colombia. **Instituto Geográfico Agustín Codazzi**. Bogotá, v. 15, p. 162, 1993

UNITED STATES GEOLOGICAL SURVEY, **Representación gráfica de la historia de la Tierra** en forma de espiral ascendente, Gobierno de España. Instituto Geográfico Nacional 2021

UNIDAD DE PLANEACIÓN MINERO ENERGÉTICA (Colombia), **Mapa Energético de Colombia 2019 2050**, Bogotá, mayo 2019

URIBE, Diana. Entrevista Procesos de paz en el mundo, Bogotá. May. 2016 v. 18, n.1, nov 2020 In: YOUTUBE 16. **Feria del Libro Bogotá**. Video (ca. 60 min) Disponible en:
<https://www.youtube.com/watch?v=mxfv8iNgWZo>

VELASCO, Edgar *et al.* **Poemas del territorio MISAK**. (2017) Silvia Cauca. Entrevistador: Yudy Alejandra Vélez, Bogotá DC. 20029. Texto a mano (520 p.).

ANEXO A- METODOLOGÍA FEST

Este apartado es un resumen de las actividades realizadas en el programa “Familias en su Tierra” durante el año 2018. En el presente se generaliza las guías técnicas y metodológicas que se implementaron durante el año mencionado con la población retornada, resaltando los participantes de las veredas aledañas al río San Matías. Es importante precisar que la presente investigación, tomó esta experiencia como estrategias de acercamiento a la población, tomando las experiencias particulares nombradas de manera personal por la población atendida.

En este sentido, La Metodología FEST se fundamenta en diferentes temáticas, las cuales se desarrollaron en encuentros comunitarios, visitas al hogar y talleres de formación, los cuales direccionaban las acciones e intervenciones en el cumplimiento de los objetivos. Es por esto, que el presente texto, muestra de manera general el rol de las y los promotores de cada área, es decir, Seguridad Alimentaria, mejoramiento de vivienda, componente social y productivo, en este ultimo fue el componente que como promotora e investigadora desarrollé. También es importante reconocer que el hacer parte de este programa, sin duda alguna abrió la prospección para el desarrollo rural y al mismo tiempo motivó la formación e investigación.

Desarrollo metodológico del programa FEST.

Socialización del programa, diagnóstico territorial participativo DTP y reconocimiento de las condiciones de vivienda y seguridad alimentaria (La realiza el gestor Social, gestor de Seguridad Alimentaria, gestor de proyecto productivo y vivir mi casa).

Esta sesión es el primer encuentro de formación que tienen los hogares vinculados en el programa, por tanto tiene tres propósitos fundamentales. El primero es socializar con mayor detalle el programa y sus componentes, el segundo es que los hogares reconozcan las condiciones actuales entorno a su hábitat-habitabilidad y seguridad alimentaria y el tercero es realizar una actividad inicial del diagnóstico territorial participativo (DTP) que busca identificar los activos de la comunidad, problemáticas y afectaciones, en especial en el ámbito social.

Objetivo General

Realizar la socialización del programa FEST e iniciar el levantamiento del Diagnóstico territorial participativo, así como dar lineamientos para el establecimiento de la huerta comunitaria.

Objetivos específicos.

1. Socialización de cada uno de los componentes del programa (Fortalecimiento social y comunitario, seguridad alimentaria, Vivir Mi Casa y Proyecto Productivo).
2. Facilitar en los participantes la identificación de las principales problemáticas y afectaciones generadas a partir del conflicto armado en las zonas de intervención, mediante metodología de mapa parlante.
3. Identificar las condiciones de seguridad alimentaria por medio del Diagnostico Territorial Participativo.
4. Dar lineamientos para el establecimiento de la huerta comunitaria.
5. Dar a conocer los tipos de huertas caseras.
6. Realizar un ejercicio de comunicación de los contenidos de los Planes de Inversión (PI) para los componentes de seguridad alimentaria y vivir mi casa.

Recomendaciones

- Recuérdeles a los participantes que el equipo de gestores está comprometido en apoyarlos en el proceso de su estabilización socioeconómica, pero que para lograr que el programa funcione ellos deben estar comprometidos con su propio proceso.
- Comuníquese de la forma más simple con los participantes, debe estar atento y disponible a resolver dudas que surjan alrededor de los temas presentados.
- Involucre al participante en las actividades teóricas/prácticas y de aprender/haciendo, de tal forma que le permita un óptimo desarrollo en las actividades del programa.
- Haga uso de las cartulinas o el papel periódico y los marcadores para exponer cada uno de los temas que se presenten durante el encuentro, esto con el objetivo de que los asistentes puedan entender la información con mayor facilidad.
- Tenga en cuenta que para aspectos difíciles de dibujar, es posible incluirlos a modo de palabras en el mismo pliego, fuera del mapa.
- En estas actividades los gestores tendrán que apoyarse de manera conjunta, tanto en la primera parte de la socialización como en el desarrollo de las actividades que les corresponden a cada componente.
- Promueva la reflexión de los participantes desde lo comunitario, para que se piensen como colectivo, más que desde lo individual y la particularidad de las problemáticas, activos y afectaciones.
- Recuerde que el tema de afectaciones es muy emotivo, así que procure generar un ambiente de confianza y empatía con los participantes buscando el éxito de la actividad.

- Procure facilitar la sesión sin influir en la discusión, entendiendo que son los participantes quienes deben ser los protagonistas de la actividad.
- Procure imprimir el croquis de la zona (corregimiento, vereda, resguardos indígena) donde se realiza el mapa, estas puede conseguirlas en la secretaria de planeación de los municipios, google maps o en la federación de cafeteros (en los casos de no poder imprimir en grande, haga un croquis a mano alzada).
- Si trabaja con comunidades étnicas que hablan otra lengua, deberá contar con uno o dos traductores a quienes previamente preparará con el material para que pueda traducir el ejercicio.
- Promueva la referenciación del municipio donde residen, en caso de comunidades étnicas con territorio colectivo, que este sea referenciado.

Conceptos

Los siguientes conceptos serán utilizados en el desarrollo de la sesión. Es necesario tener claridad de ellos para poder darlos a conocer a los participantes de la forma correcta, para incentivar la apropiación de éstos, se utilizaran los mensajes relevantes citados en la ficha técnica.

Acceso alimentario: es la posibilidad de todas las personas de alcanzar una alimentación adecuada y sostenible. Se refiere a los alimentos que puede obtener o comprar una familia, una comunidad o un país. Sus determinantes básicos son el nivel de ingresos, la condición de vulnerabilidad, las condiciones socio- geográficas, la distribución de ingresos y activos (monetarios y no monetarios) y los precios de los alimentos.

Afectaciones: Las afectaciones hacen referencia a aquellos daños individuales y/o colectivos que alteran e impactan la identidad y programa colectivo, la calidad de vida y el goce efectivo de los derechos civiles y políticos de la comunidad o grupos sociales. En este contexto, los daños individuales son aquellos causados a la víctima, familiares o personas cercanas, en términos materiales e inmateriales, como lesiones físicas, emocionales, mentales, daños a la moral, al buen nombre, al programa de vida. Los daños colectivos, por su parte relacionados con la pérdida o transformación abrupta de los valores simbólicos o socioculturales que las comunidades, grupos poblacionales y sectores sociales asocian con su identidad colectiva.

Diagnóstico Territorial Participativo –DTP-: El diagnóstico territorial

participativo es una herramienta metodológica, la cual se elabora conjuntamente con la comunidad, permitiendo el análisis del pasado y el presente, identificando afectaciones y problemáticas en el marco de su situación como víctima del conflicto armado, reconociendo sus espacios vitales, áreas de desarrollo, ubicación de hechos sociales, económicos, políticos, culturales y de los aspectos físicos del territorio, visualizando no solo las dificultades, sino también las potencialidades y oportunidades para concentrar, planificar y orientar las actividades de los diferentes componentes. Dentro de las diferentes técnicas de recolección de información se incluye la representación gráfica (mapas), la matriz de afectaciones, árbol de problemas y de soluciones.

Continúe presentado el **objetivo general del programa** “Contribuir a la estabilización socio-económica de los hogares víctimas de desplazamiento forzado, retornados o reubicados, a través de una intervención integral que incluye el fortalecimiento de las capacidades en los hogares participantes para la integración social y comunitaria, la seguridad alimentaria, mejoramiento de las condiciones de la vivienda y la generación o fortalecimiento de proyectos productivos”.

Identidad colectiva: este concepto está relacionado con el sentido de pertenencia a un grupo social con el cual se comparten rasgos culturales, tales como costumbres, valores y creencias. De este modo, es importante entenderlo no un concepto fijo, sino como un elemento que se recrea individual y colectivamente, y se alimenta continuamente de la influencia exterior. La identidad de un pueblo viene definida históricamente a través de múltiples aspectos en los que se plasma su cultura como la lengua, relaciones sociales, ritos y ceremonias propias, comportamientos colectivos, sistemas de valores, creencias o hitos históricos significativos³.

Objetivos de los componentes:

- Seguridad alimentaria: contribuir al acceso de alimentos para autoconsumo a través de huertas caseras.
- Vivir mi casa: contribuir al mejoramiento de las condiciones de la vivienda y del entorno.
- Proyecto productivo: contribuir a la generación de ingresos a través de la creación o fortalecimiento de una unidad productiva.

- Fortalecimiento del capital humano y social: Contribuir al fortalecimiento de las capacidades humanas, técnicas y sociales y al fortalecimiento del tejido social y comunitario.

Es importante resaltar que la implementación de los componentes enunciados anteriormente se realiza de manera articulada y simultánea durante la ejecución del Programa.

Especifique a los participantes que el Programa contempla la entrega de incentivos monetarios condicionados, de la siguiente manera:

- \$1.400.000 en efectivo para mejorar su vivienda.
- Insumos y materiales para la huerta casera valorados en \$433.000.
- \$2.600.000 en efectivo para apoyar o fortalecer un proyecto productivo.
- Bolsa de recursos para la implementación de un proyecto comunitario.

Aclare que los incentivos se entregan al hogar, previo cumplimiento de las actividades previstas en cada uno de los componentes del Programa.

Recuerde que el participante (titular del hogar) que se vinculó al Programa

Familias en su Tierra – FEST se compromete a cumplir con lo siguiente:

- Participar y cumplir con lo previsto en los encuentros, visitas de acompañamiento y demás actividades planeadas en cada uno de los componentes.
- Cumplir con las actividades y requisitos previstos para la entrega de los incentivos económicos condicionados.
- Destinar los incentivos económicos condicionados exclusivamente para la finalidad prevista en cada uno de los componentes e invertirlos de acuerdo a lo establecido en los respectivos planes de inversión.
- Brindar información veraz y oportuna sobre sus datos personales, su núcleo de hogar y su ubicación a Prosperidad Social y/o a la Entidad Implementadora del Programa. De igual manera, debe reportar oportunamente cualquier actualización sobre la misma.

Seguido a la presentación del objetivo del programa, proceda a explicar el proceso

de acompañamiento que se realiza a los hogares en el programa. Precisen que por cada grupo de gestores (Seguridad alimentaria, Vivir Mi Casa, proyecto productivo y social-comunitario) se asignan 80 hogares participantes, y el proceso de intervención se realiza a través de diferentes espacios como: hogares participantes, en los cuales se abordan las temáticas de los componentes y se brindan los insumos necesarios que permitan el logro de los objetivos del programa, cada encuentro se desarrolla en 6 horas aproximadamente.

Visitas de acompañamiento son los espacios de acompañamiento y seguimiento realizados por los gestores de los diferentes componentes, a los participantes en sus hogares, con el fin de fortalecer capacidades en los miembros del hogar y complementar y reforzar los temas desarrollados en los encuentros. Estas visitas se realizan de manera concertada con el hogar y tienen una duración de aproximadamente dos (2) horas por hogar.

Los Comités de Control Social FEST son espacios de participación a través de los cuales se busca facilitar el encuentro entre los líderes de los hogares participantes y Prosperidad Social, con el fin de socializar, retroalimentar y hacer seguimiento y monitoreo a las actividades y compromisos del Programa, así como la labor del socio implementador.

Las Jornadas de Integración Comunitaria: Son un espacio que propicia la participación e integración de los hogares participantes del Programa y sus comunidades. En el marco de estas jornadas se promueve el desarrollo de actividades de carácter cultural, comunitario, productivo y/o ambiental. Así mismo, estas jornadas permiten identificar, formular e implementar un proyecto, que beneficie a toda la comunidad.

Componente de fortalecimiento del capital humano y social: Este componente busca contribuir a fortalecer capacidades humanas, y socio empresariales. Así mismo busca la reconstrucción del tejido social en los territorios de intervención de FEST. La implementación de este componente se realiza de manera transversal durante toda la ejecución del Programa.

Para esto se han planeado realizar encuentros y visitas de acompañamiento técnico para fortalecer capacidades en temáticas como: toma de decisiones, trabajo en equipo, resolución de conflictos, participación comunitaria, comunicación, entre otros. Adicionalmente, se conforman los comités de control social y se acompaña la construcción de un plan de vida familiar.

Las principales actividades que se implementarán durante la ejecución del componente:

- Plan de Vida del Hogar
- Talleres de formación en liderazgo
- Jornadas de integración Comunitarias
- Proyectos Comunitarios
- Plan de Gestión Comunitario

Componente de seguridad alimentaria

- Diagnóstico del componente
- Plan de Inversión por hogar y comunitario
- Implementación de Huerta casera
- Implementación Huerta comunitaria
- Ferias agroalimentarias

A continuación presentan los objetivos específicos del componente de seguridad alimentaria:

Realizar diagnóstico de las características de seguridad alimentaria de los hogares.

- Formular un plan de inversión de seguridad alimentaria por hogar.
- Establecer huertas comunitarias que permitan el aprendizaje de los participantes desde la práctica.
- Realizar la entrega del incentivo en especie para la implementación de la huerta casera por hogar.
- Implementar huertas caseras por hogar.
- Capacitar los hogares en temas de seguridad alimentaria.
- Brindar acompañamiento técnico para la implementación de la huerta casera por hogar.

El gestor de seguridad alimentaria manifiesta a los participantes que el Componente de Seguridad Alimentaria busca promover el acceso de alimentos para autoconsumo a través de la implementación de huertas caseras. De igual manera, en este componente busca fortalecer capacidades en los miembros del hogar en temas relacionados con la elaboración de

biopreparados, agroecología y cambio climático, manejo de cosecha y postcosecha, el mejoramiento de los hábitos saludables y alimentarios, conservación, higiene y manipulación de alimentos, entre otros.

Componente de vivir mi casa: Como información adicional y en forma de aclaración, debe explicar que este componente, además de lo presentado anteriormente, tiene también el objetivo de generar ejercicios que permitan, con el diagnóstico previo de cada espacio físico de las viviendas, escenarios propios de intervenciones mixtas, entendidas de la siguiente manera:

- Vivir mi casa – Seguridad Alimentaria: Definición, identificación y diseño de áreas dentro y fuera de la vivienda para implementación de Huertas.
- Vivir mi casa – Proyecto Productivo: Diagnostico de la vivienda como escenario del desarrollo de ideas de negocio, programas productivos agropecuarios, en implementación o fortalecimiento (tienda, almacén, taller, punto de comercialización, producción de especies menores), esto permite diseñar un plan de desarrollo en mejoras de la vivienda y la habitabilidad en los hogares, logrando auto-sostenibilidad en este propósito.
- Vivir mi casa – Social Comunitario: Realizar el acompañamiento técnico de la línea de intervención de vivir mi casa en articulación el acompañamiento social y comunitario en la identificación de roles hogares, habilidades y destrezas de cada integrante del hogar, para crear una ruta que permita luego de la intervención, una cultura individual y comunitaria de permanente superación y mejora de sus condiciones de hábitat, habitabilidad y vida. El acompañamiento social se evidencia cuando se logran implementar hábitos saludables que se obtienen con buenas condiciones de salubridad en la vivienda (suministro de agua, disposición de excretas y basuras, ventilación, iluminación y la disminución del hacinamiento) en hogar y la comunidad.

Componente de proyecto productivo

Se finaliza la actividad con la intervención del gestor de proyecto productivo, quien presenta el objetivo general y específicos del componente, el número de encuentros y vistas que se desarrollan, valor del incentivo por hogar \$2.600.000 en efectivo y las acciones a desarrollar como:

- ✓ Diagnóstico del componente-Perfil Socio Productivo
- ✓ Plan de inversión por hogar
- ✓ Implementación de Proyecto Productivo
- ✓ Ferias de proveeduría
- ✓ Mercados campesinos

A continuación, presentan los objetivos específicos del componente de proyecto productivo:

- Identificar el perfil productivo a través de las herramientas de diagnóstico y caracterización del programa para asesorar a los hogares en la implementación o fortalecimiento de un proyecto productivo.
- Proveer competencias y habilidades empresariales a los hogares participantes, mediante encuentros de formación, para la buena implementación y/o fortalecimiento del proyecto productivo.
- Asesorar la puesta en marcha o implementación de un proyecto productivo mediante las visitas domiciliarias.
- Realizar el seguimiento al adecuado uso de los recursos de capitalización del plan de inversión.

El Reconocimiento de Capacidades y Fortalecimiento de Habilidades: Que en la práctica se desarrolla en el diagnóstico productivo, visitas (10), encuentros (10), capacitaciones complementarias (a través del SENA, UMATAS, CORPORACIONES, etc.), Implementar lo aprendido y la participación en los mercados Campesinos.

Y a través de la capitalización de las unidades productivas para lo que debemos definir cuáles de las fuentes de ingresos con que cuenta la familia se va a mejorar (fortalecimiento), o que de mis conocimientos y habilidades u oportunidades del territorio voy a poner a producir (Emprendimiento): en la práctica se desarrollará a través de la definición del plan de inversión (\$2.600.000), participar en las ferias de proveeduría, participar en la dispersión, seguimiento (visitas) y finalmente a través del ahorro y la reinversión.

Al finalizar el **componente productivo** queremos lograr en las familias:

- Incrementar los ingresos (nuestro objetivo principal)

- Que en las tareas del negocio se involucre todos los miembros de la familia (roles), teniendo en cuenta sus propias habilidades.
- Llevar cuentas y tomar decisiones entorno a la resultados obtenidos en un periodo de tiempo
- Mejorar las condiciones productivas (que incluye la utilización de mejor tecnología, seguridad industrial, mejores espacios, etc.)
- Aplicar los conceptos de mercadeo y atención al cliente.
- Reinvertir y ahorrar, como la base para que la unidad productiva permanezca y crezca, además de apalancar otras ideas de la familia.

Finalice la socialización del Programa y los compontes recordando los compromisos de los hogares participantes, firmados en el acta de compromiso y los criterios de retiro.

A continuación, el gestor de seguridad alimentaria inicia su intervención frente a los temas relacionados al componente: Dimensiones de la seguridad alimentaria.

La seguridad alimentaria supone el cumplimiento de cuatro condiciones o “dimensiones” interrelacionadas: a) la “disponibilidad” o existencia de cantidades suficientes de alimentos de calidad adecuada para todos los habitantes; b) el “acceso”, entendido como el acceso de las personas a los derechos y recursos necesarios para adquirir alimentos apropiados, nutritivos y acordes con su cultura; c) las condiciones que aseguren la “utilización” biológica de los alimentos, para lograr un estado de bienestar nutricional en el que se satisfagan las necesidades fisiológicas; y d) la “estabilidad” tanto en la disponibilidad como en el acceso a alimentos adecuados en todo momento.

Después de que el gestor socializa a los participantes las cuatro dimensiones de la seguridad alimentaria, este presentara la relación que existe entre el hambre, la malnutrición, la pobreza y la inseguridad alimentaria. Teniendo en cuenta lo siguiente: Es importante entender cómo estos conceptos están relacionados con la inseguridad alimentaria.

El hambre se entiende normalmente como una sensación incómoda o dolorosa causada por no ingerir en un determinado momento suficiente energía a través de los alimentos. El término científico para el hambre es privación de alimentos. En términos sencillos, todos los que padecen de hambre sufren de inseguridad alimentaria, pero no todos los afectados por la inseguridad alimentaria sufren de hambre, pues existen otras causas de inseguridad alimentaria, incluidas la ingesta insuficiente de micronutrientes.

La malnutrición resulta de deficiencias, excesos o desequilibrios en el consumo de macro o micronutrientes. La malnutrición pueda ser un resultado de la inseguridad alimentaria, o puede estar relacionada con factores no alimentarios, como prácticas inadecuadas de cuidado de los niños, servicios de salud insuficientes o un medio ambiente insalubre.

Aunque la pobreza es indudablemente una causa de hambre, la falta de una nutrición suficiente y apropiada es, a su vez, una de las causas subyacentes de la pobreza. Una definición de la pobreza de amplia aplicación en la actualidad es:

La pobreza engloba diversas dimensiones de privación relacionadas con necesidades humanas como el consumo alimentario, salud, educación, derechos, voz, seguridad, dignidad y trabajo decente. – OCDE (2009).

Es importante que el gestor de seguridad alimentaria resalte la importancia que tiene el componente en el mejoramiento de la calidad de vida de las familias, ya que si no hay producción e ingesta de alimentos adecuados y nutritivos, eso derivara en un poco desarrollo físico y cognitivo de los integrantes de la familia principalmente los niños, al haber poco desarrollo esto generara baja productividad, y si no hay productividad y generación de ingresos, seguirán siendo familias vulnerables y dependientes.

Lineamientos básicos para las huertas caseras y comunitarias, (30 minutos)

El gestor de seguridad alimentaria presentará a los participantes que en la V convocatoria del programa FEST, se proponen la implementación de 5 tipos de huertas caseras, las cuales se describen a continuación.

También comenta que cada una de las opciones de huertas caseras se proponen teniendo en cuenta la disponibilidad de espacio con el que cuentan las familias para realizar la implementación de las huertas caseras. De acuerdo a lo anterior y el trabajo a realizar conjuntamente entre el gestor de seguridad alimentaria y cada uno de los hogares, se seleccionaran los insumos para la puesta en marcha de las huertas caseras, dichos insumos se relacionaran en un plan de inversión (PI), lo cual será la línea base para la realización de las compras y las respectivas entregas.

Figura 17 Plan de huerta pan coger

1. Establecimiento de la huerta	•(Familias ubicadas en sectores rurales con disponibilidad de áreas suficientes para la implementación de la huerta casera).
2. Establecimiento de huerta y pancoger	•(Familias ubicadas en sectores rurales con disponibilidad de áreas suficientes para la implementación de la huerta casera y un lote para cultivos de pan coger.)
3. Establecimiento de huerta vertical	•(Familias ubicadas en cabeceras de los corregimientos, centros poblados, cascos urbanos o sectores rurales sin disponibilidad de áreas suficientes para la implementación de la huerta casera, pero con disponibilidad de aprovechamiento de algunos espacios de la vivienda).
4. Fortalecimiento de la huerta.	•(Familias que ya tienen establecida la huerta y solamente requieren del fortalecimiento de la misma).
5. Fortalecimiento de huerta y pancoger	•(Familias que tiene establecida su huerta y el lote de pan coger y solo requieren de fortalecimiento)

Fuente: (FEST, 2018)

La huerta comunitaria., es un espacio que busca facilitar en las familias y la comunidad el aprendizaje o fortalecimiento de hábitos nutricionales a partir de técnicas de producción de alimentos, desde un espacio de integración comunitaria donde se reconozcan saberes, experiencias y tradiciones de las comunidades. El establecimiento de las huertas comunitarias busca explicar de manera teórica y práctica a los participantes la forma más adecuada de cómo se debe establecer y manejar la huerta casera, dependiendo los tipos de huertas caseras propuestos. A demás de la producción la huerta tiene como objetivo generar arraigo de los hogares retornados y reubicados respecto a su entorno, la huerta comunitaria busca crear interacciones a nivel de familia y comunidad, fortaleciendo el tejido social y mejorar las relaciones entre los participantes FEST y los diferentes vínculos con las comunidades receptoras. Se establecerá una huerta comunitaria por cada 40 hogares o grupo de formación. Como primer paso dentro de las actividades se encuentra, la identificación de los posibles sitios donde se establecerá la huerta comunitaria, para ello es importante que el gestor deje como tarea para el encuentro No 2, la identificación de dicho lugar. Sin embargo es necesario aclarar que:

Para la selección del sitio, se evaluarán los siguientes criterios generando una puntuación y su final selección.

Figura 18 Planos para la huerta comunitaria

No.	CRITERIO	CONCEPTO	FORMA DE CALIFICAR	CALIFICACIÓN	PONDERACIÓN	PUNTUACIÓN
1	Tipo de propiedad de la huerta.	Espacio comunitario o predio privado de un participante FEST.	1: Escuela, colegio, hogar ICBF o ancianato; 0,8: Junta de acción comunal; 0,5: otro espacio comunitario; 0: área privada.		20%	0
2	Área disponible para la instalación de la huerta.	Área en m ² disponibles para la huerta.	1: 200m ² o más; 0,7: 100m ² a 200m ² ; 0,3: 50m ² a 100m ² ; 0: menos de 50m.		10%	0
3	Disponibilidad de agua en el sitio para el riego.	Frecuencia en la provisión de agua.	1: disponibilidad de regadío diario; 0,5: requiere algunas inversiones o trabajos; 0: son costosas las inversiones para regadío diario (más de la mitad del incentivo).		20%	0
4	El terreno es fértil y apto para la siembra.	Aptitud del suelo según prueba de calicata para medir su profundidad.	1: el suelo tiene una profundidad mayor a 60cm; 0,5: entre 20cm y 60cm; 0: profundidad menor a 20cm.		15%	0
5	Condiciones de pendiente y drenaje del terreno	Condiciones del suelo.	1: el suelo tiene una pendiente inferior a 30° y buen drenaje; 0,5: pendiente entre 30° y 40°; 0: pendiente superior a 45° o área inundable.		10%	0
6	Disponibilidad de un sitio para almacenaje	El sitio cuenta con un área segura para guardar implementos?	1: Si cuenta con área para almacenamiento; 0,5: se pueden guardar en un sitio cercano; 0: no cuenta.		10%	0
7	El área se encuentra protegida por una cerca que impida el ingreso de animales.	El área ya está cercada.	1: Si está cercada; 0,5: cercada en más del 50% del perímetro; 0: no está cercada.		5%	0
8	La instalación y/o mantenimiento de la huerta cuenta con el apoyo de otra entidad (Umatá, Sama, Sena...).	Articulación interinstitucional.	1: cuenta con apoyo en recursos y asistencia; 0,5: cuenta con asistencia técnica; 0: no tiene apoyo de otra entidad.		10%	0
TOTAL					100%	0

Fuente: FEST. (2018)

El líder de seguridad alimentaria deberá realizar el proceso de formación en liderazgo el cual se realizará a través de 5 formaciones las cuales se realizarán durante el desarrollo de la intervención y tendrán lugar en la cabecera municipal y buscan fortalecer capacidades y habilidades que favorezcan el ejercicio de gestión y participación en las comunidades. Por lo anterior es importante que las personas postuladas como líderes de seguridad alimentaria sepan leer y escribir y cuenten con la disponibilidad para asistir y participar de los encuentros formativos mencionados anteriormente.

El gestor debe mencionar al grupo de formación que funciones cumplirá el líder y habilidades deben tener.

Funciones del líder:

- Concertar con la comunidad los acuerdos o reglas de funcionamiento de la huerta.

- Acordar con la entidad acompañante la proveeduría de insumos y materiales necesarios para la huerta. Acompañar los encuentros formativos que se desarrollen en la huerta.
- Hacerle constantemente mantenimiento y seguimiento a la huerta.
- Inventario de semillas nativas y criollas tarea para la casa (recolección para el segundo encuentro prueba de germinación semillas nativas).

En un pliego de cartulina o papel periódico, el gestor de seguridad alimentaria llevará dibujado el siguiente cuadro (Anexo. 1), con el fin de realizar con los miembros del grupo de formación un inventario de semillas nativas y criollas. Este inventario tiene la finalidad de iniciar un proceso de rescate de las semillas nativas que se están perdiendo en los territorios y que podemos utilizar también en nuestra huerta comunitaria.

Después de realizar el ejercicio del levantamiento del inventario de semillas nativas y criollas, el gestor de seguridad alimentaria orientara a los participantes para que en el marco del encuentro No 2, lleven algunas semillas nativas para la realización de pruebas de germinación, esta actividad quedara como tarea.

Socialización ficha “Conociendo Mi Territorio”: Como prerequisite para llevar a cabo la elaboración de los mapas parlantes en el levantamiento del diagnóstico territorial participativo, los gestores de los 4 componentes deben llevar diligenciada la ficha “Conociendo Mi Territorio” con el fin de socializar a los miembros de los grupos de formación cuales son los principales retos y desafíos que tiene el programa y la comunidad en cada uno de los territorios. Los resultados a socializar deben ser cualitativos y servirán para transmitir conocimientos para la realización del ejercicio posterior.

Para el desarrollo de esta actividad se requiere que el equipo de gestores presentes en este encuentro apoye el trabajo a realizarse y tengan un conocimiento previo de los PBOT o POT de los municipios. Recuerden que durante la actividad se obtiene información como insumo para todos los componentes, por lo tanto cada gestor de componente debe tener claro el objetivo de esta actividad y debe conocer el desarrollo de la misma.

La actividad se inicia con la explicación del gestor del componente social y comunitario de lo que es un mapa parlante y por qué es útil. Se puede presentar como una de las técnicas del diagnóstico territorial participativo, que concibe a las personas como expertas de su realidad. El mapa parlante es generalmente aplicado a comunidades campesinas e indígenas, debido a su formato comprensible y accesible, que permite a grupos con barreras lingüísticas y culturales, comunicar y comprender fácilmente la información.

Activos: Potencialidades, lo que se tiene, lo que se sabe, lo que se hace. Activos materiales (financieros, físicos o naturales), inmateriales (humanos, sociales o culturales – tradiciones).

Problemáticas: Limitaciones, aspectos negativos o situaciones por superar que reconoce la comunidad y afectan a la colectividad (pueden ser en torno a habitabilidad, desarrollo productivo, conflictos sociales y seguridad alimentaria).

Afectaciones: (retomar concepto de los tips conceptuales de esta guía) Para iniciar la actividad se debe organizar el grupo en 3 subgrupos. Cada subgrupo realiza una representación gráfica de los activos de la comunidad, las principales problemáticas y la identificación de afectaciones o daños en el marco de su situación como víctimas del conflicto armado. (Se sugiere hacer una dinámica para dividir los subgrupos, garantizando que en cada subgrupo haya representantes de las veredas o zonas de los hogares que hacen parte del grupo de formación.)

Sub Grupo 1. Realizará el mapa de los Activos de la comunidad

Sub Grupo 2. Realizará el mapa de problemáticas

Sub Grupo 3. Realizará el mapa de las afectaciones: Cada subgrupo asignará un líder, quien se encargará de exponer los resultados de la discusión y los acuerdos.

Se entrega a cada subgrupo la **guía de preguntas** (ver siguiente cuadro) correspondiente al mapa y explique brevemente en qué consiste el mapa que van a construir.

Elaboración de Mapas: Una vez los subgrupos hayan dado respuesta a las preguntas asignadas, se debe proceder a realizar un gráfico del mapa o croquis de su vereda o zona, a partir de las respuestas recogidas. Cada representante de los subgrupos debe leer las preguntas correspondientes (una a una), mientras los demás participantes vayan ubicando y dibujando en el mapa lo que se va solicitando. En caso de que haya términos que no se entiendan, siéntase libre de cambiarlos por un lenguaje más cercano a los participantes.

Socialización de resultados de la actividad Una vez realizados los mapas y ubicada en él la información requerida, cada líder de subgrupo exponen los mapas ante los demás participantes. En el transcurso de la actividad pregunte a los integrantes de cada grupo qué elementos ubicaron en su mapa y por qué.

COLOMBIA. Ley 489 de 1998 y el Decreto 4155 de 2011. **Resolución** n. 21 oct. 2013
Por la cual se reglamenta el Programa Familias en su Tierra. 2013.

ORGANIZACIÓN PARA LA COOPERACIÓN Y EL DESARROLLO ECONÓMICOS. **Directrices del CAD sobre la reducción de la pobreza.** Publicaciones sobre Salud y Derechos Humanos. Nueva York, dic. 2009.

FAMILIAS EN SU TIERRA. Guía metodológica de las actividades para el desarrollar del programa Familias en su Tierra, **Convenio 525 Intervención V**, Prosperidad Social, Fundación Panamericana para el Desarrollo de los Pueblos. Marzo 2018.

ANEXO B- DERECHOS DE PETICIÓN

CORRESPONDENCIA ENVIADA
 Radicado N°: 000236
 Código Asunto: 3001907
 CONSECUTIVOS DE COMUNICACIONES OFICIALES
 Fecha: 16/03/2020 Hora: 11:20 AM
 ALCALDIA MUNICIPAL

	OFICIO	Código: PDO-FR-05
		Versión: 02
		Fecha: 04/01/2010
		Página 1 de 3

Oficio N° 0300-060

Granada, 16 de marzo de 2020

Señora
Alejandra Vélez Giraldo
 Mag. (Geografía) Desarrollo Territorial de América Latina y el Caribe

Asunto: Respuesta al derecho de petición con fines académicos.

Cordial saludo,

Atendiendo el derecho de petición presentado por usted en días anteriores, la Secretaría de Planeación, Desarrollo Económico y Ambiental en compañía de la Unidad Municipal de Atención a las Víctimas (UMAV), se permite contestar lo siguiente:

1. Los programas y proyectos de retorno que se han llevado a cabo en el municipio son los siguientes: Familias en su Tierra, Esquemas Especiales de Acompañamiento, Mas Campo, Mas Sostenible, Volver al Hogar Alcaldía de Medellín, el Servicio Nacional de Aprendizaje SENA, la Unidad de Restitución de Tierras URT, Ruta Integral, Agencia Nacional de Tierras, Proyectos Dinamizadores, Programa de Atención Psicosocial a Víctimas del Conflicto -PAPSIVI, Proyectos Productivos acompañados por ACNUR, Proyectos de Memoria Histórica acompañados por PNUD, Acompañamiento permanente por parte del Ejército Nacional y el Desminado Humanitario, Agencia de Cooperación Internacional del Japón (en Granada, el proyecto impacto la población con discapacidad y la casa Senderos de Esperanza), sistema de caracterización a la población víctima SITAV.
2. Se han caracterizado 9.637 personas, es decir un 80,40% de la población retornada ha sido caracterizada. Por lo tanto, se tiene un valor de 9.637 personas retornadas.

Respecto a la cantidad de personas reincorporadas no se cuenta con un censo en el municipio.

Contáctenos
 Teléfono: (+57 4) 8520549
 Correo electrónico: info@granada-antioquia.gov.co
 Dirección: Calle 20 No. 20 - 05, Granada - Antioquia.
 Código postal: 054410



 Alcaldía Granada - Antioquia	OFICIO	Código: PDO-FR-05
		Versión: 02
		Fecha: 04/01/2010
		Página 2 de 3

Finalmente se cuenta con un censo de personas migrantes de 220 personas a la fecha.

3. Teniendo en cuenta que Granada es un municipio víctima del Conflicto Armado enmarcado en la Ley 1448 de 2001, todos los programas y proyectos están orientados a población vulnerable. En este sentido EL ESNARIV prioriza todas las ofertas del Estado hacia sus Ministros, la UARIV, DPS y demás instituciones para que lleguen a los entes territoriales como el municipio de Granada y demás municipios afectados por el fenómeno del conflicto.
Adicionalmente, cabe mencionar que los programas mencionados en el literal 1 hacen parte de esta línea.
4. Actualmente en el municipio se encuentran en operación las siguientes centrales hidroeléctricas: central hidroeléctrica Calderas, de ISAGEN, PCH Los Molinos con su proyecto de generación hidroeléctrica en el río San Matías. Por otra parte, se encuentra en fase de construcción la PCH La Cascada de Granada, iniciativa del municipio, cedida mediante contrato BOOMT a la empresa PCH INMAQ.
Finalmente se encuentra en fase de estudio y solicitud de licencia ambiental la PCH El Tabor.
5. Las empresas que hacen presencia en el territorio fueron enunciadas en el punto anterior. Adicionalmente, la información de estos proyectos se encuentra canalizada por la autoridad ambiental competente, quien es la encargada de otorgar la concesión y permisos ambientales del caso para la producción energética. Finalmente, los cargos de interventoría y veeduría son desempeñados por diferentes figuras según sea el caso, sin intervención directa del municipio. La interventoría es contratada por la empresa interesada en desarrollar el proyecto hidroeléctrico, mientras que la veeduría parte de una iniciativa de la comunidad impactada a partir de sus líderes y procesos de organización.
6. Respecto a las hectáreas que están en proceso de restitución de tierras, no se tiene un valor específico toda vez que la definición de este dato por parte del municipio no ha tenido un proceso de sistematización, además la base de datos catastral, que es la fuente de información oficial de los predios del municipio, presenta información consolidada en el año 1991, lo que

Contactos
Teléfono: (+57 4) 8326549
Correo electrónico: info@granada-antioquia.gov.co
Dirección: Calle 20 No. 20 - 05, Granada - Antioquia.
Código postal: 054410



 Alcaldía Granada - Antioquia	OFICIO	Código: PDO-FR-05
		Versión: 02
		Fecha: 04/01/2010
		Página 3 de 3

imposibilita determinar un valor verídico de la unidad de área del territorio que está en proceso de restitución. Esta información podría canalizarse de manera más oportuna a través de la Unidad Administrativa Especial de Gestión de Restitución de Tierras Despojadas (UAEGRTD). Dicha entidad es la encargada de recepcionar y tramitar los procesos, realizando incluso un levantamiento cartográfico en campo, que incluye un análisis jurídico y catastral de los predios a restituir.

Atentamente,


JORGE ANDRÉS ALZATE HOYOS
Secretario de Planeación, Desarrollo Económico y Ambiental.

Contáctenos
Teléfono: (+57 4) 8320549
Correo electrónico: info@granada-antioquia.gov.co
Dirección: Calle 20 No. 20 - 05, Granada - Antioquia
Código postal: 054410



SECRETARIA DE PLANEACIÓN.: **Derecho de petición** para información de hidroeléctricas en el municipio. Granada, Alcaldía Municipal. agt. 2020.